

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA E**  
**METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS**

**LACAN E O ESTRUTURALISMO**

**Maria Cristina Merlin Felizola**

**São Carlos/SP**

**2000**

## **LACAN E O ESTRUTURALISMO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA E  
METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS**

**LACAN E ESTRUTURALISMO**

**Maria Cristina Merlin Felizola**

Richard Theisen Simanke

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Filosofia, área de concentração em Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise.

**São Carlos**

**2000**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

F316le

Felizola, Maria Cristina Merlin.

Lacan e o estruturalismo / Maria Cristina Merlin Felizola. --  
São Carlos : UFSCar, 2009.  
150 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São  
Carlos, 2000.

1. Lacan, Jacques, 1901-1981. 2. Estruturalismo. 3.  
Psicanálise. 4. Linguagem. I. Título.

CDD: 128 (20<sup>a</sup>)



## ATA DO EXAME DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MESTRANDO: MARIA CRISTINA MERLIN FELIZOLA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EPISTEMOLOGIA DA PSICOLOGIA E DA PSICANÁLISE

Aos **vinte e três** dias do mês de **março** de 2000, às **10:00** horas, na sala anexo, do Edifício **A-6**, da Universidade Federal de São Carlos, reuniu-se a Banca Examinadora nas formas e termos do Artigo 28 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências, composta pelos professores: **Doutor Richard Theisen Simanke (Orientador – UFSCar); Doutor Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior (Membro Titular-UFSCar) e Doutor Reinaldo Furlan (Membro Titular – USP-Rib. Preto)**, para o Exame de Dissertação de Mestrado de **MARIA CRISTINA MERLIN FELIZOLA** intitulada “**Lacan e o Estruturalismo**”. A sessão pública foi instalada pelo Presidente da Banca Examinadora o qual após a explanação do candidato passou a palavra aos demais membros da Banca Examinadora. Terminada a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, tendo atribuído ao candidato, os conceitos abaixo indicados:

**Dr. Richard Theisen Simanke**

Conceito: A

**Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior**

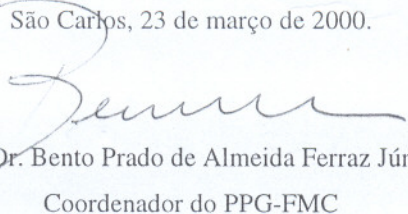
Conceito: A

**Dr. Reinaldo Furlan**

Conceito: A

De acordo com o Artigo 28 o candidato foi aprovado com o conceito A. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e para constar, eu Rose Mary Queiroz Rosa, secretária da CPG do PPG-FMC, lavrei a presente ata a qual será assinada pelo Coordenador do Programa.

São Carlos, 23 de março de 2000.

  
Prof. Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior  
Coordenador do PPG-FMC

Universidade Federal de São Carlos  
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Caixa Postal 676  
Fone: (0xx16) 260.8368 – Fax: (0xx16) 260-8368  
CEP: 13.565-905 – São Carlos – SP - Brasil

**PPG-FMC**  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia e  
Metodologia das Ciências  
Centro de Educação e Ciências Humanas

Para meus filhos, Julia, LÍgia e Matheus e  
para meu marido Roberto.

Agradeço aos meus filhos pelas horas roubadas de nossa convivência, ao meu marido pelo pouco tempo que pude lhe dedicar, aos meus pais por sempre acreditarem em mim, ao meu orientador Richard e à Bernadete por sempre me escutar.

## RESUMO

O presente trabalho surgiu da necessidade de compreender a frase de Lacan “o inconsciente é estruturado como linguagem”. Concluímos que com esta afirmação Lacan apontou para dois pontos importantes: Sua incursão ao movimento estruturalista e a adoção da Lingüística como referencia.

Primeiro sentimos necessidade de conhecer o movimento estruturalista e seus maiores contribuidores. Buscamos algumas definições a respeito do estruturalismo e selecionamos as principais idéias: a de *conjunto* (os elementos se unem num conjunto que deve ser visto, diferentemente, da soma de duas partes); a de *relação* entre esses elementos e a de *modelo explicativo* da lógica de organização dos mesmos. Os estruturalistas tiveram muita preocupação em buscar um modelo capaz de explicar o maior número possível de aspectos de um fenômeno, de uma maneira mais simples, ou seja, mais econômica.

Em relação à lingüística a contribuição veio da fonologia, esta serviu de modelo por considerar os termos em suas relações internas, por introduzir a noção de estrutura e por também buscar a construção de leis gerais. O grau de formalização que atingiu foi tal, que a lingüística passou a servir de influência para outras disciplinas das ciências humanas, no propósito de ascenderem à categoria de ciências rigorosas.

O movimento estruturalista foi exatamente esse momento, onde as ciências humanas procuraram encontrar sua formalização. As relações sociais passaram a apresentar um modelo de construção, que além de revelar a organização, mostrava que este apresentava uma lógica interna subjacente ao real. A sociedade humana passava ser vista de forma a evidenciar o código, a regra, e a estrutura. Fazia-se necessário criar um novo método para abordar as sociedades e o homem. O inconsciente, a sociedades



primitivas e tudo que havia sido recalcado na história ocidental encontrou lugar no movimento que buscava a gramática do pensamento humano.

## **ABSTRACT**

The present work has arisen of the need to understand the Lacan statement "the unconscious is structuralized as language". With this affirmation Lacan has pointed to two important directions: His incursion to the structuralism movement and the adoption of the Linguistics as reference.

First we feel the necessity to know the structuralism movement and its bigger contributors. The structuralists have had much concern in searching a model which could explain the biggest possible number of aspects of a phenomenon, in a simpler and economic.

In relation to the Linguistics the contribution came from the Fonology, this served as model for considering the terms in its internal relations, for introducing the structure notion and also searching the general laws construction. The formalization degrees that the Linguistics reach was such that it started to serve as influence for others disciplines of human being sciences, in their intention to ascend to the category of rigorous sciences.

The structuralism brought a new method to approach the societies and the man. The unconscious, the primitive society and everything that had been depressed in the occidental History has found a place in the movement that searched the grammar of the human being thought.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 .....	12
ESTRUTURALISMO: O INCONSCIENTE COMO CHAVE EXPLICATIVA DO FENÔMENO HUMANO.....	12
1.1 O termo estrutura – um breve histórico.....	14
1.2 Estruturalismo: momento – movimento.....	19
1.3 O modelo estruturalista.....	31
CAPÍTULO 2 .....	40
A ADOÇÃO DO PARADIGMA ESTRUTURALISTA POR LACAN.....	40
2.1 A Tese de doutorado.....	43
2.2 A influência de Lévi-Strauss.....	45
2.2.1 A Eficácia Simbólica.....	45
2.2.2 O Feiticeiro e sua Magia.....	50
2.2.3 A Estrutura dos Mitos.....	59
2.3 O mito individual do neurótico.....	64
2.3.1 Caso do “Homem dos Ratos”.....	70
2.4 Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise.....	77
2.4.1 Fala vazia e fala plena na realização psicanalítica do sujeito.....	79
2.4.2 Fala Plena.....	82
2.4.3 Símbolo e linguagem como estrutura e limite do campo psicanalítico.....	87
2.4.4 As ressonâncias da interpretação e o tempo do sujeito na técnica psicanalítica.....	92
CAPÍTULO 3 .....	97
CONSOLIDAÇÃO DO PARADIGMA ESTRUTURALISTA – O RETORNO A FREUD.....	97
3.1 O Seminário sobre “A carta roubada” – O percurso de um significante.....	99
3.2 A coisa freudiana – a prática psicanalítica.....	114
3.2.1 O papel do analista.....	121
3.3 A instância de letra e o inconsciente desde Freud.....	127
3.3.1 A letra no inconsciente.....	134
CONCLUSÃO.....	145
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	149

## INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu da necessidade de compreender a frase de Lacan “o inconsciente é estruturado como linguagem”, frase esta há muito comentada e não poucas vezes citada na literatura psicanalítica.

Com esta afirmação Lacan apontou para dois pontos importantes: sua incursão ao movimento estruturalista e a adoção da Lingüística como referência.

Primeiro, sentimos necessidade de conhecer o movimento estruturalista, seus maiores contribuidores e a visão adotada por estes. Fizemos um levantamento do termo estrutura e seu uso nos diversos momentos, desde a arquitetura, contexto inicial, até os anos 50-60, já como estruturalismo, quando foi apontado como movimento de contestação e de contracultura que trouxe uma nova visão para abordar as culturas “primitivas” e o homem de maneira geral.

Também estudamos a contribuição da Lingüística para alicerçar os paradigmas básicos do estruturalismo, já que foram os lingüistas os primeiros a reconhecer que os fenômenos por eles estudados eram, além de sociais, fisiológicos e psicológicos.

Em seguida procuramos apontar os textos que Lacan teria usado como inspiração para se tornar estruturalista, ainda que por um breve período. Lacan afirmou que Lévi-Strauss foi o grande promotor de sua virada estruturalista: “Se eu pudesse caracterizar o sentido em que fui sustentado e levado pelo discurso de Claude Lévi-Strauss, diria que foi no acento que ele pôs – espero que ele não recuse a amplidão dessa fórmula à qual não pretendo reduzir sua investigação sociológica ou etnográfica – naquilo que chamarei de função do significante, no sentido que tem este termo em lingüística, à medida que o significante, não direi

apenas que, se distingue por suas leis, mas que prevalece sobre o significado ao qual ele as impõe”.<sup>1</sup>

Os textos de Lévi-Strauss: *O feiticeiro e sua magia* e *A eficácia simbólica* foram trabalhados, porque serviram de referência para Lacan, por evidenciarem o modelo lógico, a estrutura que permeava os fatos sociais, a função simbólica como lei da organização inconsciente das sociedades humanas, assim como, o inconsciente como órgão, cuja função seria impor leis estruturais.

O texto de Lacan, *O mito individual do neurótico* tem como ponto de partida o texto de Lévi-Strauss, *A estrutura do mito*. Esse pode ser considerado como o primeiro texto que mostra a influência do estruturalismo na obra de Lacan, nele o Complexo de Édipo é revisto na abordagem estruturalista, é lido como um mito, onde cada elemento desempenha uma função. São trabalhados quatro elementos: a função simbólica; o eu e o sujeito colocado como os dois pólos da relação narcísica; e a experiência de morte, esta sim, constitutiva de todas as manifestações da condição humana.

Trabalhamos, ainda, com o texto *Discurso de Roma*, onde Lacan apresenta o seu programa estruturalista ao defender a teoria estrutural do tratamento.

Na terceira parte, abordamos o momento de consolidação do movimento estruturalista na obra de Lacan, chamado o retorno a Freud. Abordamos os textos: *A carta roubada*, *A coisa freudiana* e *A significação do falo* que mostram tanto o desenvolvimento como a aplicação deste pensamento em seus escritos.

Também trabalhamos *A instância da letra e o inconsciente desde Freud*, um texto tipicamente estruturalista e considerado uma síntese deste momento.

---

<sup>1</sup> Lacan, Jacques. Intervention dans la discussion sur l'exposé de C. Lévi-Strauss sur les rapports entre la mythologie et le rituel” **In J. Lacan, Travaux et interventions.**

Parece ser uma tentativa de Lacan, em reformular a Psicanálise nos moldes desta nova abordagem. Os pontos destacados foram: o percurso do significante, a determinação do sujeito pelo significante e a prática psicanalítica revista à luz do estruturalismo.

## **CAPÍTULO 1**

### **ESTRUTURALISMO: O INCONSCIENTE COMO CHAVE EXPLICATIVA DO FENÔMENO HUMANO.**

O estruturalismo, enquanto modelo de investigação, influenciou marcadamente toda uma geração de pensadores ligados às Ciências Sociais. Inicialmente seduziu a muitos, já que trazia a possibilidade de elevar as diversas disciplinas das ciências humanas à categoria de ciências rigorosas. Com o passar do tempo surgiram as críticas, mas sua visão em relação aos fatos sociais considerados como um conjunto de partes que se organizam numa totalidade e que possuem leis próprias de funcionamento, não pode ser contestada.

Várias foram as definições apresentadas para esse método. Destacamos algumas delas:

Segundo Joseph Hrabák<sup>2</sup>, o Estruturalismo não é tão somente um método ou mesmo uma doutrina, mas sim um ponto de vista epistemológico, que se estende a todas as áreas de conhecimento humano, que vai das ciências físicas à arte. Postula que todo conceito num certo sistema é determinado por todos os outros conceitos do mesmo sistema, nada significa por si próprio, só sendo inteligível quando integrado no sistema, na estrutura da qual faz parte e onde tem lugar definido.

Para Hubert Lepargneur<sup>3</sup>, o Estruturalismo é um método altamente sério, onde se pretende conseguir positividade e objetividade. Ao atingir a cientificidade

---

<sup>2</sup> Câmara Jr, J. Mattoso. O estruturalismo lingüístico In Revista Tempo Brasileiro-Estruturalismo, p. 5.

<sup>3</sup> Lepargneur, Hubert. Introdução aos Estruturalismos. Cap. 1.

seria possível rejeitar as contaminações ideológicas. Esse método poderia ser visto ainda, como a gramática geral do conhecimento humano; gramática geral que reuniria não só as leis que regem nossos pensamentos, mas também as leis de aparecimento e desenvolvimento dos fenômenos culturais ou naturais, uma vez que procura sempre descobrir, por trás das aparências, além da organização aparente do objeto, estruturas inteligíveis que expliquem um determinado funcionamento.

Para Lévi-Strauss, o estruturalismo é a teoria do simbólico por enfatizar a natureza inconsciente dos fenômenos culturais. Seria, em última análise, o encontro da lingüística e da antropologia, já que para ele todos os sistemas culturais são “linguagens”, à medida que regulam não somente a constituição das mensagens, mas também a sua circulação. Lévi-Strauss buscou na Lingüística Estrutural a inspiração formalista e empregou-a como método analítico da investigação antropológica.

Com todos os usos dados ao termo estrutura, verificamos que a idéia de conjunto, juntamente com a relação que se estabelece entre as partes, assim como a idéia de modelo que pudesse explicar a lógica da organização dos elementos do conjunto são as predominantes.

Através dessas referências, podemos concluir que o estruturalismo se estabeleceu como um ponto de vista epistemológico, que utilizava a noção de estrutura, incluindo o sistema, o modelo, a reação deste modelo a partir da modificação de um dos elementos do conjunto, para explicar os fenômenos sociais observados e encontrar a chave explicativa para sua formação.



Para Lévi-Strauss é possível encontrar o modelo verdadeiro para descrever e explicar um grupo de fenômenos. “Todavia, o melhor será sempre o modelo *verdadeiro*, que quer dizer aquele que, sendo o mais simples, responder à dupla condição de não utilizar outros fatos além dos considerados e explicar todos. A primeira tarefa é saber quais são estes fatos.”<sup>4</sup>

### **1.1 O termo estrutura – um breve histórico.**

O termo estrutura vem do latim *structura*, derivado do verbo *struere*, que quer dizer construir, estando, portanto originariamente ligado à arquitetura, já que designa “o modo pelo qual está construído um edifício”<sup>5</sup>

Lá pelo século XVII – XVIII, por analogia, seu uso se estende para um contexto relacionado ao homem, tanto no que se refere ao seu corpo, visto como uma construção, um todo que possui partes inter-relacionadas formando um sistema (Fontenelle), quanto às suas produções, principalmente a língua. A partir deste momento, podemos pensar língua e organismo como um conjunto formado por partes. “O termo assume então o sentido da descrição da maneira como as partes integrantes de um ser concreto organizam-se numa totalidade. Pode abranger múltiplas aplicações (estruturas anatômicas, psicológicas, geológicas, matemáticas ...).”<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Lévi-Strauss, Claude. A noção de estrutura em etnologia In Revista Tempo Brasileiro 15/16. p. 69

<sup>5</sup> Bastide, R. Usos e Sentidos do Termo “Estrutura”. p.2

<sup>6</sup> Dosse, François. História do estruturalismo. p.15

L. Bernot<sup>7</sup> observa que, desde os primórdios a palavra designava simultaneamente um conjunto, as partes deste conjunto e as relações dessas partes entre si.

No século XIX Spencer, Morgan e Marx dão suas contribuições no campo das ciências humanas, ao verem os fatos sociais como uma combinação complexa das várias partes de um conjunto numa acepção mais abstrata.

Spencer – por volta de (1860 – 1865) teria introduzido o termo estrutura e seria, para muitos, o pai esquecido desse<sup>8</sup>. Ele toma da biologia o termo e o identifica à organização social, contudo não confunde o organismo social com o organismo biológico, pelo contrário, insiste na sua diferença.

Morgan - em seus estudos sobre os iroqueses, falou em “sistemas” de parentescos e não em “estruturas”. Morgan nestes estudos (conhecidos por volta de 1850) fez uma análise estruturalista. Lévi-Strauss comenta no relatório do colóquio: “Morgan isola os sistemas de parentesco e tenta encontrar uma linguagem comum que seja recorrente em grande número de sociedades e tal que permita passar de uma a outra por uma série de transformações.”<sup>9</sup>

Marx – ensinou que as realidades manifestas não são, necessariamente, as mais significativas e que cabe ao investigador criar modelos que permitam o acesso aos fundamentos do real e ultrapassar a aparência sensível. Lévi-Strauss comenta em *Tristes Trópicos*, “Marx nos ensinou que as ciências sociais não se constroem no plano dos acontecimentos do mesmo modo que a física não se

---

<sup>7</sup> Bastide, R. op. cit., p.2

<sup>8</sup> Id. ibid, p.3

<sup>9</sup> Id. ibid., Comentário de Lévi-Strauss, por ocasião do colóquio realizado na França tendo como tema: Usos e sentidos do termo “estrutura” p. 165

assenta em dados da sensibilidade.”<sup>10</sup> A contribuição de Marx para o conceito de estrutura é muito importante, pois em sua concepção, a estrutura não é algo fechado, mas algo que se abre sobre alguma coisa mais profunda, é flexível, dialética. No pensamento de Marx nada é fixo, mas sempre flexível, móvel. A estrutura também traz esta idéia de flexibilidade e mobilidade.

Durkheim, consagra o termo estrutura no final do século XIX, (*Les règles de le méthode Sociologique*, 1895), onde dizia que era preciso tratar os fatos sociais como coisas e seu objeto de estudo era a ciência do homem. Para ele a sociedade constituía um todo irreduzível à soma de suas partes, a noção de sistema era predominante na sua teoria.

Outros autores também deram suas contribuições. Radcliffe - Brown<sup>11</sup>, colocou que existia uma analogia real e significativa entre as estruturas orgânica e social. Para ele uma sociedade consistia num grande número de relações sociais num dado momento e a estrutura consistia no conjunto destas relações. A estrutura se definiria por sua coerência interna e por sua permanência no tempo, neste sentido, Radcliffe – Brown quis distinguir o que é contingente do que não o é, e para isto estudou uma só sociedade em diversos momentos. Tonnies diferenciou dois grandes tipos de estruturas: as comunitárias e as societárias e Weber falou das estruturas de “castas” ou de “ordens”.

Na psicologia, foi a Teoria da Gestalt que mais contribuiu para que o Estruturalismo se tornasse um dos traços dominantes da psicologia contemporânea. Para a Teoria da Forma a idéia dos elementos simples é rejeitada para explicar o conjunto. O conhecimento do conjunto não pode ser deduzido do

---

<sup>10</sup>Dosse, François. *História do Estruturalismo*. p.35

<sup>11</sup>Bastide, R. *Usos e Sentidos do termo “Estrutura”*. p.3

conhecimento das partes, já que o conjunto não representa simplesmente a soma destas, também não é possível se ter um conhecimento das partes sem referência ao conjunto.

No ano de 1926, o verbete *structure* do **Vocabulário de Filosofia de A Lalande**<sup>12</sup> traz, para o termo estrutura psicológica, esta definição: “em oposição a uma simples combinação de elementos, um todo constituído de fenômenos solidários, de modo que cada um depende dos outros e pode ser aquilo que é apenas na (e pela) sua relação com eles.” Esta definição substituiu a anterior, que colocava os elementos em combinação, mas de uma forma estática.

Em 1930, com a publicação do livro de Freyer<sup>13</sup>, pôde se observar a preocupação estruturalista em todas as ciências sociais, bem como a mudança de sentido que esta palavra sofreu sob influência dos novos conhecimentos adquiridos no campo da lógica e da matemática.

Com o desenvolvimento da matemática, foi possível passar da acepção organicista do termo para uma acepção matemática, particularmente no que se refere à teoria dos conjuntos, “possibilitando à teoria dos modelos designar por estrutura um sistema bem especificado de relações ou de leis, que descrevem o funcionamento do fenômeno representado por um modelo.”<sup>14</sup> As matemáticas mostraram que a estrutura não é algo dado, mas algo inteligível.

---

<sup>12</sup> Bastide, R. op. cit., p. 6

<sup>13</sup> Id. Ibid., p. 5. O livro citado de Hans Freyer é *Soziologie als wirklich keuswissenschaft*, Leipzig & Berlin, 1930

<sup>14</sup> Id. ibid., p. 7

Segundo Perroux,<sup>15</sup> os economistas teriam usado o termo na guerra de 14 e na crise de 29, quando se referiram às chamadas “reformas estruturais”.

O termo foi largamente usado nas ciências sociais e disciplinas afins, mas os teóricos queriam uma definição, uma síntese que pudesse satisfazer a todos. Foi na busca desta definição que se realizou um colóquio (Paris, de 10 a 12 de janeiro de 1959), com especialistas de diversas ciências. Muitas das colocações foram citadas acima, mas, poderíamos ainda acrescentar que “parecem despontar no emprego do termo estrutura duas tendências, uma que parte da biologia e outra da matemática.”<sup>16</sup> e ainda dois sentidos gerais:

1. **O que faz da estrutura uma definição do objeto.** – considerada como a estrutura que organiza a realidade física do objeto estudado, como o esqueleto do organismo ou constituição fundamental de uma sociedade, fazendo então parte da realidade. A ciência poderia purificá-la ao retirar os caracteres acidentais, conseguiria assim defini-la e exprimir suas normas.

2. **O que faz dela uma construção conformadora do objeto.**- aqui colocada como modelo, sentido mais aceito pelos estruturalistas, já que para eles a estrutura não seria a simples organização do objeto. Consideram que o modelo é algo construído para explicar o maior número possível de aspectos de um fenômeno, da maneira mais simples, ou seja, mais econômica.

Com este breve histórico procuramos mostrar a origem do conceito estruturalismo, que provocou tanta admiração e tanta controvérsia.

---

<sup>15</sup> Escobar, Carlos Henrique de. Reposta a Carpeaux: estruturalismos In Revista Tempo Brasileiro 15/16, p.102

<sup>16</sup> Bastide, R. op.cit., p. 13

A idéia de construção, do modo pelo qual algo é construído, nunca foi abandonada. No estruturalismo, ela foi utilizada numa visão que permitiu colocar as relações sociais em um modelo de construção, que além de revelar sua organização, mostrava que esta organização apresentava uma lógica interna, subjacente ao real. Isso permitiu lançar sobre a sociedade humana um olhar diferente, onde foram evidenciados o código, a regra e a estrutura.

Com esta nova visão, experimentamos um período muito fecundo nos domínios das ciências dos homens.

## **1.2 Estruturalismo: momento – movimento.**

Quando pensamos em estruturalismo, duas palavras nos vêm à mente: momento e modelo. Momento, porque surgiu numa época em que se buscava a superação do academicismo, já que tanto a Filosofia como a Ciência proposta nos meios acadêmicos encobriam preconceitos e ideologias. Por isso, o estruturalismo foi chamado de tempo forte da consciência crítica, por se constituir num momento de oposição aos dogmas, onde tudo que fora recalcado na história ocidental encontrou lugar. Com isto, muitos saberes relegados ao segundo plano, conquistaram a condição de ciência. As ciências sociais tiveram de repensar suas bases e propor um conjunto original de reflexões teóricas sobre o cultural e o social. A observação também foi utilizada e os fatos foram descritos, porém sem serem comprometidos por uma ideologia.

É possível perceber a ruptura com o pensamento da época no comentário de François Dosse: “Nessa perspectiva importa identificar as falsas certezas e os verdadeiros dogmatismos, os procedimentos reducionistas, mecânicos e interrogar

a validade dos conceitos transversais utilizados pelas ciências sociais para além das fronteiras disciplinares.”<sup>17</sup> A função do estruturalismo foi a de contestação e de contracultura. Graças ao paradigma estruturalista, todo um saber proscrito à margem das instituições canônicas conseguiu lugar. Por isso pode ser considerado o estandarte dos modernos em sua luta contra os antigos e o instrumento usado para eliminar a ideologia dos intelectuais comprometidos ao ritmo das desilusões da segunda metade do século XX.

Por volta dos anos 50 nota-se uma progressão da referência aos fenômenos de estrutura, que atinge seu auge nos anos 60, quando o modelo estruturalista influencia toda a intelectualidade da época. “Até 1966, é o progresso que parece irresistível, a fase ascendente da atividade estruturalista. A partir de 1967, é o início do refluxo, das críticas, das tomadas de posição, de distanciamento em relação ao fenômeno estruturalista incensado em prosa e em verso por toda a imprensa. O refluxo precede o evento de 68.”<sup>18</sup>

Na visão de Lévi-Strauss, o estruturalismo foi a maneira de resolver a decepção do “método” utilizado até então para resolver os problemas apresentados, onde se opunham dois pontos: o vivido (da ordem do senso comum) e o intelectual (mecanismo de raciocínio que serviria de crivo na explicação da realidade). O novo paradigma proposto recusa o dualismo, e faz a união íntima do sensível e do intelectual, já que a verdade deve ser vivida antes de ser dita. Portanto, a ordem não vem de fora, ela não é uma abstração cômoda, uma forma arbitrária, ela é inerente à própria cultura.

---

<sup>17</sup> Dosse, François. Op. cit., p.18

<sup>18</sup> Dosse, François. Op. cit., p.17

O estruturalismo, enquanto uma nova teoria reage contra o que o precedeu, como a hipótese do progresso que nasceu no século XVIII, ao imperialismo do historicismo que deu a mística dominante no século XIX, ao humanismo existencialista do século XX, e aos neo-evolucionistas representados pelo teilhardismo

Ao trabalhar a evolução, os diversos pensamentos sempre colocaram em evidência o que permanecia de uma fase em outra, o que se mantinha igual. Já, o estruturalismo buscava trabalhar não mais com o que permanecia igual, mas sim com as mudanças. Ao confrontar as diferenças, tentava encontrar um meio de organizar os fenômenos e os seres.

As indagações do estruturalismo eram sempre: Por que mudou? Como mudou? Quais foram as leis que determinaram estas mudanças?

Para encontrar estas respostas o estruturalismo retomou a noção de estrutura que pode ser definida como: a articulação de elementos correlativos uns aos outros e também um conjunto de elementos quaisquer, para os quais são definidas uma ou diversas leis de composição ou articulação. Imaginou as diferenças como combinatória de parâmetros, tentou estabelecer as leis das permutas e, à medida do possível, o quadro teórico das possibilidades de combinações, o que deu abertura aos modelos cíclicos na História e na natureza.

Compreender para os estruturalistas significava classificar, organizar, comparar, ordenar os elementos colocando-os uns em relação aos outros.

Para provar que a evolução se dá de forma organizada e não por acaso, era necessário descobrir a lógica, as leis de composição ou articulação dos grupos sociais.



A adoção do método estruturalista implicava na recolocação do método frente ao objeto novo e não podia ser a partir dele, que certo objeto devesse ser privilegiado e outro abandonado. É por isso que as sociedades primitivas e o inconsciente despertaram tanto interesse neste método, que se voltou para tudo que fora recalcado na história ocidental, até então.

Merleau-Ponty ajudou nesta empreitada, ao abrir “o campo filosófico à inteligibilidade do irracional, sob a dupla figura do louco e do selvagem”<sup>19</sup>. Ele posicionou a Filosofia em relação às ciências do homem, já que para ele existia uma espécie de complementaridade entre elas. Com isso, conseguiu dar uma posição de destaque à Psicanálise e à Antropologia, que passaram a despertar maior interesse. Podemos observar esta tendência com afirmação do próprio Merleau-Ponty: “A tarefa consiste, pois em ampliar a nossa razão a fim de torná-la capaz de compreender o que em nós e nos outros, precede e excede a razão”<sup>20</sup>.

Parece um paradoxo colocar os termos estrutura e movimento juntos. Como mencionamos anteriormente, “estrutura” (derivado do verbo *struere*, construir) nos dá idéia de algo estático, mas também nos remete à idéia de conjunto, as partes desse conjunto e as relações dessas partes entre si. Mostra que existem relações entre as partes e a modificação de um elemento pode modificar outros elementos; neste sentido, a possibilidade de movimento está implícita dentro do conjunto.

No livro *Introdução aos Estruturalismos* encontramos esta definição: “Uma estrutura é um conjunto de elementos entre os quais existem relações, de forma que toda modificação de um elemento ou de uma relação acarreta a modificação

---

<sup>19</sup> Dosse, François. Op. cit., p.61

<sup>20</sup> Dosse, François. Op. cit., p.61

de outros elementos e relações...A estrutura é a concretização de certas leis que procuram e mantêm certo equilíbrio num conjunto que, na perspectiva em questão, pode ser considerado fechado”.<sup>21</sup>.

Os fatos, para o estruturalismo, são partes de um todo e somente em referência a esse todo é que podem ser apreciados. Neste sentido, temos uma inter-relação entre as partes que se associam e se completam, não como um conjunto onde temos uma união de componentes e de suas propriedades, nem como uma síntese, onde os componentes se fundem e desaparecem numa unidade maior, mas como um sistema que permite determinar propriedades novas.

“Trata-se sempre de descobrir, por trás das aparências, além da organização aparente do objeto, estruturas inteligíveis que expliquem certo funcionamento e isso num campo que se relaciona com a atividade humana, individual ou coletiva (nenhuma atividade humana, no seu exercício concreto pode escapar ao condicionamento cultural)”.<sup>22</sup>

Tal como num jogo de xadrez, onde as peças são definidas por suas relações recíprocas e pelas regras do jogo, e não por sua substância ou por seu aspecto exterior.

Foi após esta idéia que o estruturalismo buscou um modelo onde a estrutura pudesse explicar os fatos com economia, ou seja, numa forma simplificada. Para isso era necessário encontrar uma unidade de solução, onde houvesse a possibilidade de restituir o todo a partir de uma das partes e também de prever os possíveis desenvolvimentos a começar dos dados atuais. Esse modelo poderia clarificar a realidade e torná-la mais inteligível.

---

<sup>21</sup> Lepargneur, Hubert. op. cit., p.5

<sup>22</sup> Id. Ibid., p.5

O modelo mais simples é que pode explicar todos os fatos. “A natureza do inconsciente que obedece a uma lei de economia, designa o modelo verdadeiro como o mais simples e funda uma concepção realista, onde a ciência pretende atingir a natureza profunda das coisas.”<sup>23</sup>

Ao propor um novo modelo de abordagem, os estruturalistas se depararam com a questão de que o conhecimento só poderia se impor, se fosse considerado científico ou se pudesse produzir uma teoria. Foi a Lingüística Estrutural que serviu de modelo de cientificidade, já que há muito se constituíra num instrumento de análise lingüística, através de Saussure e dos formalistas russos. Foi da Lingüística Estrutural que saiu a raiz da elaboração metodológica de Lévi-Strauss e em Saussure que o corte sincrônico ganhou significação altamente estratégica, por ter sido privilegiada em sua análise.

Mauss já havia apontado o papel importante da lingüística. Desde 1924, Marcel Mauss já definia a vida social como um mundo de relações simbólicas e o inconsciente como o fator que dava a especificidade dos fatos sociais. Como o acesso ao inconsciente passa pela mediação da linguagem, Mauss abriu o caminho para que a Antropologia e a Psicanálise se apoiassem na Lingüística. “Entre os sociólogos, os lingüistas têm a ventura de terem sido os primeiros a reconhecer que os fenômenos que eles estudam eram, como todos os fenômenos sociais, primeiro sociais, mas eram também, ao mesmo tempo, fisiológicos e psicológicos. Ele considera isso razão suficiente para tomar a lingüística como modelo para as ciências sociais.”<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Lépine, Claude. O Inconsciente na Antropologia de Lévi-Strauss. p.11

<sup>24</sup> Mauss, Marcel. Sociologie et Antropologie. p. 299

Lévi-Strauss viu na fonologia um sistema eficaz para explicar os fenômenos culturais estudados por ele; desta retirou os paradigmas básicos para seu estudo antropológico e que posteriormente seriam adotados pelos estruturalistas. A fonologia serviu de modelo por considerar os termos em suas relações internas e não nas suas especificidades, por introduzir a noção de sistema, por visar a construção de leis gerais e buscar ultrapassar o estágio dos fenômenos lingüísticos conscientes.

Esta ciência, além de considerar os fonemas como elementos de um sistema, mostrava sistemas fonológicos concretos e colocava em evidência sua estrutura. A fonologia decompôs o material complexo da língua num limitado número de fonemas e dedicou-se a localizar e identificar os elementos diferenciais entre as línguas, ou seja, estudou um número limitado de variáveis.

Esta visão é incorporada ao método de Lévi-Strauss, que afirma que os termos de parentesco são elementos de significação e tal como os fonemas só adquirem essa significação sob a condição de se integrarem em sistemas. Ao colocar que a cultura recobre o biológico e que a interdição do incesto teria algo mais do que a questão da consangüinidade e da moral, Lévi-Strauss apresenta o parentesco como uma linguagem.

A proibição do incesto revela uma exigência do grupo sobre as famílias, que precisam ceder aos outros as mulheres da casa para que se formem novos núcleos sociais. Pais e irmãos não devem usar suas filhas e irmãs, não por um motivo biológico, mas sim para que novas alianças sejam estabelecidas. As relações de pura consangüinidade (natureza) são assim superadas pela aliança (cultura). É a única lei, ao mesmo tempo universal e normativa entre os homens.

Lévi-Strauss também percebe que os sistemas matrimoniais, que se organizam em torno da relação entre a regra de filiação e residência, são tão arbitrários quanto o signo saussuriano. Ao procurar qual a estrutura imanente nesta passagem, acaba por adaptar ao terreno antropológico a noção de significante, não mais em oposição som-conceito, mas sim estrutura-sentido, reconhecendo, assim, a preponderância da sincronia.

É na lingüística de Saussure que encontramos estes tópicos. Para Saussure, a lingüística faz parte da semiologia que, por sua vez, tem como objeto “a vida dos sinais no meio da vida social”<sup>25</sup>. O homem é o animal da palavra, a sociedade humana é vista como a sociedade que tem língua, ou seja, um sistema de sinais da comunicação social para determinados grupos.

Saussure toma a noção de *sistema* como essencial. Em seu Curso de Lingüística Geral, Saussure definiu a língua como: um sistema que só conhece a sua própria ordem, um sistema de signos arbitrários, no qual todas as partes podem e devem ser consideradas na sua solidariedade sincrônica. Saussure também enuncia a primazia do sistema sobre os elementos que o compõe. Num sistema tudo se liga, os fatos e os fenômenos estão em relação, um interfere no outro, portanto não podem ser nem isolados, nem contraditórios.

Exporemos a seguir algumas idéias de Saussure que serviram de apoio para o estruturalismo.

O sinal é composto por três elementos: o *significado* definido como o conceito, o *significante* definido como imagem acústica e a *relação de significação* que une o significante ao significado.

---

<sup>25</sup> Lepargneur, Hubert. op. cit., p. 14

O significante é arbitrário em sua relação ao significado, mas não em sua relação aos outros significantes, com os quais constitui o sistema de uma língua.

Quanto à relação de significação que une o significante ao significado, podemos dizer que esta não é natural, mas sim cultural. Não vem de sua natureza ontológica, mas da coletividade humana. Ela forma um sistema, que surge de sua relação com os outros sinais do mesmo código.

Temos ainda os conceitos de sincronia e diacronia. *Diacronia* caracterizada como lei da sucessão no tempo de um sistema, evolução histórica e *sincronia* caracterizada como lei da coexistência dos elementos que se entre determinam mutuamente e faz abstração do tempo por se situar num determinado instante.

Ao trabalhar a língua como sistema, percebe-se que a estrutura que primeiro se atinge é a sincrônica, já que descreve os sistemas dos sons ou das palavras com as leis de suas combinações num dado momento (gramática). É esta dimensão que interessa para o povo que fala, ou seja, que utiliza este código lingüístico numa determinada época.

Além de Saussure, o estruturalismo se baseou na produção do Círculo Lingüístico de Praga, que colocava a língua como um sistema de diferenças. Na própria definição de sistema, encontramos que este se compõe de diferenças significativas. “Diferença supõe relação e não se refere aqui a um modelo do tipo ontológico. Um sinal é sempre diferença e esta diferença é significativa (isto é, tem sentido) em razão de sua posição no conjunto do sistema ao qual pertence. Sentido absoluto não existe em lingüística: o sentido é sempre relativo, é expressão de uma posição num conjunto, resulta das relações que o elemento

entretém com os outros elementos do sistema.”<sup>26</sup> Alguns autores consideram que o termo *estrutura* tenha aparecido aí.

No relatório publicado como *Travaux du Cercle Linguistique de Prague – 1929*,<sup>27</sup> pontos tais como a noção de estrutura, relação e sistema já estavam presentes, assim como a busca por um método próprio que permitisse descobrir as leis de estrutura dos sistemas lingüísticos e da evolução destes.

Nos trabalhos apresentados nesta coleção o termo estrutura aparece muitas vezes: “O conteúdo sensorial desses elementos fonológicos é menos essencial que as suas relações recíprocas no seio do sistema. (p. 10)... É preciso caracterizar o sistema fonológico... especificando obrigatoriamente as relações que existem entre os citados fonemas, quer dizer, traçando o esquema de *estrutura* da língua considerada. (p. 10-11)... Esses princípios aplicam-se a todas as partes da língua, mesmo às categorias de palavras, sistema cuja extensão, precisão e *estrutura* interior devem estudar-se para cada língua em particular. (p.12)... Não se pode determinar o lugar de uma palavra num sistema lexical a não ser após haver estudado a *estrutura* do dito sistema”<sup>28</sup>.

O ponto de partida desta escola, que teve como principais autores V. Mathesius, M. Weingart, K Buhler, D. Jones, L. Brun, E. Benveniste, S. Karcevskij, R. Jakobson e N. S. Trubetzkoi, foi a fonética (estudo dos sons na linguagem falada) e talvez, por isso tenha sido responsável pelo nascimento de uma nova disciplina, a Fonologia caracterizada como o estudo dos sons da língua.

<sup>26</sup> Lepagneur, Hubert. op. cit., p.19

<sup>27</sup> Trabalho apresentado no primeiro congresso dos filólogos eslavos, pelo Círculo de Praga. Este trabalho era uma produção coletiva do Círculo e continha nove teses, as três primeiras dedicadas a uma exposição programática dos interesses do Círculo e as outras seis a uma indicação de pesquisas a serem realizadas no campo do eslávico. Ao todo foram publicados oito volumes dos *Travaux du Cercle linguistique de Prague*, editados entre 1929 e 1938.

<sup>28</sup> Lepagneur, Hubert, op. cit., p. 19

Esta logo foi reconhecida como autônoma e como a síntese dos resultados de todas as ciências fonéticas. “O movimento fonológico firmou-se rapidamente e passou a fazer parte oficialmente dos estudos lingüísticos.”<sup>29</sup>

Nos oito volumes editados do Círculo, encontram-se suas principais teses. A primeira relaciona-se: a- aos problemas de método que derivam da concepção da língua como sistema. Um sistema funcional de meios de expressão apropriados a um fim. A língua é um produto da atividade humana, que tem como finalidade a realização da intenção do sujeito de exprimir e comunicar; b- a análise sincrônica é considerada o melhor meio para conhecer a essência e o caráter de uma língua; c- a utilização do método comparativo serviria para fazer um estudo da reconstituição e evolução das línguas, assim como, descobrir as leis de estrutura dos sistemas lingüísticos; d- mostrar que a evolução das línguas se dá segundo certas leis, não são produzidas isoladas e casualmente.

A segunda tese refere-se às tarefas que devem ser enfrentadas no estudo de um sistema lingüístico. Com relação ao sistema fônico, a distinção do som (fato físico objetivo), da representação (acústica) e do elemento do sistema funcional faz-se necessária. Nesta tese são abordadas as tarefas principais da fonologia sincrônica, como caracterizar o sistema fonológico, determinar as combinações dos fonemas realizados, os graus de utilização e a densidade de realização dos fonemas e de suas combinações.

A terceira tese tem como função examinar as diversas funções lingüísticas enquanto modificadoras da estrutura fônica e da gramatical, assim como, a composição lexical de uma língua.

---

<sup>29</sup> Lepschy, Giulio C. A Lingüística Estrutural. p.40



Além da Lingüística, a lógica também teve sua influência ao evoluir na direção do modelo matemático experimentado pelos fabricantes de computadores (que organizam todas as oposições num quadro binário), o que facilitou a conclusão de que o pensamento humano se dá por oposição bipolar (sim–não, negativo–positivo, um–zero,...).

François Dosse comenta que a visão muito extensiva da linguagem proposta por Barthes contribuiu imensamente para o êxito do modelo lingüístico e para seu papel de ciência piloto. Tendo sido considerado figura mãe do movimento por apresentar grande mobilidade e flexibilidade, não pode deixar de ser citado quando o assunto é estruturalismo. “Barthes vai ser a chapa sensível do estruturalismo. Nele vão atuar, por uma sutil escrita feita de intertextualidade, todas as vozes/ vias do paradigma... Barthes será amado, porquanto se exprime nele mais do que um programa metodológico; ele é um receptáculo do período, chapa sensível às múltiplas variação dos valores”<sup>30</sup>

Concluímos que o Estruturalismo Lingüístico buscou sua fundamentação teórica no curso de Lingüística Geral de Saussure e nos fonólogos do Círculo de Praga. Este movimento conquistou maturidade superando a lingüística histórica e fonética, ao propor que  $A + B$  é diferente de  $B + A$ , à medida que o todo (sistema) é mais do que a soma dos seus elementos, e que poderia existir uma racionalidade escondida no jogo inconsciente das forças sociais. “A estrutura das línguas poderia não refletir diretamente a racionalidade do modo humano e consciente de pensar, mas uma lógica inconsciente, misteriosamente inscrita nas profundezas da natureza e de que o espírito humano também participa.”<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Dosse, François. Op. cit. p. 95

<sup>31</sup> Lepagneur, Hubert. Op. cit., p.20

### **1.3 O modelo estruturalista.**

É importante discutir o porquê da transposição do método fonológico para os outros sistemas de comunicação (além da língua, os sistemas de parentesco, o econômico, religião, arte, hábitos, etc.).

Duas características parecem ter favorecido a sua utilização: a linguagem é o equivalente possível de todos os outros sistemas de comunicação e o seu alto grau de formalização.

Essa transposição só foi possível devido ao caráter simbólico das manifestações culturais. Tanto a Antropologia, como a Psicanálise poderiam trabalhar na perspectiva da linguagem, evidenciando a arbitrariedade do objeto simbólico, que não é determinado pelas suas características intrínsecas, mas sim por sua relação com os outros elementos do sistema. O modelo lingüístico foi utilizado pelos estruturalistas, porque os sistemas sócio-culturais em analogia aos modelos estruturalistas da linguagem, podiam ser considerados como um conjunto de elementos discretos e de regras que, operando sobre elementos agrupados em classes (paradigmas) engendram um processo contínuo (sintagma). Também os sistemas de parentescos revelam-se como sistemas de comunicação, o que permitiu o uso do sistema fonológico, onde a relação dos elementos e o contexto foram priorizados.

Lévi-Strauss anuncia uma “tese canônica do estruturalismo ao afirmar que o código precede a mensagem, que é independente dela, e que o sujeito está submetido à lei do significante. É nesse nível que se encontra o núcleo estrutural da abordagem: A definição de um código é ser traduzível num outro código: a

essa propriedade que o define se dá o nome de estrutura.”<sup>32</sup> Para ele a interpretação do fato social seria o resultado de uma teoria da comunicação em três estágios: a *comunicação das mulheres* entre os grupos, que se dá através das regras de parentesco, a *comunicação de bens e serviço*, que se dá através das regras econômicas e a *comunicação de mensagens*, que se dá através das regras lingüísticas

Embora o estruturalismo tenha sofrido críticas, por existirem sistemas mais complexos que os de parentesco e de linguagem, como o político e o de rituais, a utilização deste modelo talvez tenha permitido pôr ordem nos fatos de linguagem e de parentesco.

Como comentamos anteriormente, o estruturalismo trabalhava com a idéia de conjunto e das possíveis relações que se estabeleciam entre os elementos deste conjunto. Este método propunha sempre situar cada fato, cada elemento significativo na relação que o definia. Nesse sentido, compreender um fato é distinguir, classificar, relacionar e situar o relativo em cadeia com outros relativos. Os elementos têm sentido na sua interdependência e são o resultado das relações que eles próprios engendram.

A noção de modelo, importante tanto para as ciências como para a lingüística estrutural, pode ser entendida como o andamento de certos fenômenos representados por certas equações ou modelos físicos; ou ainda como certas condições que são reproduzidas, sob escala diferente e com meios diversos, em laboratório.

---

<sup>32</sup>Dosse, François. Op. cit., p.41

Para a lingüística estrutural, o ponto que interessa é o uso heurístico dos modelos na descrição dos fatos lingüísticos. “O recurso ao modelo fundamenta-se na instituição de uma analogia entre o modelo e alguns aspectos do fenômeno a ser descrito, portanto na abstração de tais aspectos (considerados pertinentes) de outros (considerados não pertinentes). Esses aspectos pertinentes são sempre escolhidos entre aqueles comuns a categorias inteiras de fatos lingüísticos.”<sup>33</sup>

O estruturalismo é a metodologia do estudo comparativo. Com ele é possível estudar diversos conjuntos com afinidade entre si, como as línguas indo-européias, ou o mesmo fenômeno em duas fases diferentes de sua evolução. É um estudo comparativo porque só acredita em diferenças, sua proposta é de “imaginar essas diferenças como combinatória de parâmetros, tentar estabelecer as leis de permuta e, à medida do possível, o quadro teórico das possibilidades de combinações, algumas delas realmente observadas.”<sup>34</sup> O método estruturalista consiste sempre em observar, comparar, manipular diferenças e relações. A explicação estruturalista se baseia na atenção às diferenças e às discontinuidades.

Ao adotar o método lingüístico vamos trabalhar com a noção de estrutura e para isso precisamos citar algumas propriedades envolvidas neste conceito: a noção de *totalidade* dos elementos que se agrupam; *disposição* que particulariza este conjunto a partir de seus elementos e de suas posições relativas; *solidariedade* à alteração de um elemento afeta os demais elementos do sistema e o conjunto como um todo; *auto – regulação* funciona como uma espécie de autodefesa do sistema; *descontinuidade* a passagem de uma explicação à outra se dá por descontinuidade.

---

<sup>33</sup> Lepschy, Giulio. Op. cit., p. 7

<sup>34</sup> Lepagneur, Hubert. Op. cit., p.10

Com estas propriedades fica mais fácil entender a estrutura como um conjunto de elementos que obedece às leis de composição ou articulação, permitindo a elaboração de modelos para explicar os aspectos de um fenômeno. No caso do fato social total as três dimensões: físico-psicológica, a histórica (diacrônica) e a sincrônica são integradas em um sistema cuja expressão formal é a estrutura.

“O estruturalismo acata a descontinuidade não só de uma explicação a outra, porém mais fundamentalmente, no nível do real, porque a passagem de uma estrutura para outra é sempre operação de salto, de descontinuidade. O estruturalismo é a teoria ou compreensão da descontinuidade no mundo, como o historicismo ou o evolucionismo pretendiam ser teorias ou compreensão da continuidade do fenômeno , ou melhor, do fenômeno como continuidade.”<sup>35</sup>

Segundo Levi-Strauss <sup>36</sup>, para merecer o nome de estrutura, os modelos devem, exclusivamente, satisfazer a quatro condições:

- 1- Uma estrutura oferece o caráter de sistema. Ela consiste em elementos tais que uma modificação qualquer de um deles acarreta a modificação de todos os outros;
- 2- Todo modelo pertence a um grupo de transformações, cada uma das quais corresponde a um modelo da mesma família, de modo que o conjunto destas transformações constitui um grupo de modelos;
- 3- As propriedades indicadas acima permitem prever de que modo reagirá o modelo, em caso de modificação de um de seus elementos;

---

<sup>35</sup> Lepagneur, Hubert. Op. cit., p. 9

<sup>36</sup> Levi-Strauss, Claude. Revista Tempo Brasileiro, p.67

4- O modelo deve ser construído de tal modo que seu funcionamento possa explicar todos os fatos observados.

É com esta noção de estrutura que Lévi-Strauss vai estabelecer o quadro das relações de parentesco, onde se podem encontrar os dois principais pólos de impulsão do paradigma estruturalista: a lingüística e a linguagem formalizada ( as matemáticas ).<sup>37</sup>

Claude Lépine<sup>38</sup> faz colocações bastante interessantes a respeito do modelo estruturalista, para ela, dividido em dois passos: o primeiro sendo definir o fenômeno observado como uma relação entre dois ou mais termos e o segundo elaborar o quadro de todas as permutações possíveis, já que as figuras que ocupam os diversos pontos podem ser permutadas. Neste momento, a significação apreendida em nível fenomenológico aparece como um elemento de um sistema simbólico e revela seu caráter relacional.

Para fazer a observação, é necessário que o observador se identifique com o outro (seu objeto de estudo, indígenas, por exemplo) e em seguida coloque esta experiência em termos de uma apreensão externa, ou seja, apreendida externamente como uma coisa. “Isto quer dizer que o observador é o seu próprio instrumento e que ele mesmo faz parte integrante da experiência, de tal modo que o seu eu se desdobra num eu-instrumento, que aprende a significação dos fenômenos culturais, identificando-se com o indígena e num segundo eu que observa e objetiva o primeiro. Este duplo movimento de interiorização do objeto e

---

<sup>37</sup> Dosse, François. op. cit., p.44

<sup>38</sup> Lépine, Claude. op. cit.

de objetivação do sujeito, esta passagem do subjetivo ao objetivo exige uma mediação: a do inconsciente.”<sup>39</sup>.

É o inconsciente, definido como um sistema de formas universais de operações lógicas, ou seja, a função simbólica, cujas leis determinam o comportamento de todos os homens no que se refere a sua produção cultural (magia, religião, Lingüística), que possibilita a comunicação entre seu observador e seu objeto. Neste momento seu aspecto é subjetivo - corresponde ao indivíduo, já que organiza a vida mental de ambos. No segundo momento seu aspecto é objetivo - corresponde ao plano da estrutura social, apesar de só poder ser conhecido através da análise científica. Sendo assim, o inconsciente intervém para fundamentar o método em cada uma de suas etapas: a da investigação etnográfica e a da apreensão da significação dos fenômenos sociais – análise científica e construção dos modelos.

O inconsciente seria a condição a priori da cultura e nele deveria ser buscada a chave explicativa do fenômeno humano, uma vez que tem como função impor leis estruturais aos fatos humanos. A função do inconsciente se exerce em todos os homens, segundo as mesmas leis.

A Antropologia com Lévi-Strauss buscou decifrar e reduzir os sistemas às leis essenciais, por isso se preocupou tanto com o *modelo*, pois este deveria servir como crivo para a interpretação dos dados etnográficos. O modelo utilizado por Lévi-Strauss tem como objetivo interpretar o sistema. O sistema (conjunto da realidade social) é estruturado em suas formas de expressão (representações sociais) a partir de uma lógica, a do inconsciente.

---

<sup>39</sup> Lépine, Claude. op. cit., p.34

Segundo Claude Lépine<sup>40</sup>, no pensamento de Lévi-Strauss é possível distinguir três níveis: o das relações visíveis, o das relações invisíveis e o teórico do modelo. No nível das relações visíveis, vemos uma organização nos fatos e nas relações, que podemos chamar de organização empírica, à medida que pode ser observada. No nível das relações invisíveis, temos de falar da estrutura, algo que não pode ser observado diretamente e que não existe na realidade concreta, mas que podemos entender como relações subjacentes, ou seja, aquelas que determinam e explicam as relações observáveis. “É algo que está presente apenas nos seus efeitos e que inclui entre seus efeitos a sua própria ausência. Ela determina seus efeitos na realidade, mas só existe neles.”<sup>41</sup> E o último nível, o teórico do modelo que consiste no quadro de todas as permutações possíveis, é o modelo de construção, onde poderá ser lida a própria estrutura social, “tem como função revelar a estrutura social, que continua repousando sobre as relações sociais que serviram para construí-la, isto é, sobre os dados empíricos.”<sup>42</sup>

A metodologia proposta por Lévi-Strauss, vai demonstrar que nas ciências humanas o objeto é da mesma natureza do observador, ao fazer a interpretação sociológica dos fatos procura conciliar e fazer “coincidir a objetividade da análise histórica ou comparativa com a subjetividade da experiência vivida”<sup>43</sup>, esta ligação só pode ser mediada pelo inconsciente. Além do papel do inconsciente na estruturação, tanto do sujeito como da sociedade, podemos acrescentar que o

---

<sup>40</sup> Lépine, Claude. op. cit., p.44

<sup>41</sup> Id. ibid., p.44

<sup>42</sup> Id. ibid., p.41

<sup>43</sup> Simanke, Richard Theisen. Composição e Estilo da Metapsicologia de Jacques Lacan: Os anos de formação (1932 – 1953 ). Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – 1997. p.400



estruturalismo apresentava uma metodologia capaz de objetivar o subjetivo e assim pensar uma ciência do homem, incluindo aqui a psicanálise. Nos dois momentos deste método o inconsciente está operando, tanto na apreensão interna (aspecto subjetivo do fenômeno) quanto na objetivação do sujeito.

Esta capacidade do sujeito de se objetivar indefinidamente evidencia o papel do inconsciente na interpretação sociológica dos fatos, este seria o mediador entre o eu e o outro. “Essa dificuldade seria insolúvel, as subjetividades sendo, por hipótese, incomparáveis e incomunicáveis, se a oposição entre o eu e o outro não pudesse ser superada sobre um terreno que é também aquele onde o objetivo e o subjetivo se encontram, nós queremos dizer o inconsciente.”<sup>44</sup>

Em Lévi-Strauss o inconsciente é o lugar das estruturas, que pode ser “definido como um sistema de condicionamentos lógicos, um conjunto estruturante, a causa ausente desses efeitos de estrutura que são os sistemas de parentesco, os ritos, as formas da vida econômica, os sistemas simbólicos.”<sup>45</sup> Podemos ainda acrescentar que, é um “inconsciente objetivo, objetivável, fundamento de um determinismo estrito, e não da atividade do sujeito.”<sup>46</sup>

A noção de estrutura era necessária para unificar e dar coerência à informação fragmentária fornecida pela observação, além de garantir a objetividade.

“A estrutura deve surgir como um *constructo teórico*, abstraído dos fatos, e que, em princípio, pode revelar de modo absoluto a totalidade dos

---

<sup>44</sup> Lévi-Strauss. Introduction à l’oeuvre de Marcel Mauss. In: Sociologie et anthropologie. p. XXX

<sup>45</sup> Dosse, François. Op. cit., p.140

<sup>46</sup> Simanke, Richard Theisen. Op. cit., p. 406

aspectos envolvidos na produção de qualquer fenômeno de uma determinada espécie.”<sup>47</sup>

Para Lévi-Strauss o inconsciente é formal e vazio, não é refúgio das particularidades individuais, depósito da história única de cada um de nós, “mas é uma atividade de natureza lógica, intelectual, que organiza os conteúdos inarticulados aos quais se aplica... e que tem uma concepção que pode ser qualificada como lingüística – o inconsciente, no sentido lingüístico, consistiria no conjunto de formas que determinam em todas as línguas o uso dos sons e dos meios de expressão. Seria algo formal, intelectual.”<sup>48</sup>

Com a equiparação da cultura a um conjunto de sistemas simbólicos, Lacan pode formular uma teoria da constituição do sujeito baseada não só na biologia, mas também no social. A psicanálise, dentre as ciências humanas, seria a mais adequada para reconhecer a realidade própria do sujeito humano que é determinada pelo inconsciente. A atividade simbólica do sujeito (normal ou patológico) esconde uma determinação imposta pela estrutura social, pela cultura. Nesse sentido a idéia de inconsciente de Lévi-Strauss é a mesma de Lacan, pelo menos na identificação da linguagem à ordem social.

Esta concepção formal do inconsciente, esta aproximação do inconsciente e da linguagem, passando pela ordem simbólica e pela primazia do significante é que permitiram a Lacan postular que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”.

---

<sup>47</sup> Simanke, Richard Theisen. Op. cit , p. 403

<sup>48</sup> Lévi-Strauss, Claude. A eficácia simbólica In Antropologia Estrutural. p.234

## **CAPÍTULO 2**

### **A ADOÇÃO DO PARADIGMA ESTRUTURALISTA POR LACAN.**

Se não podemos chamar Lacan de estruturalista, podemos afirmar que Lacan teve seu momento estruturalista, já que se deixou seduzir pelo Estruturalismo, como grande parte da intelectualidade francesa dos anos 50, que assumiu este paradigma como a própria expressão da modernidade em ciências sociais.

Para Jacques-Alain Miller<sup>49</sup>, “Lacan é estruturalista e sua noção de estrutura lhe vem de Roman Jakobson, por intermédio de Claude Lévi-Strauss, também diretamente de seu trabalho com Jakobson que, efetivamente, pode ser situado entre seus mestres e amigos.

Em um segundo sentido, Lacan é estruturalista, mas um estruturalista radical, pois se ocupa da conjunção entre a estrutura e sujeito, enquanto a própria questão não existe para os estruturalistas, fica reduzida, é um zero. Lacan, ao contrário, tentou elaborar qual é o estatuto do sujeito compatível com a idéia de estrutura.

Em um terceiro sentido, Lacan não é de modo algum estruturalista, pois a estrutura dos estruturalistas é uma estrutura coerente e completa (por princípio, a estrutura diacrítica é completa), enquanto a estrutura lacaniana é fundamentalmente antinômica e incompleta.”

Anika Lemaire também coloca Lacan como estruturalista, “ Jacques Lacan é estruturalista. Ele o frisou nas suas entrevistas. Ele assinou com seu próprio nome a entrada da psicanálise nesta corrente de pensamento, nesse método de

---

<sup>49</sup> Miller, Jacques-Alain. Percurso de Lacan – uma introdução. p.24

pesquisa aplicável a diferentes disciplinas do saber, mas, mais precisamente, às ciências do homem.”<sup>50</sup> Em outro momento de seu livro confirma o seu pensamento: “Portanto, J. Lacan é justamente estruturalista: o inconsciente é a estrutura oculta sob a aparência de uma disposição consciente e lúcida de si. O inconsciente, acrescentará J. Lacan, é estruturado como uma linguagem.”<sup>51</sup>

Para alguns autores, a estrutura está presente ao longo de grande parte do seu ensino. Segundo Lepaugner <sup>52</sup>, a estrutura está no centro dos 30 anos de investigações sobre as leis da intersubjetividade, tanto que dois pontos importantes de seu ensino tocam diretamente esta questão: a origem da pessoa humana e o inconsciente. Para Jacques-Alain Miller<sup>53</sup>, “a validade das estruturas de linguagem é verificada em toda a extensão do campo legado pela experiência de meio século de psicanálise.”

Podemos dizer que a questão da formação do sujeito é o ponto de maior dificuldade para inclusão de Lacan no Estruturalismo. Lacan nunca abriu mão do sujeito, ao contrário dos estruturalistas que pregavam sua morte.

Se para Lévi-Strauss, o homem nasce com a linguagem, para Lacan, o homem nasce a partir do significante “o homem fala porque o símbolo o fez homem”, é a ordem simbólica que constitui o homem. Quanto ao inconsciente, Lacan estabeleceu que suas leis seriam homólogas às da linguagem.

Não é difícil pensar porque Lacan também buscou o estruturalismo para fundamentar suas teses, afinal este tipo de abordagem tinha sido fundamental para

---

<sup>50</sup> Lemaire, Anika. Jacques Lacan – uma introdução. p.40

<sup>51</sup> Id. *ibid.*, p.45

<sup>52</sup> Lepaugner, Hupert. Introdução aos Estruturalismos., p.65

<sup>53</sup> Miller, Jacques-Alain. *op. cit.*, p.15

a Antropologia de Lévi-Strauss e alguns pontos em comum, tais como o inconsciente, a linguagem e o papel do simbólico como elemento de estruturação, aproximaram estes dois saberes. Também não podemos esquecer, que tal como a Antropologia de Lévi-Strauss, que havia se apoiado na Lingüística na tentativa de se tornar ciência e conseguir objetividade, Lacan também procurou na Lingüística, a possibilidade de conseguir elevar a Psicanálise à condição de ciência.

Se Lévi-Strauss, na busca da compreensão dos povos primitivos precisou, além da observação, descobrir a lógica que permeava suas relações e a estrutura que organizava a vida destes povos, Lacan parece ter assumido o papel de “antropólogo clínico” e procurou descobrir qual a estrutura que organizava o sistema psíquico humano. Lacan, há muito, tratava da questão do sujeito e o paradigma estruturalista permitiu-lhe resolver a antinomia de objetivar o sujeito sem descaracterizá-lo.

Foi em Lévi-Strauss, que Lacan encontrou o inconsciente como função simbólica que organiza toda e qualquer experiência na cultura, inclusive as de caráter subjetivo. A vida dos homens é organizada por um sistema inconsciente de operações mentais. O inconsciente colocado como um princípio subjetivo de estruturação, que estrutura a vida mental de todos os homens, “uma estrutura que forma o esqueleto lógico da fenomenologia social e que, à medida que os sujeitos singulares daí derivam, pode fornecer a chave para a explicação dos fatos da subjetividade.”<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Simanke, Richard Theisen. Op. cit., p.392

Mauss e Lévi-Strauss abriram o caminho para Lacan revelar, na sua clínica e teoria, que o simbolismo social é determinante na atividade simbólica do sujeito e que “o caráter individual nunca é simbólico por si mesmo”.<sup>55</sup>

As relações entre indivíduo e sociedade são construídas a partir dessa referência ao simbolismo, “é da natureza da sociedade que ela se exprime simbolicamente em seus costumes e em suas instituições; ao contrário, as individuais normais não são jamais simbólicas por elas mesmas: elas são os elementos a partir dos quais um sistema simbólico, que não pode ser senão coletivo, se constrói. São apenas as condutas anormais que, porque dissocializadas e, de alguma forma abandonadas a elas mesmas, realizam, sob o plano individual, a ilusão de um simbolismo autônomo”<sup>56</sup>.

Seguindo esta concepção de Lévi-Strauss, Lacan conclui que o indivíduo não pode deixar de se referir aos símbolos da cultura em que se gerou, estes são por assim dizer, a única matéria prima disponível para edificação de sua subjetividade. O sujeito *normal* seria aquele que se constitui como uma certa articulação simbólica compartilhada. Em termos de alienação, podemos dizer que o verdadeiro alienado é este sujeito, que existe no outro e com um outro, que é o que ele verdadeiramente designa cada vez que enuncia o *eu*.

## 2.1 A Tese de doutorado.

O estudo das psicoses é o ponto de partida da obra de Lacan, que em 1932 escreve sua tese de doutorado “*Da Psicose Paranóica em suas relações com a*

---

<sup>55</sup> Simanke, Richard Theisen. Op. cit., p. 398

<sup>56</sup> Lévi-Strauss. Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss. In: Sociologie et anthropologie. p. XVI – XVII

*Personalidade*”. Nesse estudo, Lacan vai propor algo novo para a explicação dos casos psíquicos, não mais uma concepção orgânica, mas sim um distúrbio específico da síntese psíquica, que podemos denominar personalidade. A paranóia deixa de ser um fenômeno deficitário, com limitação das capacidades de reação, e passa a ser considerado um fenômeno de conhecimento. Nenhuma lesão orgânica é confirmada, não há déficit de memória, de motricidade, de percepção, de orientação ou de discurso. A alucinação na psicose também deixa de ser interpretada como um distúrbio de percepção e passa a ser vista como um distúrbio de pensamento.

Lacan defende uma causa psicogênica para a paranóia, que para ele é uma construção de personalidade em bases diferentes da personalidade normal. Embora Lacan não recuse a base biológica dos fenômenos paranóicos, mostra que esta não é capaz de dar conta da especificidade, nem da distinção da personalidade normal. Não há uma relação quantitativa entre a personalidade psicótica e a normal, mas sim uma diferença qualitativa. Com isto Lacan dispensa a idéia de constituição e introduz a idéia de fatores reacionais.

Ao se considerar a personalidade como uma síntese psíquica, uma estrutura relacional que se constitui ao longo da história de um sujeito que reage ao mundo social e como um precipitado de certas relações sociais, torna-se possível reintroduzir o sujeito na psiquiatria. A psicose também passa ser considerada como uma reação de personalidade e com isto dois pontos devem ser abordados: a estrutura reacional e a gênese social desta estrutura.

Se pudermos pensar a tese de Lacan; *“Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade”*, como um anteprojeto de uma teoria da

personalidade, onde é evidenciada a determinação social no aparecimento da doença e como esta se estrutura, podemos pensar como a “personalidade normal” também se desenvolve, numa abordagem social da constituição do sujeito.

Lacan persistiu nesta questão e recorreu ao estruturalismo e a alguns textos de Lévi-Strauss : *A eficácia simbólica*, *A estrutura dos mitos*, *O feiticeiro e sua magia* entre outros. Destes textos Lacan pôde extrair o papel da função simbólica nas expressões culturais, a estrutura significante que permeia as relações de casamento e parentesco e a estrutura dos mitos, que evidencia a relação dos elementos no equilíbrio do sistema de crenças individuais e do próprio grupo. Com estas noções, Lacan pôde pensar sua teoria da estruturação do sujeito nos moldes estruturalistas.

## **2.2 A influência de Lévi-Strauss.**

### **2.2.1 A Eficácia Simbólica.**

No texto *A Eficácia Simbólica* Lacan pôde encontrar pontos que o ajudariam a fundamentar sua tese da constituição do sujeito em uma abordagem social, à medida que o inconsciente de Lévi-Strauss lhe permitiu trabalhar em uma teoria em que se inclui tanto a perspectiva do sujeito como o determinismo social.

Nesse texto, é feita uma aproximação da cura realizada pelos xamãs das culturas primitivas e a “cura” realizada pelos psicanalistas da cultura ocidental. Se o xamã se utiliza do *mito* como algo coletivo, recebido por tradição, o psicanalista deve trabalhar com o *mito* individual, recriado pelo sujeito com a ajuda dos elementos tirados de seu passado. Em ambos os casos, a estrutura permanece a



mesma, ou seja, tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos e é por ela que a função simbólica pode se realizar. Em ambos os casos, o objetivo é conduzir à consciência conflitos e resistências até então conservados inconscientes, ou por recalçamento (natureza psíquica) ou por sua própria natureza (orgânica ou mecânica). As resistências e conflitos se dissolvem, não por causa do conhecimento adquirido, mas sim porque este conhecimento “torna possível uma experiência específica, no curso da qual os conflitos se realizam numa ordem e num plano que permitem seu livre desenvolvimento e conduzem ao seu desenlace.”<sup>57</sup> Temos então, uma experiência que se organiza e que faz com que os mecanismos situados fora do controle do sujeito se ajustem espontaneamente para chegar a um funcionamento ordenado.

Na cura psicanalítica, o médico executa as operações e o “doente” produz seu mito; na cura xamanística, o xamã fornece o mito e a doente executa as operações.

No texto de Lévi-Strauss a cura começa por um histórico dos acontecimentos que precederam a doença; neste momento a “paciente” revive de maneira muito precisa e intensa uma situação inicial. “Esta situação introduz a uma série de acontecimentos dos quais o corpo e os órgãos internos do doente constituirão o teatro suposto”<sup>58</sup>, passando assim da realidade mais banal ao mito.

O quadro do mundo uterino povoado de monstros fantásticos e animais ferozes é descrito através de um canto. Este canto, ao descrever e nomear as dores personificadas (animais que aumentam os males da mulher no parto) permite que estes animais sejam apreendidos pelo pensamento consciente e inconsciente.

---

<sup>57</sup> Lévi-Strauss, Claude. A eficácia simbólica In Antropologia Estrutural. p.229

<sup>58</sup> Id. Ibid., p. 223

“Trata-se efetivamente de construir um conjunto sistemático. Não é somente contra as veleidades de evasão de Muu que a cura deve ser, por procedimentos minuciosos, “aferrolhada”: sua eficácia seria comprometida se, antes mesmo que se pudessem esperar seus resultados, ela não apresentasse à doente um desfecho, isto é, uma situação onde todos os protagonistas reencontraram seu lugar e ingressaram numa ordem sobre a qual não paira mais ameaça.”<sup>59</sup>

Resumindo, a cura consistiria em tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos e em tornar aceitáveis para o espírito as dores que o corpo se recusa a tolerar. A doente acredita nesta realidade que nada tem de objetividade, ela faz parte de uma sociedade que acredita. Os monstros sobrenaturais, os animais mágicos fazem parte de um sistema coerente que fundamenta a concepção indígena do universo. Essa tendo compreendido o percurso, acaba por encontrar a cura. A relação que se dá aqui (monstro e doença) é interior a esse mesmo espírito, “é uma relação de símbolo à coisa simbolizada ou, para empregar o vocabulário dos lingüistas, de significante a significado.”<sup>60</sup> O xamã fornece a sua doente uma linguagem onde podem-se exprimir os estados que, até então, eram informuláveis. Existe uma passagem de um processo fisiológico para uma expressão verbal. Ao ser colocado em palavras o que era um conjunto de sensações, faz com que o processo se organize e se torne inteligível. Esta experiência real, sem esta passagem, seria anárquica e inefável.

No mesmo texto ainda, encontramos algumas citações de outros autores onde é possível perceber mais claramente a semelhança do método do xamã com

---

<sup>59</sup> Lévi-Strauss, Claude. Op. cit., p. 227

<sup>60</sup> Id.Ibid., p. 228

certas terapêuticas de orientação psicanalítica. Desoille,<sup>61</sup> em seus trabalhos sobre o sonho acordado diz que a perturbação psicopatológica só é acessível à linguagem dos símbolos, por isso, falava aos seus doentes por símbolos, mas estes seriam, ainda, metáforas verbais.

Em ambas as curas (xamanística e psicanalítica) é a eficácia simbólica que opera esta transformação, ao edificar estruturas formalmente homólogas, com materiais diferentes, nos diferentes níveis do vivente – processos orgânicos, psiquismo inconsciente, pensamento refletido. O processo de cura consiste em induzir uma transformação orgânica, constituída essencialmente numa reorganização estrutural, onde o paciente vive um mito, “cuja estrutura seria, no nível do psiquismo inconsciente, análoga àquela da qual se quereria determinar a formação do nível do corpo.”<sup>62</sup>

A colocação mais importante do texto recai sobre as noções de mito e inconsciente colocados a serviço da cura, que não se daria pela simples rememoração dos fatos vividos, mas muito provavelmente pelo fato de que, no momento em que as situações rememoradas se apresentam, o sujeito as experimenta imediatamente sob forma de mito vivido.

O poder traumatizante de certos acontecimentos que surgem num contexto psicológico, histórico e social apropriado se dá pela possibilidade destes induzirem uma cristalização afetiva, *que se faria no molde de uma estrutura preexistente*. Não seriam os caracteres intrínsecos da situação que a torna traumática, mas sim o fato destes acontecimentos serem apropriados para se encaixarem nesta *estrutura*.

---

<sup>61</sup> Lévi-Strauss, Claude. Op. cit., p.230

<sup>62</sup> Id. Ibid., p. 233

“Em relação ao acontecimento ou à particularidade histórica, essas estruturas – ou, mais exatamente, essas leis de estruturas – são verdadeiramente intemporais. No psicopata, toda a vida psíquica e todas as experiências ulteriores se organizam em função de uma estrutura exclusiva ou predominante, sob a ação catalítica do mito inicial; mas esta estrutura e as outras que nele são relegadas a um lugar subalterno, se encontram também no homem normal, primitivo ou civilizado. O conjunto dessas estruturas formaria o que denominamos de inconsciente.”<sup>63</sup>

Nessa estrutura, podemos observar algumas funções elementares e os complexos existentes nos mitos individuais, como num molde, onde a multiplicação dos casos pode ser reduzida a alguns tipos simples.

Acrescentamos que, apesar da diversidade de personagens e da multiplicidade dos casos podemos reduzi-los a tipos simples (molde), onde poderíamos perceber as funções elementares (mitos coletivos) e os complexos (mitos individuais). Quer seja trabalhando com o mito individual ou com o coletivo, a estrutura permanece a mesma e é por ela que a função simbólica se realiza.

No mito apresentado, o xamã faz uma representação do corpo em palavras, através do canto o corpo é percorrido. O canto consiste numa manipulação do órgão doente e dessa manipulação espera-se a cura. Nesse processo a paciente é levada a reviver de maneira muito intensa uma situação inicial e dela perceber, mentalmente, até os menores detalhes. Esta “cura” só acontece porque é produzido um discurso organizado pelas leis do inconsciente. Este definido como

---

<sup>63</sup>Lévi-Strauss, Claude. op. cit., p. 233

conjunto de estruturas preexistentes. A função simbólica é exercida em todos os homens segundo as mesmas leis e a partir delas é possível organizar o vocabulário pessoal de cada um, para que ganhe significação e se torne um discurso.

Lévi-Strauss diferenciou subconsciente – reservatório de imagens, colecionadas ao longo de cada vida, um simples aspecto de memória – do inconsciente que não armazena imagens ou recordações, está sempre vazio. “Órgão de uma função específica, ele se limita a impor leis estruturais, que esgotam sua realidade a elementos inarticulados que provêm de outra parte: pulsões, emoções, representações, recordações. Poder-se-ia dizer que o subconsciente é o léxico individual onde cada um de nós acumula o vocabulário de sua história pessoal, mas que esse vocabulário só adquire significação, para nós próprios e para os outros, à medida que o inconsciente o organiza segundo suas leis e faz dele um discurso.”<sup>64</sup>

Esta definição de inconsciente como conjunto de estruturas, conjunto de leis, função simbólica – qualidade específica do ser humano – é que será usada por Lacan para alicerçar sua própria noção de inconsciente.

### **2.2.2 O Feiticeiro e sua Magia<sup>65</sup>.**

O texto trabalha com os mecanismos psicofisiológicos que fundam os casos de morte por conjuro ou enfeitiçamento. Nestes, o indivíduo aceita conscientemente ser objeto de malefício. Como consequência, a comunidade retrai-se, afasta-se do maldito e logo providencia os mitos sagrados que o conduzirão ao reino das sombras. O enfeitiçado perde todos os seus elos

---

<sup>64</sup> Lévi-Strauss, Claude. Op. cit., p.235

<sup>65</sup> Lévi-Strauss, Claude. O feiticeiro e sua magia In Antropologia Estrutural.

familiares e sociais, é excluído de todas as funções e atividades, perde seu status de sujeito de direitos e obrigações e, inclusive, a própria vida, já que é proclamado morto. A partir daí, passa a ser o objeto de temores, de ritos e proibições.

A violência sofrida é tal que “a integridade física não resiste à dissolução da personalidade social”.<sup>66</sup> Este fenômeno pode ser explicado porque fisiologicamente<sup>67</sup> o medo, assim como a cólera são acompanhados de uma atividade particularmente intensa do sistema nervoso simpático, já que modificações orgânicas se fazem necessárias a adaptação à nova situação. Quando o indivíduo não tem alguma resposta adquirida ou intensiva para resolver estas situações extraordinárias, a atividade do simpático se amplia e se desorganiza; pode ocorrer queda da pressão e diminuição do volume sangüíneo. Em um estado de angústia profunda é possível precipitar a morte.

Em relação a certas práticas mágicas, sabemos que elas são, muitas vezes, eficazes. Para que isto ocorra é necessário que se acredite na magia, no feiticeiro e na sua mágica. Além destas condições, podemos acrescentar a crença do doente na cura atribuída ao feiticeiro, no poder deste e ainda, a confiança e exigências da opinião coletiva. O feiticeiro, nos grupos primitivos, desempenha um papel muito importante. Ele influencia o grupo a respeito de suas mágicas, este passa a acreditar, mas, em contrapartida, exige daquele as explicações adequadas para a cura.

O caso apresentado ocorreu em 1938, entre os índios nambikwara, nas nascentes do Rio Tapajós, Brasil Central. No episódio relatado, temos os seguintes fatos: o feiticeiro do grupo some do acampamento por algumas horas,

---

<sup>66</sup> Id. Ibid., p.194

<sup>67</sup> Gannon, Tratado de fisiologia médica.

não aparece no horário habitual, a comunidade vai se inquietando e já estava preste a aceitar que os perigos da selva o teriam sucumbido. Por volta das 10 horas da noite, um pequeno grupo resolve partir em busca do feiticeiro. Andaram uns 200 metros e logo o encontraram. Estava acordado, tiritando de frio e despojado de seu cinto, colares e pulseiras (únicas vestimentas dos Nambikwara).

O feiticeiro apresentou uma explicação a respeito da sua ausência para o grupo. Um trovão o conduziu a muitos quilômetros dali e depois o reconduziu ao lugar onde fora encontrado, após tê-lo despojado completamente de suas vestimentas. No dia seguinte, a vítima do trovão havia voltado ao seu estado habitual, portando inclusive seus ornamentos. Fato bastante curioso, pois estes tinham desaparecido por ocasião do episódio da noite anterior.

É bom ressaltar que este grupo era formado por indivíduos de origens diferentes, que juntos formaram uma nova unidade social. Um bando fora dizimado por uma epidemia e outro havia se separado do seu grupo de origem. Ambos estavam fracos para conseguirem sobreviver sozinhos; portanto, uniram suas forças.

Não foi possível determinar há quanto tempo estavam juntos, a união parecia ter sido recente, dado que nenhum casamento havia sido realizado. Cada grupo ainda conservava seu dialeto original e a comunicação entre os grupos era difícil. Nesta união um grupo contribuiu com o chefe civil e outro com o chefe religioso.

Pouco tempo depois, uma outra versão começou a ser divulgada. O grupo ao qual pertencia o chefe civil, acreditava ter sido uma encenação do líder religioso, que ter-se-ia ausentado para tentar uma aproximação com seu grupo de

origem. Se houvesse uma reaproximação, o outro grupo da nova unidade social poderia ser atacado e dizimado.

Temos duas versões para o mesmo fato, uma onde o chefe religioso é levado pelo trovão e outra onde ele tenta uma aproximação com o seu grupo de origem, estas duas eventualidades não são mutuamente exclusivas. As duas explicações são logicamente incompatíveis, mas admitimos que uma ou outra possa ser verdadeira, dependendo do caso. Ambas são igualmente plausíveis e por isso passamos de uma explicação à outra muito facilmente, de acordo com a ocasião e com o momento.

O importante deste fato repousa na colocação de Lévi-Strauss de que o grupo precisa explicar esta experiência de acordo com os esquemas presentes na cultura do grupo e assim permitir a assimilação deste fato. “Essas interpretações divergentes, qualquer que possa ser sua origem intelectual, não são evocadas pela consciência individual ao termo de uma análise objetiva, mas antes como dados complementares, reclamados por atitudes muito fluidas e não elaboradas que, para cada um de nós, têm um caráter de experiência. Essas experiências permanecem, entretanto, intelectualmente informes e afetivamente intoleráveis, a não ser que se incorporem a um dos esquemas presentes na cultura do grupo. Esta assimilação é o único meio de objetivar os estados subjetivos, formular impressões informuláveis e integrar experiências inarticuladas em sistema.”<sup>68</sup>

Num outro caso apresentado, um rapaz foi considerado causador do enfeitiçamento de uma garota de doze anos que teve uma crise nervosa após ter suas mãos agarradas pelo rapaz. Este, primeiramente, nega a feitiçaria, mas diante

---

<sup>68</sup> Lévi-Strauss, Claude. op. cit., p. 198



da recusa do grupo em aceitar sua negação, acaba por se aplicar em achar uma explicação. Fornece uma longa narrativa, onde raízes são usadas: uma como causadora do transe e outra como antídoto. A explicação foi razoavelmente aceita e a estabilidade do grupo se manteve. Porém, durante a noite o acusado foge e após ser recapturado é obrigado a fornecer uma explicação mais contundente para o enfeitiçamento.

Nesta nova versão, toda a sua família era de feiticeiros e a prática de feitiçaria e cura eram mais elaboradas, plumas mágicas eram utilizadas e os feiticeiros poderiam abandonar a forma humana e causar toda espécie de feitiçaria. O grupo exigia provas da veracidade da sua narrativa, pedindo a apresentação das plumas as quais atribuía poderes. Ele deu diversas desculpas, mas todas foram rejeitadas. Então, o grupo o transportou para residência familiar, onde deveriam existir as tais plumas. Após, ser obrigado a derrubar uma parede e nada ser encontrado, justificou-se, alegando não mais recordar o local onde estas estariam escondidas, o grupo não aceitou a desculpa e ele teve de derrubar outra parede. Após muito trabalho, finalmente, nosso “feiticeiro” encontrou uma velha pluma na argamassa da parede, isto lhe serviu de prova. A partir daí o grupo se tranqüilizou já que uma explicação plausível, dentro da cultura do grupo, foi encontrada.

Ele precisava reconstruir um sistema onde sua magia estivesse de acordo com as crenças do grupo. Era necessário provar a veracidade de sua explicação e a pluma era a prova. Só assim a feitiçaria e as idéias ligadas a ela poderiam permanecer num sistema coerente, garantindo a segurança de seu grupo. Se o rapaz não conseguisse provar sua mágica, o grupo enfrentaria a situação da

desordem e da falta de um sistema mágico, que o levaria a uma desestabilização. Para Lévi-Strauss, os juizes não esperavam do acusado a contestação de uma tese e menos ainda que ele refutasse fatos; exigiam que corroborasse com um sistema, reconstituindo-o de uma maneira apropriada. No final, o rapaz incorporou mais e mais a idéia de ser feiticeiro, pois o grupo o reconhecia como tal.

Num outro exemplo, um rapaz não acreditava nos poderes dos xamãs e queria desmascará-los, porém acabou por se tornar um xamã muito eficiente. Com o objetivo de descobrir fraudes dos xamãs começou a freqüentar os feiticeiros, até que um deles se ofereceu a introduzi-lo em seu grupo. Este, prontamente, aceitou o convite.

Um dia a família de um doente convoca Quesalid (nome que recebeu quando se tornou feiticeiro) para um atendimento, esta é sua primeira cura. Quesalid atribue ao seu sucesso razões psicológicas. Para ele o fato do paciente acreditar no sonho, onde esse aparecia como salvador, é que teria causado a cura. Depois de algum tempo numa apresentação entre xamãs de uma tribo vizinha, Quesalid constata o uso de uma técnica, na qual o xamã cuspiu um pouco de saliva e dizia ter cuspido a doença. Quesalid acha a sua mais eficiente e pede autorização para apresentá-la. Seu método de cuspir a doença através de tufo ensangüentado mostra-se mais eficaz do que os até então usados. Quesalid apresentava ao doente sua “doença” de uma forma visível e tangível. Ele criou um sistema mais eficaz, onde a doença era representada por um tufo ensangüentado e podia ser expelida. Ele sabia que o sangue era o seu, uma vez que mordida a própria língua, mas com o tempo incorporou este papel de xamã e se esqueceu da natureza falaciosa da plumagem ensangüentada, de que tanto havia zombado.

Quesalid, provavelmente, teve de aceitar ser feiticeiro, já que suas curas eram sempre bem sucedidas e ele recebia, a cada nova experiência, a confirmação de seus poderes pelo grupo. O pólo coletivo atestava sua vocação.

Entendendo este processo: para ocorrer uma cura xamanística temos de aceitar inicialmente uma causa para os males e um sistema interpretativo que esclareça as diferentes fases do mal, desde o diagnóstico até a cura. Esta fabulação, feita de procedimentos e representações de uma realidade em si desconhecida, é alicerçada numa tripla experiência: a do xamã de que sua vocação é real; a do doente e, finalmente, a do público, que confirma a cura. Estes três elementos são indissociáveis e organizam-se em dois pólos: o da experiência íntima do xamã e o outro do *consensus coletivo*; as experiências do doente representam o aspecto menos importante do sistema. O pólo do grupo é que confirma ou não o status de feiticeiro, Quesalid realizava muitas curas porque tinha se tornado um grande feiticeiro, e não vice-versa.

O xamã não reproduz ou representa mimicamente certos acontecimentos, “ele os revive efetivamente em toda sua veracidade, originalidade e violência”.<sup>69</sup> Parece que o xamã ao ab-reagir, induz simbolicamente o doente a ab-reagir de sua própria perturbação.

Logo em seguida Lévi-Strauss nos traz outro ponto de vista, que é o da relação entre os pensamentos normal e patológico, que não se oporiam, mas sim se complementariam. “O pensamento normal reclama sempre seu sentido às coisas, que recusa; ao contrário o pensamento dito patológico extravasa de interpretações e de ressonâncias afetivas, com as quais está sempre pronto a

---

<sup>69</sup> Lévi-Strauss, Claude. Op.cit., p. 209

sobrecarregar uma realidade que seria, de outro modo, deficitária. Para um, existe o não verificável experimentalmente, isto é, um exigível; para outro, experiências sem objeto, ou seja, um disponível”.<sup>70</sup>

Lévi-Strauss acrescenta ainda, que o pensamento normal carece de significado, enquanto que o pensamento patológico, em alguns casos, dispõe de uma pletora de significantes.

Todos os elementos de uma situação: feiticeiro, doente, público, representações e processos encontram seu lugar em um sistema de oposições e correlações. Quando surge um novo método (invenção individual), é necessária uma modificação na estrutura, para que se restabeleça o equilíbrio entre a invenção individual e a tradição coletiva. Esta estrutura está continuamente se modificando e se elaborando. Outra condição necessária para se dar a cura, decorre do fato do feiticeiro, do doente e do público participarem, ao menos em certa medida, da ab-reação. Esta experiência vivida no universo simbólico, permite que feiticeiro e doente integrem suas “experiências não integráveis de outro modo”<sup>71</sup>.

O sistema permite a precipitação e a coalescência dos estados difusos que, então, poderão ser articulados. Os estados difusos podem ser relacionados, tanto a um caso de cura, como ao pensamento patológico, ambos precisam integrar-se a um sistema para garantir a integridade do grupo. “Não se trata, pois, de ligar estados confusos e inorganizados, emoções ou representações, a uma causa objetiva, mas de articulá-los sob forma de totalidade ou sistema; o sistema

---

<sup>70</sup> Lévi-Strauss, Claude. Op. cit., p. 210

<sup>71</sup> Id. Ibid., p.210

valendo precisamente à medida que permite a precipitação, ou a coalescência desses estados difusos (penosos também, em razão de sua continuidade); e este último fenômeno é atestado à consciência por uma experiência original, que não pode ser percebida de fora. Graças as suas desordens complementares, o par feiticeiro-doente encarna para o grupo, de modo concreto e vigoroso, um antagonismo próprio a todo pensamento, mas cuja expressão normal permanece vaga e imprecisa: o doente é passividade, alienação de si mesmo, como o informúlável é a doença do pensamento, o feiticeiro é atividade, extravasamento de si mesmo, como a afetividade é a nutriz dos símbolos. A cura, em relação a esses pólos opostos, assegura a passagem de um a outro e manifesta, numa experiência total, a coerência do universo psíquico, ele próprio projeção do universo social.”<sup>72</sup>

Concluindo: o par feiticeiro – doente possibilita integrar os dados até então contraditórios, garantindo o equilíbrio do grupo. Diante de um fato novo (feitiço ou mesmo um novo método de cura) ocorre uma modificação no sistema para restituir o equilíbrio. A tradição coletiva e a invenção individual atuam em conjunto na modificação da estrutura, para restabelecer a coerência. Neste processo exige-se “uma linguagem que sirva para dar a tradução, socialmente autorizada, de fenômenos cuja natureza profunda ter-se-ia tornado igualmente impenetrável para o grupo, para o doente e para o mago.”<sup>73</sup>

Encontramos aqui o gancho utilizado por Lacan, Lévi-Strauss aproxima as duas curas: a xamanística e a psicanalítica, onde mostra que nas duas encontramos, basicamente, a mesma estrutura – o par – feiticeiro/doente,

---

<sup>72</sup>Lévi-Strauss, Claude. Op. cit., p. 210

<sup>73</sup> Id. Ibid., p. 210

psicanalista/paciente; a ab-reação que se dá através do uso da linguagem e a confirmação coletiva do tratamento. Estes elementos formam um sistema, que permite dar coerência ao universo psíquico individual e, conseqüentemente, ao universo social.

### **2.2.3 A Estrutura dos Mitos.**

Apesar da grande quantidade de mitos fornecidos pelos diversos povos do mundo, podemos notar que estes, embora pareçam arbitrários, se reproduzem com os mesmos caracteres e segundo os mesmos detalhes. “A substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração, nem na sintaxe, mas na história que é relatada.”<sup>74</sup> É por isso que pode ser sempre percebido como um mito por qualquer leitor, no mundo inteiro, independentemente da cultura e da língua da qual foi retirado.

O estudo dos mitos seguiu um percurso semelhante ao da linguagem, que há muito procurava descobrir porque certos grupos de sons correspondiam a sentidos determinados, embora os mesmos sons fossem encontrados em outras línguas, mas com sentido diferente. O problema só foi resolvido quando os filólogos se aperceberam de que a função significativa da língua tem mais a ver com a maneira pela qual os sons se encontram combinados entre si, do que com os próprios sons. Neste sentido, o estudo dos mitos deveria evoluir de forma a encontrar a combinação lógica que liga os elementos dentro de um mito e não nas suas especificidades.

---

<sup>74</sup> Lévi-Strauss, Claude. Op. cit., p.242

O mito pode ser aproximado da linguagem, à medida que faz parte integrante da língua e que provém do discurso. Está simultaneamente na linguagem e além dela, já que pode pertencer ao mesmo tempo ao domínio da palavra (e ser analisada como tal) e ao domínio da língua (na qual ele é formulado).

“O mito é linguagem, mas uma linguagem que tem lugar em um nível muito elevado e onde o sentido chega, se é lícito dizer, a decolar do fundamento lingüístico sobre o qual começou rolando.”<sup>75</sup>

Podemos enumerar as principais características de um mito: a - a maneira pela qual os elementos de um mito se encontram combinados é que dá sentido ao mito, se é que este tem sentido. O mito diz respeito sempre ao passado, tanto que expressões como: antes da criação do mundo, durante os primeiros tempos, sempre aparecem, mas por ser um mito deve se relacionar simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro; b- o mito provém da ordem da linguagem e faz parte integrante dela, mas a linguagem tal como é utilizada no mito, manifesta propriedades específicas de natureza mais complexa do que as que se encontram numa expressão lingüística de qualquer tipo.

Em função dessas características podemos, baseados em Lévi-Strauss<sup>76</sup>, ainda citar duas conseqüências: o mito, como todo ser lingüístico, é formado por unidades constitutivas e essas unidades constitutivas implicam a presença de fonemas, morfemas e semantemas (unidades que intervêm na estrutura da língua). Como estas unidades apresentam uma escala de complexidade, a unidade precedente é sempre menos complexa que a posterior. Neste sentido, podemos

---

<sup>75</sup> Lévi-Strauss, Claude. Op. cit., p. 242

<sup>76</sup> Lévi-Strauss, Claude. Op. cit., p. 242

dizer que os elementos que provêm dos mitos são os mais complexos e por isso recebem o nome de grande unidade constitutiva.

Nesse conjunto (mito – grande unidade constitutiva) o mais importante a ser observado, consiste nos feixes de relação e não nas combinações isoladas, “somente sob a forma de combinações de tais feixes é que as unidades constitutivas adquirem uma função significativa”.<sup>77</sup> Para a compreensão de um mito é preciso identificar os traços comuns que se apresentam nas relações.

Lévi-Strauss propôs um arranjo dos mitemas em colunas, todas as relações agrupadas nas mesmas colunas apresentam algum traço em comum: 1.<sup>a</sup> coluna – relações de parentesco superestimadas; 2.<sup>a</sup> coluna – relações de parentesco subestimadas, ou depreciadas; 3.<sup>a</sup> coluna – monstros e sua destruição; 4.<sup>a</sup> coluna – dos nomes próprios; no caso todos os nomes evocam uma dificuldade em andar corretamente ( claudicação ).

O segundo termo reproduz o primeiro e ambos referem-se à autoctonia do homem, a 3.<sup>a</sup> coluna refere-se à negação da autoctonia do homem, já que os dois monstros são vencidos por homens e a 4.<sup>a</sup> coluna, à persistência da autoctonia humana, pois na mitologia os homens nascidos da Terra são representados como incapazes de andar, ou claudicantes nos momentos de emergência. Portanto, a coluna 4 mantém com a coluna 3 a mesma relação que a coluna 1 tem com a coluna 2.

No exemplo dado no texto o Mito de Édipo<sup>78</sup> é dividido em mitemas (ou unidades constitutivas) que seguem uma disposição:

---

<sup>77</sup> Lévi-Strauss, Claude. Op. cit., p. 244

<sup>78</sup> Id. *ibid.*, p.246 – este quadro foi estabelecido por Lévi-Strauss no texto citado.



Cadmo procura sua irmã Europa, raptada por Zeus		Cadmo mata o dragão	
	Os Spartoi se exterminam mutuamente		Lábdaco (pai de Laio) = "coxo" (?)
	Édipo mata seu pai Laio		Laio (pai de Édipo) = "torto" (?)
		Édipo imola a Esfinge	
Édipo esposa Jocasta, sua mãe			Édipo = " pé inchado" (?)
	Etéocles mata seu irmão Polinice		
Antígona enterra Polinice, seu irmão, violando a interdição			

O Mito de Édipo tem várias versões que, “oferecem entre si correlações significativas, que permitem submeter seu conjunto às operações lógicas por meio de simplificações sucessivas e de chegar finalmente à lei estrutural do mito considerado.”<sup>79</sup>

Um mito se compõe do conjunto das suas variantes e não existe uma mais verdadeira que outra. Ao aplicar o método de análise estrutural de um mito, deve-se considerar que todas as suas versões são igualmente importantes. O método consiste em “ordenar todas as variantes conhecidas de um mito em uma série, formando uma espécie de grupo de permutações, onde as variantes situadas em

<sup>79</sup> Lévi-Strauss, Claude. Op. cit., p. 252

ambas as extremidades da série, oferecem, uma em relação à outra, uma estrutura simétrica, mas inversa. Introduce-se, pois, um início de ordem onde não havia senão caos e se ganha a vantagem suplementar de distinguir certas operações lógicas que estão no fundamento do pensamento mítico”<sup>80</sup>.

Em relação ao mito ainda podemos citar outros pontos importantes: a repetição do enredo e o número de camadas que compõem um mito. Quanto a questão da repetição, uma mesma seqüência pode ser duplicada, triplicada ou ainda quadruplicada. Esta repetição tem a função de tornar manifesta a estrutura do mito. Todo mito possui uma estrutura que transparece na superfície no e pelo processo de repetição.

Se o mito tem como função fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição, podemos afirmar que mesmo tendo, teoricamente, um número infinito de camadas, cada qual ligeiramente diferente da que a precedeu, todas preenchem a mesma função em contextos diferentes, ou seja, revelar a estrutura do mito.

Sabemos que este texto serviu de referência para Lacan escrever *O mito individual do neurótico*. O esquema de interpretação do Mito de Édipo usado por Lévi-Strauss, que evidencia a disposição em camadas, a relação dos elementos e a repetição do drama, foi utilizado por Lacan para interpretar o caso do *homem dos ratos*.

---

<sup>80</sup> Lévi-Strauss, Claude. Op. cit., p.258

### 2.3 O mito individual do neurótico.

Segundo Lacan, este é o início de uma referência estruturalista na Psicanálise. Como comentamos anteriormente, os textos: *A eficácia simbólica* (1949), *A estrutura dos mitos* (1955) e *As estruturas elementares de parentesco* foram usados por Lacan na elaboração deste texto.

Lacan nunca negou a influência de Lévi-Strauss, tanto que admitia ter sido levado e sustentado pelo seu discurso, no acento que deu à função do significante nas relações sociais, utilizando o mesmo sentido encontrado na lingüística. E ainda comentou sobre *As estruturas elementares de parentesco*, onde Lévi-Strauss mostrou “que as estruturas do parentesco se ordenam segundo uma série que as possibilidades da combinatória explicam em última análise; ao ponto de quase todas essas possibilidades se encontrarem realizadas algures no conjunto concreto, nas estruturas que recolhemos ao mundo... E, no fim de contas o que faz com que uma estrutura seja possível, são razões internas ao significante, o que faz com que uma certa forma de troca seja concebível ou não, são razões propriamente aritméticas.”<sup>81</sup>

Lacan acreditava que poderia fazer uma análise formal do mito individual que é a neurose e trazer alguma luz às formações que encontramos, tão freqüentemente, no vivido dos sujeitos neuróticos, dentro da experiência analítica.

O mito de Édipo, trabalhado por Lévi-Strauss, é escolhido por Lacan como complexo fundamental na constituição humana do sujeito, pois nele se entrecruzam três dimensões: é um mito social, um mito familiar e também um

---

<sup>81</sup> Lacan, Jacques. Este trecho foi retirado da nota de rodapé do prefácio escrito por Tito Cardoso e Cunha da edição portuguesa de *O mito individual do Neurótico*. p.26-27. Refere-se a um comentário de Lacan publicado In J. Lacan, *Travaux et interventions*.

mito individual. Nele encontramos uma estrutura onde os elementos mantêm entre si um certo tipo de relação, independentemente da natureza desses. Ao fazer esta revisão estrutural do complexo de Édipo, retoma as questões a respeito do estádio do espelho e do declínio da função paterna. Lacan lê o complexo como um mito e substitui o sistema triangular - pai, mãe, criança, por um sistema quaternário. O primeiro elemento refere-se a função simbólica, que na família moderna se identifica à função paterna, mesmo que seja, como na nossa sociedade, um pai humilhado, patogênico e discordante. Decorre daí, uma realidade biológica e uma nomeação (N. P. - nome do pai). O segundo e o terceiro elementos referem-se à relação narcísica dividida em dois pólos: o eu e o sujeito. O quarto elemento diz respeito à experiência de morte, que é constitutiva de todas as manifestações da condição humana e, especialmente, vivida pelos neuróticos.

O sujeito humano tem de efetuar uma passagem do nível puramente biológico para o nível simbólico e o complexo de Édipo tem um papel fundamental nesta passagem. Claude Lépine<sup>82</sup> define o complexo de Édipo como uma estrutura triádica que introduz a criança na ordem simbólica da linguagem objetivante, o que lhe permite dizer o eu, o tu, ele ou ela. A proibição do incesto dá ao sujeito um lugar no sistema de relações, o que transforma o ser biológico num sujeito humano, ou seja, tem sua entrada no sistema simbólico. O sujeito ao ser nomeado pelos pais é inserido no circuito lingüístico da troca, isto é, inserido na cadeia de significantes. Daqui para frente, só pode existir em referência a um outro significante e por isso passa a fazer parte de uma rede de relações,

---

<sup>82</sup> Claude, Lépine. Op. cit., p. 24

determinada pelo simbólico. É através da linguagem, que a constituição do fenômeno humano, em termos de uma relação intersubjetiva, se dá.

Lacan no texto: *Função e campo da fala e da linguagem*, nos diz: “O complexo de Édipo, à medida que continuamos a reconhecê-lo como abarcando por sua significação o campo inteiro de nossa experiência, será declarado em nossa postulação como marcando os limites que nossa disciplina atribui à subjetividade, ou seja, aquilo que o sujeito pode conhecer de sua participação inconsciente no movimento das estruturas complexas da aliança, verificando os efeitos simbólicos, em sua existência particular, do movimento tangencial para o incesto que se manifesta desde o advento de uma comunidade universal.”<sup>83</sup>

A lei primordial é aquela que, ao reger a aliança, superpõe o reino da cultura ao reino da natureza, entregue à lei do acasalamento. A proibição do incesto é apenas o eixo subjetivo, desnudado pela tendência moderna a reduzir à mãe e à irmã em objetos interditados às escolhas do sujeito, aliás, continuando a não ser facultada toda e qualquer licença para-além disso. Esta lei, portanto faz-se conhecer suficientemente como idêntica a uma ordem de linguagem.

De fato, mesmo representada por uma única pessoa, a função paterna concentra em si relações imaginárias e reais, sempre mais ou menos inadequadas à relação simbólica que a constitui essencialmente. É no nome do pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei. O pai imaginário e o pai

---

<sup>83</sup> Lacan, Jacques. *Função e campo da fala e da linguagem*. In: *Escritos*. p. 278

simbólico são na maior parte das vezes distintos, isto se dá tanto pela estrutura, como pela história particular de cada sujeito.

Segundo Tito Cardoso e Cunha<sup>84</sup>, pode-se tirar uma fórmula para o drama de Édipo, já que os acontecimentos relacionados à família, desde Cadmo até seus filhos Etéocles e Polinice, integram-se num conjunto. A partir de uma análise estrutural foi possível observar certas combinações: alguns termos presentes na primeira geração apareceram na segunda numa combinação transformada, aquilo que se passou na geração de Édipo, por ocasião da morte de seu pai Laio, apareceu de forma homóloga na geração de seus filhos Etéocles e Polinice.

Primeira geração	→	Segunda geração
Filiação		Germanidade – relação entre irmãos
(A//B) : (AUC)	: :	(a//b) : (a U c)

Onde temos: na primeira geração uma disjunção entre Édipo e seu pai Laio e uma conjunção entre Édipo e sua mãe Jocasta, na segunda geração a disjunção dá-se entre Polinice e Etéocles e a junção entre Polinice e Antígona.

A – Édipo	a – Polinice
B – Laio	b – Eteócles
C – Jocasta	c – Antígona
(A ≡ a) , (B ≡ b) e (C ≡ c)	

Na aliança entre Édipo e Jocasta infringe-se o interdito do incesto, onde ao parentesco consanguíneo da filiação é acrescentado o parentesco por aliança. Na

<sup>84</sup> Cunha, Tito Cardoso e. Do mito coletivo ao mito individual. In O mito individual do neurótico. p.9-42

conjunção entre Polinice e Antígona exprime-se também a sobrestimação duma relação consangüínea de parentesco: Antígona também desafia o interdito da Lei ao prestar ao seu irmão Polinice os cuidados fúnebres. Em ambos os casos a conjunção se faz contra a Lei, na primeira pela vida e na segunda pela morte.

Lévi-Strauss ao estabelecer uma possível fórmula para o drama de Édipo possibilitou a Lacan fazer o mesmo para a passagem que deve ser realizada por aquele que se torna um ser falante dentro de seu grupo, ou seja, aquele que passa a ter seu próprio mito. Para ele, este momento deve ter uma estrutura mítica e utiliza a “definição do mito como uma certa representação objetivada de um epos ou de uma gesta, exprimindo de forma imaginária as relações fundamentais, características de um certo modo de ser humano numa determinada época.”<sup>85</sup> O mito pode ser entendido como uma representação, porque seus elementos ( mitemas ) se repetem e revelam uma estrutura. Lacan afirma que o neurótico ao passar pelo complexo de Édipo, o faz na forma de um mito.

Devemos pensar a constituição do homem a partir do complexo de Édipo e da relação narcísica. No Complexo de Édipo temos como características principais: o desejo incestuoso da mãe, a interdição do pai e os seus efeitos de bloqueio. O pai, como representante da função simbólica, concentra em si os prazeres simbólicos culturalmente determinados e fundados. O pai é, ao mesmo tempo, função da palavra e do amor, mas numa sociedade como a nossa o pai é sempre, de algum modo, um pai carente, humilhado que não pode representar em toda a plenitude o valor simbólico cristalizado na sua função. Este pai que existe somente enquanto nome-do-pai impede que se tenha a sobreposição do simbólico

---

<sup>85</sup> Lacan, Jacques. O Mito Individual do Neurótico. p.48-49

e do real. Esta incoincidência faz com que o complexo de Édipo tenha, mais freqüentemente, valor patogênico e não normatizante.

“A relação narcísica ao semelhante é a experiência fundamental do desenvolvimento imaginário do ser humano. Enquanto experiência do eu, a sua função é decisiva na constituição do sujeito. Que é o eu, senão algo que o sujeito experimenta primeiramente como estranho no interior de si próprio? É em primeiro lugar num outro, mais avançado, mais perfeito que ele que o sujeito se vê. Em particular, ele vê a sua própria imagem no espelho numa época em que é capaz de a aperceber como um todo, ao passo que ele próprio não se sente como tal, pelo contrário, vive no caos originário de todas as funções motoras e afetivas que é o dos primeiros seis meses de vida. O sujeito tem sempre uma relação antecipada com a sua própria realização, que o reenvia a si mesmo a um plano de profunda insuficiência e testemunha nele uma fenda, uma dilaceração originária, um abandono, para retomar o termo heidggeriano. É por este fato que em todas as relações imaginárias, o que se manifesta é uma experiência da morte. Experiência sem dúvida, constitutiva de todas as manifestações da condição humana, mas que surge muito especialmente no vivido do neurótico”<sup>86</sup>

No caso do neurótico, às vezes em conformidade com a história da vida real, já que o mito individual se assenta sobre o mito familiar, surge sempre um quarto elemento (amigo, avô, madrasta) que desempenha um papel essencial na lenda familiar. Este quarto elemento porta o símbolo da morte, a morte pode ser concebida como um elemento mediador nas relações humanas. Na teoria do

---

<sup>86</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p. 73–74



narcisismo de Lacan, esta morte é imaginada e imaginária. Da mesma forma, é a morte que se introduz na dialética do drama edípiano e na formação do neurótico.

O sujeito humano é sujeito de desejo, mas o desejo é sempre desejo do Outro. O sujeito se apercebe como desejante, mas seu desejo é de ser reconhecido pelo Outro. Há uma luta, onde se arrisca a própria vida para ser reconhecido. Se nenhum ceder, os dois podem morrer no seu desejo de reconhecimento, um acaba por ceder e se assujeitar ao Outro.

Como Hegel postulou no par Senhor/Escravo. O escravo por medo, por angústia vai se submeter ao senhor para que este o reconheça e assim, ele possa garantir a própria vida. No neurótico, há também uma luta de morte - ou eu ou o outro, é uma luta que não se realiza de fato, é imaginada, mas mesmo assim, um se assujeita ao Outro para ser reconhecido como sujeito de seu desejo. Num primeiro momento temos a alienação, se o sujeito aceitar o lugar que lhe é imposto e se sujeitar a pagar a dívida, que não contraiu, poderá assumir a posição de sujeito, ainda que neurótico e ser reconhecido pelo Outro. No caso da neurose obsessiva, pode-se observar uma relação problemática com a figura paterna bem nos moldes da dialética Senhor/Escravo.

### **2.3.1 Caso do “Homem dos Ratos”.**

Lacan trabalha este caso de Freud numa visão estruturalista, onde procura mostrar a partir do mito familiar, as permutações dos elementos que revelam a estrutura deste caso de neurose obsessiva.

No comentário do caso, Lacan parece ter usado a descrição feita por Lévi-Strauss, a respeito do mito de Édipo, pois este evidenciava as permutações que ocorriam entre os mesmos elementos na passagem de uma geração a outra.

No caso, dois elementos estavam presentes: a escolha matrimonial e a dívida. Há uma repetição destes episódios nas vidas do pai e do filho, que embora apareçam organizados de maneiras diferentes, revelam a mesma estrutura significativa. O pai desposa a mulher rica e não paga a dívida, o filho interessa-se pela mulher pobre e quer reembolsar o valor dos óculos e pagar a dívida.

### **1ª geração: mito familiar**

Lacan descreve como mito familiar a estrutura mítica da primeira geração. O sujeito ao nascer, já encontra uma estrutura simbólica, onde cada membro da família tem seu papel. O tipo de neurose que desenvolverá vai depender de como o sujeito subjetiva essa estrutura.

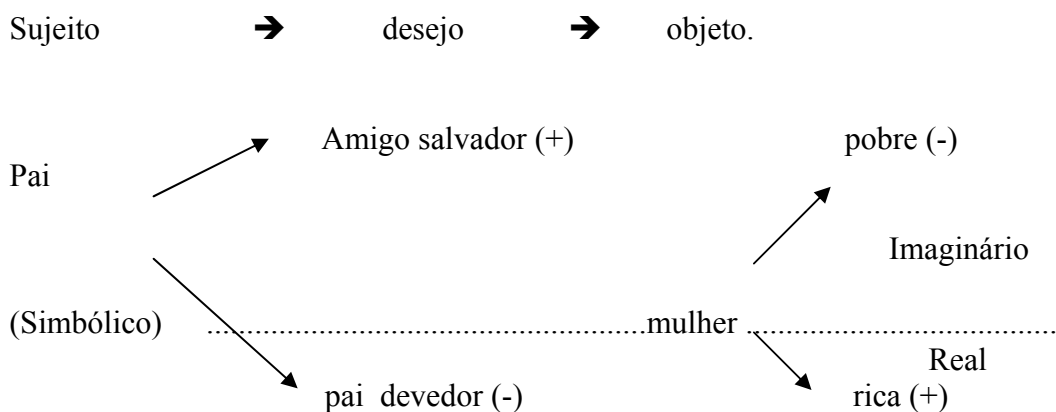
Temos, então, os seguintes fatos na história do Homem dos ratos: pai é um suboficial, posição que mantém por um longo período e que revela uma desvalorização na estima da personagem, casa-se por conveniência com uma mulher da mais elevada hierarquia burguesa e é dessa que sobrevém os meios de subsistência e o prestígio gozado pela família. Na história do pai, aparece outra mulher - bonita, porém pobre que teria sido preterida, talvez por esta razão.

No decorrer de sua carreira militar, o pai teve certos aborrecimentos, perdeu no jogo os fundos do regimento, de que era depositário por conta do cargo. Um amigo o salva deste episódio, mas ele fica a dever a honra e a própria vida. É importante ressaltar que ele nunca mais se encontra com o amigo e, portanto, não pôde lhe restituir a quantia emprestada.

Temos de evidenciar a prevalência da função simbólica do pai sobre o pai real. O fato de ser o portador da função simbólica é que o define como um pai. Neste caso o pai simbólico desdobra-se em um duplo imaginário: o pai – amigo-salvador e o pai-devedor. Há uma desvalorização do pai–devedor em relação ao amigo–salvador, este sim valorizado imaginariamente, por seu dinheiro.

A mulher objeto de desejo também aparece desdobrada em pólos opostos, a mulher rica que se casa com o pai devedor e a mulher pobre e bonita por quem ele tivera um amor.

Podemos esquematizar a história assim<sup>87</sup>:



## **2ª geração: mito individual**

O “Homem dos Ratos” tem sua neurose desencadeada no momento em que está sendo pressionado, pelo pai, a desposar uma mulher rica, o que seria a atualização de uma situação existente na sua história. Ele também se depara com outra situação bastante familiar, a da dívida. Quando realizava manobras, antes da guerra de 14, ouviu um relato sobre tortura que o deixou bastante impressionado, nesta ocasião perde seus óculos e é obrigado a pedir um novo par ao seu oculista de Viena. Este lhe envia pelo correio a encomenda e aqui começa o drama.

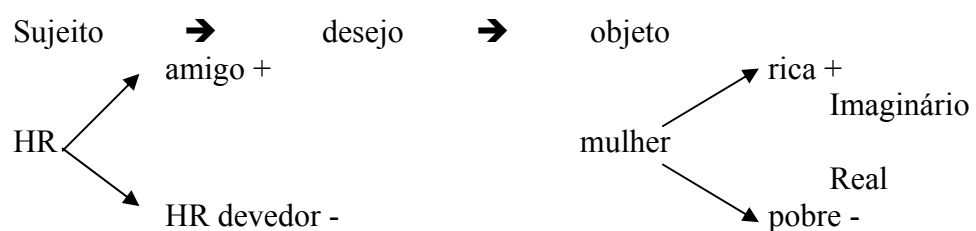
<sup>87</sup> Este esquema foi proposto por Tito Cardoso e Cunha. Do mito coletivo ao mito individual. p.37

Primeiramente, é informado que o tenente **A** já havia efetuado o pagamento, portanto, deveria reembolsá-lo, depois concluiu que deveria ter sido o tenente **B** o autor do pagamento, pois este sim era responsável pelos assuntos do correio, mas por fim, quem realmente pagou a devida quantia foi a senhora do correio. O Homem dos ratos está em estado de angústia, por um lado jurou a si mesmo pagar a dívida ao tenente **A**, mas sabe que deve para a senhora do correio. Na sua neurose estabelece um roteiro para o pagamento da dívida, reembolsar por intermédio do tenente **A** a senhora do correio, que na sua frente, devolveria a soma ao tenente **B** e este reembolsaria o tenente **A**, cumprindo o seu juramento à letra.

Com a obrigação do pagamento dos óculos, o paciente identifica-se com o lugar de devedor (seu próprio pai) e atribui ao colega o lugar de amigo salvador, embora nada devesse a este colega. É desta forma que atualiza a estrutura familiar.

Em relação ao objeto de desejo, este também apresenta uma carga de valor imaginária, rica-positivo e pobre-negativo. À mulher do correio é atribuído valor positivo e à criada do albergue é atribuído valor negativo, é por esta que Ernesto dedica um amor idealizado.

Podemos esquematizar com a seguinte fórmula:<sup>88</sup>



<sup>88</sup> Novamente usamos o esquema proposto por Tito Cardoso e Cunha no texto Do mito coletivo ao mito individual. p.39

No estudo das neuroses obsessivas Lacan pôde observar uma genética extremamente complexa, onde os pensamentos familiares, os temas fantasmáticos ou imaginários desempenham um caráter particularmente significativo e convincente.

Podemos entender como *fantasma* as relações em jogo que apresentam um caráter manifesto visível e como cenário imaginário os traços que especificam a união dos pais.

Concluindo, temos os seguintes elementos no cenário imaginário: **as relações familiares** fundamentais que estruturam a união de seus pais, **a mãe** – rica e prestigiada e **a amada** – pobre, **o pai**–devedor, **o amigo**–salvador que paga a dívida, **a dívida** – representando a castração do pai que ficou devendo a honra e **a substituição** da mulher pobre pela rica. No cenário fantasmático, ou seja, no seu drama, no seu mito individual o sujeito apresenta os mesmos elementos, **casamento** – ele próprio é impelido pelo pai a desposar uma mulher rica, **a amada** representada pela mulher pobre, criada do albergue por quem nutre uma paixão, **o amigo salvador** – tenente A, **dívida** dos óculos ao tenente A e à mulher do correio e **a substituição** da mulher rica pela pobre.

Essas permutações dos elementos na estrutura devem explicar o conflito neurótico do Homem dos ratos. A dívida não saldada reaparece na forma dos óculos, é ele agora que deve saldá-la, mas para ele, também a tarefa é muito difícil, pois para isso teria de ultrapassar o próprio pai, fazer aquilo que o pai não fez. No mito familiar o pai ficou a dever a própria honra, a própria vida a um amigo. O que o pai deixa de herança não são seus bens, mas sim a castração, a dívida é impagável. O Homem dos ratos repete a história do pai, para não ter um

pai ainda mais desvalorizado. Em relação ao seu objeto de desejo, novamente ele tem de reparar o erro do pai, que preferiu a mulher rica à pobre, ele devota seu amor à mulher pobre, na tentativa de corrigir a substituição efetuada pelo pai.

Lacan afirma que o que dará o caráter mítico a este pequeno cenário fantasmático, “ não é simplesmente o fato dele encenar uma cerimônia que reproduz, mais ou menos exatamente, a relação inaugural que nele se encontra como que escondida – modificada no sentido de uma certa tendência”<sup>89</sup>, mas sim a relação estabelecida entre as personagens que é muito diferente, “da relação triangular considerada como típica na origem do desenvolvimento neurotizante. A situação apresenta uma certa ambigüidade, de diplopia – o elemento da dívida incide ao mesmo tempo em dois planos e é justamente na impossibilidade de sobrepor estes dois planos que se joga todo o drama do neurótico. Ao tentar fazê-los coincidir, ele faz uma operação circular, nunca satisfatória, que não chega a fechar seu ciclo.”<sup>90</sup> Uma *situação de quátuor*, que se renova sem cessar.

Para exemplificar, mostra que em se tratando de um sujeito do sexo masculino, algumas exigências devem aparecer nesta estrutura. Para que esse tenha equilíbrio moral e psíquico é necessário que ocorra a “assunção da sua própria função, ou seja, de se fazer reconhecer como tal na sua função viril e no seu trabalho”<sup>91</sup>, deve ainda acreditar que é merecedor dos frutos de seu trabalho e que não os tem por acaso. Outra exigência é que se tenha um “gozo do objeto

---

<sup>89</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.59

<sup>90</sup> Id. ibid., p.60-61

<sup>91</sup> Id. ibid., p.62

sexual que se possa qualificar de pacífico e unívoco uma vez que ele é escolhido, de acordo com a vida do sujeito”<sup>92</sup>.

O sujeito neurótico cada vez que “consegue, ou tende a conseguir a assunção do seu próprio papel, cada vez que de algum modo se torna idêntico a si próprio e se dá conta da segurança da sua própria manifestação no seu contexto social determinado, o objeto, o parceiro sexual, desdobra-se — aqui sob a forma *mulher rica ou mulher pobre*. O que é muito impressionante na psicologia do neurótico — basta entrar, já não no fantasma, mas na vida real do sujeito, para o sentir — é a aura de anulação que rodeia muito familiarmente o parceiro sexual que tem para ele mais realidade, que lhe é mais próximo, com o qual tem em geral os laços mais legítimos, quer se trate de uma ligação ou de um casamento. Por outro lado apresenta-se uma personagem que desdobra a primeira e que é objeto de uma paixão mais ou menos idealizada, prosseguida de modo mais ou menos fantasmático, com um estilo análogo ao do amor - paixão e que leva, aliás, a uma identificação de ordem mortal.”<sup>93</sup>

No outro extremo da cadeia, na assunção da sua própria função social, o sujeito “vê aparecer ao seu lado um personagem com o qual tem também uma relação narcísica enquanto relação mortal.”<sup>94</sup> É este que receberá o fardo de representá-lo no mundo e de viver no seu lugar. Por isso o neurótico sente-se excluído, fora do seu próprio vivido, sendo muitas vezes mais espectador do que ator. Nesta forma de desdobramento mítico reside o drama do neurótico, a experiência de morte vivida neste momento traz de volta a experiência do *eu*, a

---

<sup>92</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p. 63

<sup>93</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p. 63

<sup>94</sup> Id. *ibid.*, p.63

experiência que o sujeito tem ao sentir-se, “primeiramente, como um estranho no interior de si próprio.”<sup>95</sup>

Com este caso, Lacan faz uma nova leitura do complexo de Édipo, não mais baseada na tríade pai, mãe e filho, como Freud havia trabalhado, mas numa visão estruturalista que o coloca num sistema quaternário, introduzindo o quarto elemento que é a morte e evidenciando o papel do simbólico na constituição do sujeito.

#### **2.4 Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise.**

##### **Discurso de Roma - 1953.**

O início do ensino de Lacan, propriamente dito, dá-se com este texto, onde ele introduz a proposição “o inconsciente é estruturado como a linguagem” e deixa clara sua intenção de seguir o estruturalismo.

Lacan demonstra a sua ligação ao movimento estruturalista nas primeiras linhas de seu discurso, ao comentar que se este “não viesse a ser nada além de um vagido, ao menos ele colheria ali o auspício de renovar em sua disciplina os fundamentos que ele retira da linguagem”.<sup>96</sup> Como o estruturalismo, na época, representava mudança de paradigma, Lacan se utiliza deste para fazer uma crítica à formação do analista e ao formalismo utilizado pelas sociedades psicanalíticas e, também para apontar os problemas relacionados à prática naquele momento que, segundo ele, eram conseqüências do desvio da psicanálise das funções da fala e do campo da linguagem, o que acabou por levar às mudanças de objetivo e técnica.

---

<sup>95</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.73

<sup>96</sup> Lacan, Jacques. Os Escritos. p.239



Segundo Elisabeth Roudinesco<sup>97</sup>, Lacan era, para a juventude francesa dos anos 50, um porta-voz de uma sólida aspiração revolucionária. Não se submetia às regras impostas pela Sociedade Psicanalítica Francesa, principalmente em relação ao tempo de duração de suas sessões, assumia uma posição onipotente diante de seus pacientes, ao interromper as sessões arbitrariamente, não permitindo que seus pacientes usassem livremente o tempo da análise. Mesmo assim, Lacan atraiu para si os “futuros didatas” mais brilhantes da nova geração (a terceira), muitos seguiam seu ensino e escolhiam seu divã. Não foram poucas as críticas que recebeu por realizar sessões curtas e poder ter maior número de analisandos, mas Lacan manteve sempre suas posições.

Três aspectos tão em uso na Psicanálise da época acabaram por fazer o analista desviar-se dos fundamentos da fala: **a função do imaginário**, relacionada às fantasias na transferência e na constituição do objeto nas diferentes fases do desenvolvimento psíquico levou os investigadores a adotarem a abordagem das estruturas pré-verbais; **a noção das relações libidinais de objeto**, que renovando a idéia do progresso da análise, remanejava surdamente sua conduta, fazendo a psicanálise desembocar numa fenomenologia existencial e, por último; as questões sobre **contra-transferência e formação do analista**, aqui o embaraço se deu em função do final da análise didática, onde se apontava de um lado o ser do analista e do outro a importância do inconsciente.

Estes aspectos levaram o analista a abandonar o fundamento da fala e da sua linguagem em benefício de linguagens já instituídas e das quais ele mal conhecia as compensações que aquelas ofereciam à ignorância.

---

<sup>97</sup> Roudinesco, Elisabeth. Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento.

Segundo Lacan, o único meio de evitar esses erros seria um retorno ao estudo das funções da fala. Quando prega a idéia do retorno a Freud, ele evidencia que a “linguagem” deve ser priorizada, já que a psicanálise só tem um veículo – a fala do paciente, tanto que os dois termos mais vívidos da experiência psicanalítica: inconsciente e sexualidade, “só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala.”<sup>98</sup>

Freud em um de seus trabalhos realizou a análise do texto-chave de um magistrado, Dr. Schreber para decifrar a linguagem do inconsciente no delírio paranóide. Schreber escreveu um livro – *Memórias de um neurótico*, onde relatou seus delírios, e Freud trabalhou o caso como uma verdadeira interpretação de texto.

#### **2.4.1 Fala vazia e fala plena na realização psicanalítica do sujeito.**

A fala deve ser escolhida como meio da abordagem psicanalítica, é nela que devemos nos concentrar e não no comportamento. Se o analista não se colocar no lugar de “escutador”, ele experimentará um vazio e buscará para-além da fala algo que preencha este vazio.

O sujeito, no trabalho analítico, busca sua verdade e o psicanalista pode ajudá-lo nesta tarefa ao trabalhar com o discurso. Deste modo, faz com que o paciente saia da palavra vazia e reencontre a palavra plena, aquela que leva à busca da verdade e à assunção do sujeito das suas próprias imagens.

Outro aspecto diz respeito diretamente à transferência, já que toda fala pede uma resposta e sempre pode haver uma resposta desde que essa tenha um

---

<sup>98</sup> Roudinesco, Elisabeth. Op. cit., p.245

ouvinte. A assunção, pelo sujeito da sua história, é constituída pela fala endereçada a um outro, é nesta fala que se confere um sentido na função da individualidade. O sujeito deve reconhecer o seu inconsciente na sua própria história, que deve ser trabalhada à medida que constitui a emergência da verdade no Real.

Frustração, agressividade e regressão, esta tríade é sempre evocada ao se trabalhar a teoria analítica, mas há de se perguntar como estes sentimentos aparecem? Qual sua função? De onde vêm?

A frustração não provém do silêncio do analista, mas sim da dor do sujeito que percebe seu ego como uma alienação de si mesmo, como uma imagem no espelho de seu próprio self. O sujeito no seu discurso “acaba reconhecendo que nunca foi senão um ser de sua obra no imaginário e que essa obra desengana nele qualquer certeza. Pois, nesse trabalho que faz de reconstruí-la *para um outro*, ele reencontra a alienação fundamental que o fez construí-la *como um outro*, e que sempre a destinou a lhe ser furtada por *um outro*.”<sup>99</sup>Também sabemos que o silêncio pode ser menos frustrante que uma resposta à fala vazia, pois “o sujeito tomará por desprezo qualquer fala que se comprometa com seu equívoco.”<sup>100</sup>

O próprio ego é frustração em sua essência, “não frustração de um desejo do sujeito, mas de um objeto em que seu desejo está alienado e quanto mais este se elabora, mais se aprofunda no sujeito a alienação de seu gozo.”<sup>101</sup> Seu próprio ser não é nada mais que um *constructo* do imaginário.

---

<sup>99</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.251

<sup>100</sup> Id. ibid., p.251

<sup>101</sup> Id. ibid., p.251

Quanto à agressividade, este sentimento sempre surge quando alguém se depara com o outro no lugar de analista, que lhe põe a falar para reconstituir sua história e assumir o lugar de sujeito nesta narrativa. Perder as identificações e as ilusões é algo que gera muita agressividade. Portanto, esta não se dá por consequência de um desejo frustrado, mas sim tal qual “a agressividade do escravo, que responde à frustração de seu trabalho com um desejo de morte.”<sup>102</sup> É a agressividade que pode surgir “diante de qualquer intervenção que, denunciando as intenções imaginárias do discurso, desmonte o objeto que o sujeito construiu para satisfazê-las.”<sup>103</sup>

Em relação à regressão podemos colocá-la como a atualização, no discurso das relações fantasísticas. Essa regressão não é real, nem mesmo na linguagem quando aparece nos pequenos tropeços, “imputar-lhe a realidade de uma relação atual com o objeto equivale a projetar o sujeito numa ilusão alienante, que só faz repercutir um álibi do psicanalista.”<sup>104</sup>

Este manejo da análise, onde o sujeito em seu presente pode ser explicado pelo seu passado ou onde o analista procura trazer a relação de objeto para a situação do aqui e agora, pode até ser útil, desde que o analista não desvincule a intenção imaginária da relação simbólica em que ela se exprime. O sujeito vai ser levado a falar na primeira pessoa, é desta forma que ele faz a assunção das suas miragens. Neste movimento o analista não pode esquecer que os gestos ou mesmo a estática do sujeito devem ser reintegrados em seu discurso narcísico, mas há de se evitar que o sujeito capture “numa objetivação, não menos imaginária do que

---

<sup>102</sup> Lacan, Jacques. op. cit., p.251

<sup>103</sup> Id. ibid., p.252

<sup>104</sup> Id. Ibid., p.251

antes, de sua estática ou de sua estátua numa situação renovada de sua alienação”<sup>105</sup>

Neste ponto o discurso desempenha um papel importante, já que nele as certezas se escandem e se resolvem. É no discurso que se nada é comunicado, ao menos representa a existência da comunicação e mesmo ao negar a evidência, afirma que a fala constitui a verdade. Ainda que este discurso pareça meio vazio, ele está exercendo a sua função, cabe então, ao analista saber ouvir e perceber “a que parte desse discurso é confiada o termo significativo.”<sup>106</sup>

O analista não pode esquecer que é através da palavra plena que o sujeito poderá realizar a assunção de seu desejo. Uma pontuação oportuna, ou uma intervenção no momento adequado dará sentido ao discurso do sujeito que poderá então se reconhecer como sujeito desejante.

Insistir no comportamento e na relação de transferência como uma atualização das relações fantasísticas, é permitir ao sujeito projetar-se numa ilusão alienante tão imaginária quanto as anteriores, diferentemente, da proposta de trabalho psicanalítico que visa levar o sujeito a destruir suas identificações imaginárias.

#### **2.4.2 Fala Plena.**

Já sabemos que o analista tem uma posição na dinâmica do trabalho analítico, a de “escutador” da fala de um sujeito. Não de uma fala vazia onde o sujeito parece falar em vão de alguém que, apesar de lhe ser muito semelhante,

---

<sup>105</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.253

<sup>106</sup> Id. *ibid.*, p.253

parece-lhe muito distante, mas de uma fala que o leve à assunção de seu próprio desejo.

Vamos comentar o trabalho do primeiro “escutador”. O método instaurado por Breuer e Freud com as histéricas, levou-os à descoberta de um evento traumático, que era considerado como “causa” do sintoma. A paciente, ao rememorar sua história, “verbalizava” este evento e em consequência se dava a eliminação do sintoma.

O esquema seguia esta ordem: um acontecimento patogênico gerava um trauma e com a verbalização do acontecimento teríamos a eliminação do sintoma.

Qual seria, então, a função desse verbalizar?

Mesmo no blá-blá-blá da histérica é possível que se apresente a sua verdade, é possível fazê-la falar. A revelação histérica do passado apresenta o nascimento da verdade na fala, “a verdade dessa revelação é a fala presente, que atesta na realidade atual e que funda essa verdade em nome dessa realidade. Ora, nessa realidade, somente a fala testemunha a parcela dos poderes do passado que foi afastada a cada encruzilhada em que o acontecimento fez uma escolha.”<sup>107</sup> Não estamos falando de realidade, se os fatos aconteceram ou não, mas de verdade, pois é na fala plena que as contingências passadas são reordenadas, “dando-lhes o sentido das necessidades por vir, tais como as constitui a escassa liberdade pela qual os sujeitos as fazem presentes.”<sup>108</sup>

O trauma já é uma nova leitura de um evento que há muito estava lá, ele simplesmente dá sentido a algo que é da ordem do indizível. A partir da cena primária, ao longo da vida o sujeito se reestrutura a cada “novo” acontecimento

---

<sup>107</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.257

<sup>108</sup> Id. ibid., p.257

que traz novamente a marca do acontecimento traumático. Ele simplesmente atualiza uma cena que já estava lá, não importa se vivida ou pensada.

Esse é o método criado por Freud em 1885, uma fala endereçada ao outro, que permite que o sujeito reviva, fale e faça a assunção da sua história. Buscar apoio em outros métodos seria desviar-se da própria experiência analítica, que se refere à linguagem e ao inconsciente.

Lacan nos explica que Freud, a partir de certo momento, se proibiu de usar qualquer outro método que não fosse a escuta. Por que deveríamos, agora, recorrer a eles para explicar o sintoma ou curá-lo? Ele insiste nessa questão ao afirmar: “a experiência analítica tem como meios os da fala, à medida que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real.”<sup>109</sup>

Disso resultam para Lacan, duas conseqüências: a primeira refere-se à posição da interlocução aceita pelo sujeito, essa posição o constitui como intersubjetividade, pois toda alocação é constituída por um locutor e um alocatário<sup>110</sup>. Mesmo que sua fala não se dirija aos presentes, ela se dirige ao Outro. A segunda, trata-se dos efeitos da interlocução psicanalítica, à medida que ela inclui a resposta do interlocutor, é nessa “que se resgata para nós o sentido do que Freud exige como restabelecimento da continuidade nas motivações do sujeito.

---

<sup>109</sup> Lacan, Jacques. op. cit., p.259

<sup>110</sup> Como consta na nota de rodapé do texto, esses termos foram retirados de Édouard Pichon. Os escritos. p.259

Concluindo, na situação analítica o sujeito recebe sua própria mensagem de forma invertida, dando-lhe um sentido, “o sentido que faz desse ato um ato de sua história e que lhe dá sua verdade.”<sup>111</sup>

Lacan nos mostra que a descoberta freudiana do inconsciente, só se esclarece em seu verdadeiro fundamento ao relacionar-se com a linguagem. É para *um inconsciente estruturado como uma linguagem*, que aponta sua definição.

“O inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar. Qual seja:

- nos monumentos: e esse é meu corpo, isto é, o núcleo histérico da neurose em que o sintoma histérico mostra a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez recolhida, pode ser destruída sem perda grave;

- nos documentos de arquivo, igualmente: e esses são as lembranças de minha infância, tão impenetráveis quanto eles, quando não lhes conheço a procedência;

- na evolução semântica: e isso corresponde ao estoque e às acepções do vocabulário que me é particular, bem como ao estilo de minha vida e a meu caráter;

- nas tradições também, ou seja, nas lendas que sob forma heroicizada veiculam minha história;

---

<sup>111</sup> Id. *ibid.*, p.259



- nos vestígios, enfim, que conservam inevitavelmente as distorções exigidas pela reinserção do capítulo adulterado nos capítulos que o enquadram e cujo sentido minha exegese restabelecerá.”<sup>112</sup>

Devemos lembrar que o objetivo de Lacan era realizar um retorno a Freud e isso só foi possível com a leitura minuciosa de seus textos, para ele é no campo da metáfora que Freud trabalha, mesmo quando fala do sintoma.

Freud atuou no campo do deslocamento simbólico e não no imaginário como pensam aqueles que querem trabalhar os estádios orgânicos do desenvolvimento individual, a partir dos acontecimentos peculiares da história de um sujeito. Para estes, a psicanálise trabalharia com fatos acidentais, factícios e com os traumas.

Lacan quer mostrar, baseado nos textos de Freud, que os fatos acidentais são usados para dar aparência a uma situação há muito existente, são figurantes num roteiro já determinado, “a história já se faz no palco em que será encenada depois de escrita, no foro íntimo e no foro externo.”<sup>113</sup>

Esses fatos, antes de acontecerem, já estão predeterminados a ocupar um lugar específico no drama do sujeito. Lacan demonstra seu pensamento, ao recordar a célebre frase de La Rochefoucault “há pessoas que nunca se haveriam apaixonado, se nunca tivessem ouvido falar de amor.”<sup>114</sup> Tudo isso serve para nos mostrar que os estádios instintuais já estão, ao serem vividos, organizados como

---

<sup>112</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p. 260-261

<sup>113</sup> Id. *ibid.*, p.262

<sup>114</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.260-261

subjetividade. A psicanálise lida com o sujeito e “o sujeito vai muito além do que o indivíduo experimenta subjetivamente”<sup>115</sup>

Nosso trabalho consiste em fazer o sujeito reconhecer como inconsciente sua história, nós o ajudamos a perfazer a historicização atual dos fatos que já determinaram em sua existência um número de “reviravoltas” históricas. Como fatos históricos podem ser reconhecidos num certo sentido ou censurados numa certa ordem.

Com essas colocações, Lacan demonstra que a experiência analítica é só dual na aparência, qualquer colocação de sua estrutura nesses termos é inadequada na teoria e destrutiva na sua técnica. Nessa experiência há de se levar em conta o terceiro termo constituído pelo discurso do Outro.

#### **2.4.3 Símbolo e linguagem como estrutura e limite do campo psicanalítico.**

Como desenvolvemos logo acima, “o inconsciente do sujeito é o discurso do Outro”. Se entendermos as manifestações do inconsciente como o material a ser trabalhado na análise e se este é estruturado como a linguagem, podemos deduzir que esses fenômenos revelam uma estrutura análoga a da linguagem. Cada linguagem obedece, inconscientemente, às leis estruturais na sua formação. Saussure descobriu estas leis para as línguas faladas, Lacan afirmou – depois de Freud – que a linguagem do inconsciente obedece às mesmas leis estruturais.

Lacan usa como referência três textos de Freud: *A interpretação dos sonhos*, onde, segundo Lacan, Freud nos ensina que o sonho tem a estrutura de uma frase e que o discurso onírico é elaborado pelos métodos da retórica, os

---

<sup>115</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p. 266

deslocamentos sintáticos: elipse, pleonasma, hipérbato, silepse, regressão, aposição e repetição, e as condensações semânticas metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque. Outro ponto importante do texto refere-se ao desejo manifestado em todo sonho, mas “o desejo do homem é o desejo do Outro”, não porque o outro possui o objeto desejado e sim porque o seu primeiro desejo é ser reconhecido por esse; *A psicopatologia da vida cotidiana*, onde é mostrado que o inconsciente se revela nos atos falhos, nos esquecimentos das palavras, ou seja, nos lapsos. Apesar de serem considerados como lapsos, demonstram ser um discurso bem sucedido. A estrutura destes fenômenos é semelhante à da linguagem, são metáforas (um significante no lugar de outro significante). E, finalmente *O chiste e sua relação com o inconsciente*, considerada a obra mais incontestável e transparente na demonstração dos efeitos do inconsciente, revela a face da sutileza, da espirituosidade na ambigüidade que a linguagem lhe confere, outra face revelada é a da “saliência pela qual sua ordem inteira aniquila-se num instante”<sup>116</sup>. O humor, na graça maliciosa do espírito livre transmite uma mensagem indiretamente, simboliza uma verdade dita em meias palavras. “É a verdade, de fato, que em sua boca arranca essa máscara, mas para que o espírito coloque outra mais enganosa: a sofisticada que não passa de estratagemas, a lógica que é apenas um engodo, e até o cômico, que só entra ali para ofuscar. O espírito está sempre noutra lugar.”<sup>117</sup>

A distinção entre o sujeito e o indivíduo é bastante nítida, em nenhum outro lugar de sua obra, Freud nos mostra o quanto “a intenção do indivíduo é

---

<sup>116</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.271

<sup>117</sup> Id. ibid., p.272

mais manifestamente superada pelo achado do sujeito.”<sup>118</sup> Nesse achado algo estranho causa prazer, é um jogo, onde as palavras unem-se, modificam-se e tornam-se cômicas diante de um terceiro ouvinte, sempre suposto.

Nas regras observadas na formação dos chistes, mais uma vez fica evidenciada que as leis obedecidas são a da linguagem.

Todos estes textos mostram como o inconsciente se apresenta através das suas formações e como esse é estruturado de forma homóloga à linguagem. Com essas colocações, Lacan nos aponta para a questão dos efeitos da ordem simbólica na constituição do sujeito. A natureza simbólica, concebida como lei, governa não só a ordem da linguagem, a lógica das combinações matemáticas, mas também, todas as relações sociais de parentesco.

Lei e linguagem – Lacan nos fala “que a lei do homem é a lei da linguagem”.<sup>119</sup> Desde as primeiras palavras de reconhecimento, dos primeiros dons, estes já operavam como símbolos de um pacto, eram significantes de um pacto que constituem como significado. Os objetos usados nas trocas, entre os navegantes e os homens nativos de uma região eram supérfluos por seu uso, mas serviam para se estabelecer um pacto. Neste sentido tornavam-se objetos simbólicos, representavam alguma coisa, assim como as palavras que podem ser definidas como presença feita de ausência. Temos aqui o nascimento das relações comerciais e sociais.

Como citado anteriormente, é através do complexo de Édipo que temos a passagem do homem enquanto ser biológico para o homem produto de uma

---

<sup>118</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.272

<sup>119</sup> Id. ibid., p.273

cultura. A cultura, produto da atividade da função simbólica, representa o termo intermediário entre o homem e a natureza. É a ordem do símbolo que constitui o homem. Este se define pela função simbólica e, conseqüentemente, seus comportamentos, atividades e produções levariam essa marca.

Para Freud, o inconsciente comporta o material de origem fisiológica e as inibições culturais, ele é ao mesmo tempo natureza e cultura. O superego, representante da cultura, seria o intermediário entre a consciência e a natureza. Essa é a grande descoberta de Freud “a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica e do remontar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização no ser”<sup>120</sup>

Como o homem não possui um objeto predeterminado, pois não é da natureza humana agir por instinto, ele precisa construir seu próprio objeto, que não pode estar na ordem do imaginário, mas na do simbólico, é “alguma coisa”. “Essa **alguma coisa** completa o símbolo para dele fazer a linguagem”<sup>121</sup>

Para Claude Lépine “não há no homem instintos, tendências inatas e universais como egoísmo, busca do prazer. O que encontramos de permanente são exclusivamente os modos lógicos, intelectuais de operar inconscientes da mente humana.”<sup>122</sup>

O inconsciente na concepção estruturalista é colocado como razão natural. Não é uma razão humana; é um sistema que estrutura tanto o homem, sem ele

---

<sup>120</sup> Lacan, Jacques. Op.cit., p. 276

<sup>121</sup> Id. ibid., p.277

<sup>122</sup> Lépine, Claude. Op. cit., p.72

saber, como a natureza. “O homem fala, mas porque, a língua fala nele; age mas porque, é agido por um sistema de regras”.<sup>123</sup>

Claude Lépine afirma que<sup>124</sup> tanto a Antropologia como a Psicanálise aceitam que o outro está antes do eu, o que significa que a subjetividade depende da identificação com o outro; que a ordem simbólica constitui o homem, mas o símbolo é exterior, a ordem simbólica se realiza no homem sem que este tenha consciência das leis que se pensam nele; e que o sujeito é uma entidade posicional e seu destino é determinado pelo percurso de um significante.

O homem recebe do outro seus significantes, seu destino, sua linguagem. Considera-se um ser autônomo, mas não percebe que sua sorte está lançada desde o nascimento, para alguns até antes, à medida que vem ocupar “um lugar” definido numa rede de relações. Enquanto ser cultural terá de levar sua marca significante e carregar os efeitos da ordem simbólica em seu ser.

Esse é o pensamento de Lacan, a função simbólica implicada na constituição do sujeito. Os símbolos envolvem a vida do homem numa rede tão total que antes mesmo de seu nascimento, já é possível perceber as relações estabelecidas pelos seus pais e que a partir daí, determinará seu próprio destino. “O deslocamento do significante determina os sujeitos em seus atos, seus destinos, suas recusas, suas cegueiras, seu sucesso e sua sorte, não obstante seus dons inatos e sua posição social, sem levar em conta o caráter ou o sexo e que por bem ou por mal seguirá o rumo do significante, como armas e bagagens, tudo aquilo que é da ordem do dado psicológico”.<sup>125</sup>

---

<sup>123</sup> Lépine, Claude. Op. cit., p.75

<sup>124</sup> Id. *ibid.*, p.75

<sup>125</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.33-34

#### **2.4.4 As ressonâncias da interpretação e o tempo do sujeito na técnica psicanalítica.**

O objetivo de Lacan, nessa última parte do texto, é trabalhar a técnica psicanalítica. Ao falar desta, Lacan mostra-nos que se deve reconduzir a experiência psicanalítica à fala e à linguagem, já que o sujeito só pode ser compreendido em sua relação com a intersubjetividade da fala.

Lacan traz o surgimento do sujeito ao fazer o manejo da transferência na experiência analítica, sujeito sem consciência de si, que nada tem a ver com ego, pois na análise só se atinge o sujeito ao descentrá-lo dessa consciência. Em *O Homem dos ratos*, Freud nos dá um exemplo de como se servir da resistência para implicar o sujeito em sua mensagem.

Lacan trabalha com o discurso e nos mostra que está operando no campo do simbólico, mas não como muitos acreditam, num campo com símbolos universais, porque no homem os símbolos sempre trazem a marca da subjetividade. Trata-se de trabalhar com a linguagem que “capta o desejo no ponto exato em que ele se humaniza, fazendo-se reconhecer, é absolutamente peculiar ao sujeito”<sup>126</sup>

Lacan propôs o retorno ao uso dos efeitos simbólicos numa técnica, onde o analista “pode jogar como o poder do símbolo, evocando-o deliberadamente nas ressonâncias semânticas de suas colocações”<sup>127</sup>.

Lacan usa uma dupla referência à fala e à linguagem, isso é uma verdade, pois muitas das reações do sujeito podem ser explicadas por suas respostas ao caráter simbólico de um ato, uma relação ou um objeto. “Para liberar a fala do

---

<sup>126</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.295

<sup>127</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.295

sujeito, nós o introduzimos na linguagem de seu desejo, isto é, na linguagem primeira em que, para-além do que ele nos diz de si, ele já nos fala à sua revelia, e prontamente o introduzimos nos símbolos do sintoma.

É realmente de uma linguagem que se trata, com efeito, no simbolismo exposto na análise. Essa linguagem, correspondendo ao anseio lúdico que podemos encontrar num aforismo de Lichtenberg, tem o caráter universal de uma língua que se fizesse ouvir em todas as outras línguas, mas que, ao mesmo tempo, por ser a linguagem que capta o desejo no ponto exato em que ele se humaniza, fazendo-se reconhecer, é absolutamente peculiar ao sujeito”.<sup>128</sup>

Uma técnica como esta, que trabalha com a linguagem em todas as suas sutilezas, exige um profundo conhecimento dos recursos de uma língua (especialmente os encontrados nos textos poéticos), dos clássicos Antigos, de uma iniciação moderna no folclore e de uma participação interessada nas conquistas do humanismo contemporâneo no campo etnográfico.

Ao tratar da fala em uma análise, sabemos que essa é usada para fazer uma intimação – a do reconhecimento do sujeito. No momento em que se estabelece uma ligação entre o falante e o ouvinte, a fala está exercendo sua função simbolizadora. Isso nos remete à estrutura da comunicação na linguagem: um emissor, um receptor, algo a ser comunicado e um código, estes são os pontos básicos para que haja comunicação. No caso da análise, “este algo” a ser comunicado é o próprio sujeito, nesta fala o que se busca não é uma resposta qualquer, mas o surgimento deste. O sujeito se constitui na sua própria pergunta.

---

<sup>128</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.295



Aqui, a fala não é usada para comunicar ou informar, mas para evocar. Espera-se uma resposta do Outro, uma resposta de reconhecimento. Na pergunta, alguém é nomeado e deve assumir ou recusar a nomeação para responder. O sujeito se identifica na linguagem, mas somente ao se perder nela como objeto.

Na relação analista/analizando, o sujeito é chamado a dar uma resposta que tem como função fazer o sujeito se reconhecer ou se abolir. O sujeito fala, utiliza a fala verdadeira para fazer o reconhecimento de sua história e pensar sua relação com um futuro.

Lacan nos mostra como alcançar o sujeito nas diferentes neuroses. Para o sujeito da histeria é necessário que ele reconheça “onde se situa sua ação, uma vez que ele atua fora de si mesmo, para o sujeito da neurose obsessiva é necessário se fazer reconhecer o espectador, invisível do palco, a quem o une a mediação da morte.”<sup>129</sup>

É na relação do *eu* do sujeito com o [*eu*] de seu discurso, que é preciso compreender o sentido do discurso, para desalienar o sujeito. Cada sujeito ao contar sua história, precisa implicar-se nela e se reconhecer como sujeito: aquele que comete a ação de sua narrativa.

Porém, este *eu do sujeito* nada tem a ver com o ego e uma análise que visa ao *ego*, só pode livrar o sujeito das intimações de sua fala. O sujeito busca a sua verdade, é no campo da linguagem que o analista deve permanecer se quiser dar à fala do sujeito sua pontuação dialética.

---

<sup>129</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.305

Estamos acudados contra o muro da linguagem. Este é nosso lugar, estamos do mesmo lado que o paciente. Esse muro é o mesmo para ele e para nós, é daí que tentaremos responder ao eco de sua fala.

Ainda neste texto é abordado o sujeito definido por sua historicidade e o nascimento do símbolo. Com os jogos de ocultação (*Fort! Da!*) descritos por Freud é mostrado o momento em que o desejo se humaniza e que o homem nasce para a linguagem. O símbolo, objeto usado para representar a coisa ausente, traz também a marca da morte que constitui no sujeito a eternização de seu desejo. O sujeito não domina aí apenas sua privação, assumindo-a, pois sua ação destrói o objeto que ela faz aparecer e desaparecer na provocação antecipatória de sua ausência e sua presença. “Ela negativiza assim o campo de forças do desejo, para se tornar, em si mesma, seu próprio objeto. E esse objeto, ganhando corpo imediatamente no par simbólico de dois dardejamentos elementares, anuncia no sujeito a integração diacrônica da dicotomia dos fonemas, da qual a linguagem existente oferece a estrutura sincrônica a sua assimilação; do mesmo modo, a criança começa a se comprometer com o sistema do discurso concreto do ambiente, reproduzindo mais ou menos aproximativamente, em seu *Fort!* e em seu *Da!*, os vocábulos que dele recebe.

*Fort! Da!* É realmente já em sua solidão que o desejo do filho do homem torna-se o desejo de um outro, de um *alter ego* que o domina e cujo objeto do desejo é, doravante, seu próprio sofrimento.”<sup>130</sup>

Concluindo, ao adotar o estruturalismo, Lacan precisava demonstrar como a psicanálise poderia ser estabelecida a partir desse novo paradigma. Esse é o

---

<sup>130</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.320

objetivo do texto trabalhado, demonstrar que os conceitos elaborados por Freud a respeito da prática psicanalítica, se encaixavam muito bem ao estruturalismo. Lacan falou-nos de sua técnica e delimitou desta o campo e a função; mostrou-nos que o homem se constitui através da linguagem, pois é o imperativo do verbo e da lei que o formam, ao homem nada mais resta a não ser submeter-se à lei da fala. Confirmando, portanto o pensamento de Lévi-Strauss de que as ações humanas apresentam sempre o caráter simbólico, inclusive no desejo.

A experiência humana segue um percurso<sup>131</sup>:

Fala-me! Alguém suplica.

Ouve-me? O Outro responde.

Você me disse. Entendo que você se submete à lei da fala.

Ouve-me? Novamente o Outro pergunta.

Você me disse. Eu me reconheço pelo dom da fala.

Ouve-me?

Você me disse. Respondo à sua fala.

Então, **você** me ouviu.

---

<sup>131</sup> Lacan utilizou um texto, o primeiro Brahmana da Quinta lição do Bhrad-aranyak Upanishada para exemplificar o percurso realizado pelo homem para conseguir seu reconhecimento. Essa parte do texto é a minha interpretação.

### **CAPÍTULO 3**

#### **CONSOLIDAÇÃO DO PARADIGMA ESTRUTURALISTA – O**

#### **RETORNO A FREUD.**

Comentamos a aproximação de Lacan ao estruturalismo, a influência de Lévi-Strauss nesse período de sua obra, a ordem simbólica como determinante das relações sociais, mas ainda é preciso comentar o retorno a Freud, onde alguns conceitos importantes da prática psicanalítica foram revistos à luz da antropologia.

Inicialmente, Lacan rejeitou alguns conceitos de Freud, tais como, inconsciente, pulsão, compulsão a repetição, entre outros, por considerá-los ainda muito próximos da biologia, mas agora a noção de inconsciente passa a ser importante para fundamentar sua tese sobre a determinação social do sujeito e a submissão do sujeito ao significante. Foi a noção de inconsciente de Lévi-Strauss que forneceu a chave para Lacan fazer uma reinterpretação da psicanálise.

O inconsciente – conjunto de todas as estruturas, função simbólica – pouco tem a ver com o proposto por Freud, que para Lacan tinha seu ponto mais problemático na noção de representação inconsciente, que quando considerada do ponto de vista psicológico, assumia o lugar de uma representação que não representa para a consciência. Encontramos algumas definições para o conceito de *representação*, elaboradas a partir dos textos de Freud: “A representação seria antes o que do objeto se vem inscrever nos sistemas mnésicos...Um sinal sempre coordenado com outros e que não está ligado a esta ou àquela qualidade sensorial.”<sup>132</sup> No sistema inconsciente só seria possível a representação da coisa.

---

<sup>132</sup> Laplanche, J. e Pontalis, J. B. Vocabulário de Psicanálise. p.583

“A representação da coisa consiste num investimento, se não de imagens mnésicas diretas da coisa, pelo menos no de traços mnésicos mais afastados, derivados dela”<sup>133</sup>

A linguagem cada vez mais ocupa lugar de destaque no estruturalismo, tornando-se o instrumento para a construção e organização do mundo humano. É o simbolismo que nos dá a chave para a organização do próprio mundo.

É com o auxílio dessas idéias que Lacan vai avançar em seu projeto de fazer uma tradução da estrutura social, que constitui o sujeito, pois o inconsciente ao determinar os fatos sociais, acaba por definir o sujeito na sua individualidade. A Psicanálise passa a despontar como a ciência cujo objeto seria o sujeito organizado pela linguagem. Esse sujeito obedece às leis do simbólico e tem todas as suas ações determinadas pelo inconsciente. Ele nada tem a ver com consciência/ ego, por isso a psicanálise não pode trabalhar no nível do ego. Sendo assim, a clínica psicanalítica deve intervir diretamente sobre o sujeito e o único instrumento que ela possui é a própria linguagem. Daí toda crítica à concepção adaptativa da psicanálise e da idéia do fortalecimento do ego. Para Lacan só é analisável o que se dá na transferência, mas priorizando a linguagem e não o comportamento.

Lacan volta-se para Freud, para buscar em sua teoria, alguns pontos que pudessem demonstrar que é no campo da linguagem que a psicanálise atua.

Freud, ao trabalhar a Interpretação dos Sonhos, percebe que o sonho é uma mensagem a ser decifrada, pois cada elemento da imagem final do sonho pode significar outra coisa. Dois mecanismos principais operam nessa elaboração, o

---

<sup>133</sup> Laplanche, P. E Pontalis. J. B. Op. cit., p.585. A citação original foi retirada do texto *O inconsciente*.

deslocamento e a condensação. Na situação analítica também temos um discurso a ser interpretado e o método escolhido é o mesmo proposto por Freud, só que agora, já de posse de todo conhecimento da lingüística, é possível nomeá-los de metáfora e metonímia e concluir como Lacan que na situação analítica só se pode analisar “aquilo que representa outra coisa que ele mesmo”<sup>134</sup>.

Agora fica muito mais fácil para Lacan aceitar a idéia de representação enunciada por Freud e aproximá-la da idéia de significante.

Escolhemos alguns textos de Lacan deste período: *O Seminário sobre “A carta roubada”*, *A coisa freudiana*, *A significação do falo e A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, para trabalhar três pontos considerados elementares para o entendimento de uma teoria que abordava a constituição do sujeito, não mais pelo imaginário, mas pelo simbólico a partir do significante. Esses pontos são: o percurso de um significante, a prática psicanalítica e a determinação do sujeito pelo significante.

### **3.1 O Seminário sobre “A carta roubada” – O percurso de um significante.**

O objetivo desse texto, escrito por Lacan em 1956 (meados de maio a meados de agosto) é mostrar que o sujeito se constitui a partir da ordem simbólica, já que o significante no seu percurso o determina. Para ele esta verdade pôde ser revelada no momento de seu ensino dedicado ao *Mais além do princípio do prazer* de Freud, quando trabalhou a noção de automatismo de repetição (Wiederholungszwang). Freud nesse texto traz exemplos de como o recalco costuma “retornar” ao presente nos sonhos, nos sintomas, no agir e em tudo

---

<sup>134</sup> Simanke, Richard Theisen. Op. cit., p.443. Esta frase contém uma citação de Lacan que esta no S.I.R. p.11

mais. Acreditava que para cessar a repetição era necessário fazer a representação entrar no circuito associativo. “O que permanece incompreendido retorna como uma alma penada, não tem repouso até encontrar resolução e libertação.”<sup>135</sup> Lacan vai preferir usar o termo automatismo de repetição, por apontar a ligação da repetição com a ordem simbólica, onde é impossível parar de repetir, pois é a própria insistência da cadeia de significante a causa da repetição.

Lacan nos ensina que, ao trabalhar em uma prática voltada para as manifestações do inconsciente, é necessário entender como vem a se exercer no organismo humano essa apreensão do simbólico. “Nós estabelecemos que é a lei própria a essa cadeia que rege os efeitos psicanalíticos determinantes para o sujeito, tais como a forclusão (*Verwerfung*), o recalque (*Verdrängung*) e a própria denegação (*Verneinung*) - , acentuando com ênfase que convém que esses efeitos sigam tão fielmente o deslocamento (*Enstellung*) do significante que os fatores imaginários, apesar de sua inércia, neles não figurem senão como sombras e reflexos”<sup>136</sup>.

O conto “A carta roubada” foi escolhido por exemplificar o movimento dos personagens em torno de uma carta/letra evidenciando a noção de estrutura estabelecida entre eles. É uma ficção onde cada um toma o seu lugar e desempenha seu papel numa cadeia, que logo que desenrola, se organiza segundo as leis simbólicas.

Inicialmente, temos o narrador e Augusto Dupin em seu gabinete de leitura ou pequena biblioteca, onde desfrutavam do duplo luxo da meditação e de

---

<sup>135</sup> Laplanche, J. e Pontalis, J.B. Vocabulário de psicanálise. p. 126. A citação original é do *O pequeno Hans*.

<sup>136</sup> Lacan, Jacques. O seminário sobre “A carta roubada”. In *Escritos*. p. 13

um cachimbo de espuma-do-mar. Surge um terceiro personagem, Monsier G., delegado da polícia de Paris, que queria fazer uma consulta, pedir uma opinião a respeito de alguns casos oficiais que lhe haviam causado grandes transtornos. Começa a relatar o caso que Dupin chama de *estranho e simples*. Para Dupin, talvez o mistério do caso fosse a sua própria simplicidade, já que era evidente demais. A cena revelada é esta: um documento havia sido roubado dos aposentos reais, o mesmo dava a quem o possuísse poder, num meio em que tal poder era imensamente valioso. O documento, uma carta, foi recebido pela personalidade roubada, quando esta se encontrava a sós em seus aposentos. Enquanto lia, foi interrompida pela entrada de outra pessoa da qual ela deveria ocultar a carta. Como não foi possível achar um bom esconderijo de imediato, a carta foi colocada displicentemente sobre uma mesa. Nesse momento o ministro M reconheceu a letra e substituiu a carta por outra que estava em seu bolso. A Rainha tudo viu, mas nada pôde fazer, pois uma terceira pessoa encontrava-se ao lado. Provavelmente, o Rei e a Rainha não podiam chamar-lhe a atenção para o fato.

Depois de relatar o episódio, o Inspetor G continuou a conversa expondo todos os seus esforços para conseguir resgatar a carta. Por três meses o Inspetor revistou o apartamento do Ministro. Tudo foi revistado, inclusive com o auxílio de microscópio, mas nada foi achado.

Depois de um mês uma nova visita. Novamente, encontram-se juntos Dupin e o narrador, quando chega o Inspetor para tomar um conselho, já que ainda não havia conseguido encontrar uma solução para o tal caso. Reaver a carta torna-se mais importante ainda, pois a recompensa havia sido duplicada. O



Inspetor mostra sua resignação diante de tal infortúnio, acrescentando que mesmo se fosse triplicada a recompensa, ele nada mais poderia fazer.

Dupin mostrando ser bastante astuto e percebendo a necessidade do Inspetor em reaver a carta, negocia um valor para dar um conselho. O Inspetor, no seu desespero, aceita pagar cinquenta mil francos por esse. Dupin, após ter recebido o cheque, entrega a carta ao Inspetor, que prontamente sai, sem dizer uma única palavra. Dupin, nesse momento, começa a dar as explicações para a solução do caso e relata a segunda cena, que pode ser considerada uma repetição da cena primitiva. Novamente a carta foi substituída e no seu lugar ficou uma mensagem.

É preciso acompanhar o percurso dessa carta/letra para entender como o significativo, ao inserir numa cadeia, passa a insistir e determinar a posição de cada um dos elementos. Estes nada podem fazer, a não ser seguir o destino, que lhes fora imposto.

A carta/letra, substituta da primeira recebida pela Rainha, pouca importância tem, mas seu valor repousa no fato de servir como uma mensagem para a Rainha, que pode ser assim traduzida: eu tenho a sua carta e portanto, você está em minhas mãos.

O atual portador da carta/letra é o Ministro, é para ele que essa pode representar o poder, mas ele não pode usá-la, pois se a usasse, seu poder poderia dissipar-se. Na segunda cena, novamente a carta é substituída, agora por uma outra muito semelhante em seu aspecto, já que D, o Ministro, não deveria perceber, a princípio, a substituição. Isso permitiria à Rainha tê-lo em suas mãos, sem que ele o soubesse. Sua estratégia consistia em causar-lhe sua ruína política

no momento certo. Mas Dupin ao deixar uma outra carta, também deixa uma mensagem, que só poderia ser entendida pelo próprio destinatário. Só ele poderia saber quem o sobrepujara em astúcia. É por isso que Dupin não pôde deixar de dar-lhe um indício.

Duas ações semelhantes, tanto no que se motivam, quanto na estrutura que há entre os três termos. Três termos que correspondem aos três “tempos lógicos pelos quais a decisão se precipita e aos três lugares que ela atribui aos sujeitos, os quais ela desempata.”<sup>137</sup> No primeiro tempo, o jogador supõe que o outro esteja na mesma posição que ele, que pensam da mesma forma e no mesmo momento. Mas pode haver um segundo tempo onde o jogador se faz de outro e pode chegar a pensar que o outro sendo um outro ele mesmo, pode ser capaz de pensar como ele. Para sair da situação, ele se coloca como um terceiro, saindo da posição de puro reflexo. O terceiro tempo seria basicamente um retorno ao primeiro tempo, pois se o outro não jogar o jogo, ele pode enganar o jogador; este não querendo ser enganado, se posiciona novamente no lugar do outro. Esse raciocínio só funciona dentro do âmbito da intersubjetividade, onde se procura saber se o outro é suficientemente inteligente para perceber que o jogador é também para ele um outro e se é capaz de transpor esse segundo tempo.

A situação pode ser definida em três tempos, ordenando três olhares sustentados por três sujeitos, alternadamente encarnados por pessoas diferentes.

“O primeiro é o de um olhar que nada vê: é o rei, é a polícia.

---

<sup>137</sup> Lacan, Jacques. O seminário “A carta roubada”. In *Escritos*. p. 17. Nesta citação Lacan faz referência ao texto: **O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada**, onde demonstra que o tempo em psicanálise é lógico, na medida em que o aspecto sincrônico é o determinante na estruturação do sujeito, na instalação do significante e na própria noção de estrutura. O tempo lógico é dividido em três momentos: o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir.

O segundo, o de um olhar que vê que o primeiro nada vê e se engana por ver encoberto o que ele oculta: é a rainha, e depois, o ministro.

O terceiro é o que vê, desses dois olhares, que eles deixam a descoberto o que é para esconder, para que disso se apodere quem quiser: é o ministro e, por fim, Dupin”<sup>138</sup>.

O que precisa ser destacado é a maneira como os sujeitos se revezam em seu deslocamento no decorrer da repetição intersubjetiva, “esse deslocamento é determinado pelo lugar que vem ocupar em seu trio, esse significante puro que é a carta roubada.”<sup>139</sup> Essa carta/letra inicia todo o movimento, ela é o símbolo que se desloca em estado puro, no qual não se pode tocar sem ficar imediatamente preso em seu jogo.

A sua mensagem já tinha sido passada, a Rainha já conhecia seu conteúdo, mas mesmo assim ela não estava em seu lugar, “e o que é escondido nunca é outra coisa senão aquilo que falta em seu lugar”<sup>140</sup>. É como um significante, símbolo de uma ausência. “E é por isso que não podemos dizer da carta/letra roubada que, à semelhança de outros objetos, ela deva estar *ou* não estar em algum lugar, mas sim que, diferentemente deles, ela estará *e* não estará onde estiver, onde quer que vá”<sup>141</sup>.

Não podemos dizer que essa carta cumpriu seu destino depois de ter desempenhado sua função, pois uma carta não é funcional, tanto que, muitas vezes, é utilizada como parte do ritual de encerramento do relacionamento

---

<sup>138</sup>Lacan, Jacques. op. cit., p.17

<sup>139</sup>Id. ibid., p.18

<sup>140</sup>Id. ibid., p.28

<sup>141</sup>Id. ibid., p.27

amoroso, quando os parceiros resolvem devolvê-las, como uma comprovação do rompimento. Em princípio, levaram uma mensagem, mas seus destinatários preferiram guardá-las, por representarem um pacto de amor, depois passaram a representar o não querer de um ou dos dois amantes.

No caso da carta que se encontra com o Ministro podemos dizer, “se o uso significativo da carta é um uso forçoso para o ministro, seu uso para fins de poder, só pode ser potencial, uma vez que ele não pode passar ao ato sem desvanecer-se imediatamente e que, portanto a carta só existe como meio de poder pelas atribuições últimas do significante puro, quais sejam, prolongar seu desvio, para fazê-la chegar a quem de direito por uma passagem suplementar, isto é, por uma outra traição, cujas repercussões a gravidade da carta torna difícil prever; ou então destruir a carta, o que seria a única maneira segura e, como tal, prontamente proferida por Dupin, de acabar com o que está destinado, por natureza, a significar a anulação daquilo que significa”<sup>142</sup>.

Dessa carta/letra nada sabemos a respeito de seu conteúdo e de seu remetente, só sabemos sua destinatária - a Rainha e o perigo que representa para esta, caso venha a cair nas mãos de um terceiro, permitindo-lhe exercer ascendência sobre a Rainha e conseqüentemente obter poder político. A ascendência que o Ministro extrai da situação não se deve à carta, mas sim à personagem que ela constitui para ele. Essa carta/letra produz todo efeito sem que seu significado seja conhecido.

Não sabemos ainda se esta carta é de amor, conspiração, delação, instrução, intimação, desolação, mas sabemos que a Rainha não pode revelá-la ao

---

<sup>142</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.36

seu mestre e senhor. Também não importa qual o paradeiro que possa vir a ter, pois essa carta não deixará de ser o símbolo de um pacto, pois sua existência situa a destinatária numa cadeia simbólica distinta da que constitui seu juramento, independentemente de sua aceitação ao pacto.

Embora a Rainha seja sua destinatária, não podemos dizer a quem pertence essa carta, mas sim quem a detém. A posse da carta/letra não é menos contestável para sua destinatária do que para qualquer um, que em cujas mãos esta possa cair.

Portanto temos de pensar na carta/letra por sua incidência de significante que para funcionar deve deixar seu lugar, nem que seja para retornar a este circularmente.

Voltemos ao drama, para demonstrar a maneira como os sujeitos se revezem numa determinada estrutura. São a carta/letra e seu destino que regem suas entradas e seus papéis. “Não sendo ela reclamada [ en souffrance], eles é que irão padecer. Ao passarem sobre sua sombra, tornam-se seu reflexo. Ao entrarem de posse da carta/letra – admirável ambigüidade da linguagem – , é o sentido dela que os possui”<sup>143</sup>.

Cada uma das duas cenas do drama real é narrada ao longo de um diálogo diferente. Temos um drama complementar ao drama real, este sem palavras, enquanto que o complementar se articula nas propriedades do discurso. É fácil reconhecer “que esses próprios diálogos adquirem, no uso oposto que neles é feito das virtudes da fala, atenção que os transforma num outro drama: aquele que nosso vocabulário distingue do primeiro como se sustentando na ordem simbólica”<sup>144</sup>.

---

<sup>143</sup>Lacan, Jacques. Op. cit., p.34

<sup>144</sup> Id. Ibid., p.20

O Inspetor relata a Dupin a narrativa que a Rainha lhe fizera. Nesse diálogo é possível acreditar que a comunicação possa ter se dado somente em função da exposição, garantindo a sua exatidão. Mas o que nos chega é um relato filtrado, pois é difícil pensar que o Inspetor só tenha emprestado sua voz, sem usar da sua imaginação. O fato de a mensagem ser retransmitida e o arranjo que lhe foi dado pelo Inspetor, asseguram-nos de estarmos operando no campo da linguagem, ou seja, trata-se de uma comunicação simbólica. Diferentemente da comunicação entre as abelhas onde uma direção é sinalizada e mesmo tratando-se de uma linguagem expressiva, não deixa de ser uma função imaginária mais diferenciada.

Esse relato está no registro da verdade, situa-se num lugar completamente diferente, na fundação da intersubjetividade. “Situa-se ali onde o sujeito nada pode captar senão a própria subjetividade que constitui um Outro como absoluto”<sup>145</sup>.

Dupin revela seu segredo ao contar a história do menino prodígio que tapeava todos os seus colegas no jogo do par ou ímpar. Aquele (Dupin) se identificava com o adversário para tentar entender seu raciocínio, demonstrando ser uma verdadeira relação de intersubjetividade, onde o garoto não se identificava simplesmente ao adversário, mas sim ao seu raciocínio. Essa identificação possibilitava o processo simbólico, à medida que expressava um sistema de raciocínio, que consistia na simples observação e no cálculo da astúcia de seus oponentes, diferentemente da simples relação dual implicada na noção de projeção.

---

<sup>145</sup> Id. *ibid.*, p.22

No texto de Poe nos é dado este diálogo: “Suponhamos, por exemplo, que seu adversário fosse um bobalhão que, fechando a mão, lhe perguntasse: “Par ou ímpar?”. Nosso garoto responderia “ímpar” e perderia, mas na segunda vez ganharia, pois diria com os seus botões: “Este bobalhão tirou par na primeira vez, e sua astúcia é apenas suficiente para que apresente um número ímpar na segunda vez. Direi, pois, ímpar”. Diz ímpar e ganha. Ora, com um simplório um pouco menos tolo que o primeiro, ele teria raciocinado assim: “Esse sujeito viu que, na primeira vez, eu disse ímpar, na segunda, proporá a si mesmo levado pelo impulso a variar de ímpar para par, como fez o primeiro simplório; mas pensando melhor acha que essa variação é demasiado simples, finalmente resolve-se a favor do par, como antes. Eu, por conseguinte, direi par”. E diz par e ganha”<sup>146</sup>.

Para Lacan o sujeito é o interrogado nesse processo e o objeto de interesse é a capacidade de raciocínio do oponente, mais ou menos elevada a do adversário. No primeiro tempo, é a identificação do menino ao raciocínio do oponente, no segundo tempo, a partir do reconhecimento da inteligência do menino, o seu oponente pode tentar enganá-lo enquanto demonstra sua própria inteligência, escolhendo fazer-se de idiota para poder enganá-lo, mas sendo, ele mesmo, considerado pelo adversário como um sujeito que o objetiva. Nesse ponto ele só pode pensar que seu adversário chegou ao obstáculo do terceiro tempo, “e, por conseguinte, ei-lo tolhido com aquele no impasse que toda intersubjetividade puramente dual comporta: o de ficar sem recursos contra um Outro absoluto”. Daí podemos concluir que cada jogador só pode encontrar-se “para além da relação

---

<sup>146</sup> Poe, Edgar Alain. A carta roubada. In Contos extraordinários. p.198. As aspas são do próprio autor.

dual, isto é, em alguma lei que presida a sucessão dos lances que me são propostos”<sup>147</sup>.

Dupin também utiliza-se deste processo, ele se identifica com o raciocínio do ministro para daí, prever sua atitude. Para o Inspetor esse era um poeta e, portanto, um pouco louco, fato este que fez com que o Inspetor o menosprezasse. A polícia procurou em todos os lugares possíveis, mas esqueceu-se de tentar pensar o que seria um lugar possível para alguém que tenha a inventiva de um poeta e o rigor de um matemático. Dupin sabia que a carta não havia sido encontrada em parte alguma, apesar do empenho e do trabalho minucioso da polícia, mas também era de seu conhecimento que o Ministro era muito astuto, intrigante e ousado, qualidades que o Inspetor desprezara. Diante dessas características Dupin acreditava que o Ministro deveria ter previsto a forma de agir da polícia, para então ludibriá-la, isso o levou a agir com extrema simplicidade. A carta não pôde ser encontrada por estar demasiadamente evidente.

Mas como pôde ele mesmo cair em sua própria armadilha?

Ao deixar a carta a descoberto, ele se utiliza do mesmo método que desarticulava. Ele se deixa capturar numa relação dual, tipicamente imaginária, deixando de ver a “situação simbólica que ele mesmo soubera ver tão bem, e onde eis que agora é visto vendo-se não ser visto.”<sup>148</sup>

Os personagens entram num jogo de identificação, cada um deles deve revestir-se no papel do outro, imaginando o que este faria, para só então, dar sua resposta.

---

<sup>147</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.63

<sup>148</sup> Id. ibid., p.34



“Isso é o que nos mostra o herói do drama que aqui nos é contado quando se repete a própria situação que sua audácia tramou pela primeira vez para seu triunfo. Se agora ele sucumbe a esta, é por haver passado para o segundo local da tríade de que inicialmente fora o terceiro, ao mesmo tempo que o larápio – em virtude do objeto de seu rapto”<sup>149</sup>.

O Ministro ao entrar no jogo, entra como aquele que esconde, revestindo-se, portanto, do papel da Rainha. Assume seus atributos de mulher e de sombra, tão propícios ao ato de esconder, mas para isso é preciso ser suficientemente homem. É um jogo onde o signo e o ser estão disjuntos e mostram-nos qual dos dois prevalece quando eles se opõem. “Esse signo é justamente o da mulher, uma vez que ela aí faz valer seu ser, fundando-o fora da lei que continua contendo-a, por efeito das origens, em posição de significante, ou até de fetiche. Para estar à altura do poder desse signo, basta-lhe manter-se imóvel à sombra dele, aí encontrando, de quebra, como a rainha, a simulação do controle do não agir, que somente o “olho de lince” do Ministro pôde desvendar”<sup>150</sup>.

O personagem – Ministro encontra-se empenhado numa relação narcísica, embora não saiba. A ascendência que conseguiu se deve ao fato de ser reconhecido como ladrão e de um ladrão capaz de qualquer coisa. “Isso lhe confere a posição que não está à altura de ninguém realmente assumir, por ser imaginária – a do mestre/senhor absoluto”<sup>151</sup>.

O conto escolhido nos revela tão bem a noção de estrutura, é fácil perceber que o agir de um dos elementos da tríade provoca automaticamente uma mudança de posição dos outros elementos. Se a Rainha reouver a carta, o Ministro perde o

---

<sup>149</sup>Lacan, Jacques. Op. cit., p.34

<sup>150</sup> Id. ibid., p.35

<sup>151</sup> Id. ibid., p.37

poder que goza em função da situação, se o Ministro usar a carta, corre o risco de perder também o poder, pois não sabe como o Rei resolveria a questão. Quanto ao Rei, este só pode agir a partir da ação da Rainha ou do Ministro, mas também não podemos nem se quer imaginar sua atitude. Dupin também tem seu lugar nessa tríade intersubjetiva e como tal, acha-se na posição intermediária antes ocupada pela Rainha e pelo Ministro.

Se ele conseguir repor a carta/letra no caminho certo, ainda terá de fazê-la chegar ao seu endereço, que era anteriormente ocupado pelo Rei, é para lá que ela deveria voltar a entrar na ordem da Lei.

“Como vimos, nem o Rei nem a Polícia, que o substitui nesse lugar, foram capazes de lê-la, por que *esse lugar comportava a cegueira*”<sup>152</sup>.

O Ministro é pego em sua própria armadilha por não poder se precipitar na ação, fica estagnado, pois a situação lhe é bastante favorável. Mas como não é absolutamente louco, passa a se comportar como um neurótico, procurando esquecer aquilo que o incomoda. Ao não fazer uso da carta, acaba por esquecê-la. “Mas a carta/letra, tal como o inconsciente do neurótico, não o esquece. Esquece-o tão pouco que o transforma cada vez mais, à imagem daquela que o ofereceu à sua surpresa, e agora, a exemplo dela, ele irá cedê-la a uma surpresa semelhante.”<sup>153</sup>

Ainda podemos perguntar qual será o fim do Ministro após o encontro com essa mensagem?

... *Un destin si funeste,*

*S'il n'est digne a'Atrée, est digne de Thyeste.*

<sup>152</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p. 42. Os grifos são do autor.

<sup>153</sup> Id. *ibid.*, p.38.

“Sem dúvida, eis que aí vemos o audacioso reduzido à condição da cegueira imbecil em que mergulha o homem diante das letras de muralha que ditam seu destino”<sup>154</sup>.

Concluindo, ao rever o conceito de Freud – compulsão à repetição, Lacan desloca a discussão da repetição do campo do sintoma para algo próprio do sujeito humano, pois a causa da repetição é a própria determinação simbólica. Se o inconsciente obedece às leis, estas são precisamente as da determinação simbólica. O inconsciente insiste em se apresentar.

Se Freud questionava, qual seria a instância do indivíduo que poderia achar satisfação na repetição de situações desagradáveis, Lacan demonstra serem próprias da autonomia do simbólico a insistência e a persistência indestrutível do desejo inconsciente. “Assim é que, se o homem chega a pensar a ordem simbólica, é por estar primeiramente aprisionado a ela em seu ser”.<sup>155</sup>

O conto *A Carta Roubada* é utilizado por demonstrar o módulo intersubjetivo da ação que se repete e a maneira como os sujeitos se revezam em seu deslocamento no decorrer da repetição intersubjetiva. “Veremos que seu deslocamento é determinado pelo lugar que vem a ocupar no trio esse significante puro que é a carta roubada. E é isso que para nós o confirmará como automatismo de repetição”.<sup>156</sup>

Os sujeitos tomados em sua intersubjetividade, modelam seu próprio ser segundo o momento da cadeia significante que os está percorrendo. O deslocamento do significante determina os sujeitos em todos os seus atos. A

---

<sup>154</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.45.

<sup>155</sup> Id. Ibid., p.57

<sup>156</sup> Id. Ibid., p.18

carta/letra e o seu destino regem a entrada e os papéis do sujeito. Cada um dos sujeitos, ao deter a carta, assume uma posição, o que vem demonstrar a primazia do significante sobre o sujeito.

A carta/letra é o verdadeiro sujeito do conto. Sua incidência de significante fica demonstrada pelo fato de mesmo ao sofrer um desvio, ter um trajeto *que lhe é próprio*.<sup>157</sup>

Para Lacan, o título escolhido pelo autor *A Carta Roubada*, significa que uma carta sempre chega ao seu destino. Ele afirma estar a solução do caso desde o título do conto, a mesma fórmula da comunicação intersubjetiva, onde o emissor recebe do receptor a própria mensagem de forma invertida.

A importância dessa carta/letra repousa no fato de engendrar a ação, dando a cada um dos sujeitos um destino. Tal como o significante, ela não é funcional.

Lacan ainda questiona quanto ao que pode restar dessa carta/letra quando for devolvida ao Inspetor. “Que resta agora do significante, quando, já sem o lastro de sua mensagem para a Rainha, ei-lo invalidado em seu texto a partir de sua saída das mãos do Ministro?”<sup>158</sup>

“Nada a não ser essa presença da morte que faz da vida humana essa *sursis* obtida de manhã em manhã, em nome de significações cujo signo é o cajado”.<sup>159</sup>

Essa é a resposta do significante para além de todas as significações de que o sujeito humano terá seus desejos, seus atos, seus objetos determinados por um significante que lhe impõe uma sintaxe.

---

<sup>157</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.33. Os grifos são do próprio autor.

<sup>158</sup> Id. Ibid., p.43

<sup>159</sup> Id. ibid., p.44

Esse é o projeto de Lacan para esse texto: “saber como uma linguagem formal determina o sujeito”.<sup>160</sup>

A determinação fundamental que o sujeito recebe é a do percurso do significante. A experiência do Fort-da evidencia a entrada do indivíduo na ordem da linguagem, superpondo a determinação do significante à do significado.

“A subjetividade, na origem, não é de nenhuma relação com o real, mas de uma sintaxe nela engendrada pela marca significante”.<sup>161</sup>

### **3.2 A coisa freudiana – a prática psicanalítica**

Escolhemos esse texto, por tratar da prática da psicanálise e dos desvios cometidos pelos seguidores de Freud desde a sua morte. Nele Lacan novamente propõe um retorno a Freud, mais especificamente, um retorno ao sentido de Freud, às suas descobertas, já que toda sua obra questiona a verdade e não há quem não seja tocado por ela.

Como comentamos anteriormente, Freud, com sua descoberta, provocou uma revolução do conhecimento, deslocou o verdadeiro centro do ser humano para outro lugar, diferente daquele que lhe era atribuído por toda uma tradição humanista. O inconsciente despontava agora como a instância mobilizadora das nossas ações .

Retornar a Freud significava uma reviravolta, um retorno aos princípios da doutrina freudiana encontrados nos seus próprios textos, cada vez menos

---

<sup>160</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.47

<sup>161</sup> Id. *ibid.*, p.55

explorados, um sinal da negação sofrida por Freud dentro de seu próprio campo e cujo encargo ele nos legou.

Para Lacan fazer uma psicanálise baseada na análise das resistências e na noção de ego, é negar o conceito mais importante da obra de Freud, por isso faz uma crítica severa à psicanálise do success e do happiness. Para poder escutar o verdadeiro sujeito, o do inconsciente, era necessário ir além do ego.

A proposta de Lacan era trabalhar a teoria de Freud como uma “coisa”, pois a “coisa” fala. A linguagem novamente iria ocupar lugar de destaque, ponto que Lacan insistia há mais de dois anos, quando da ocasião do Discurso de Roma.

Vamos discutir a prática psicanalítica apresentada por Lacan, cujo conceito principal era o inconsciente estruturado como uma linguagem. Lacan nos lança algumas questões<sup>162</sup>. Por que o inconsciente seria mais digno de ser reconhecido do que as defesas que a ele se opõe no sujeito com um sucesso que as faz parecerem não menos reais? De onde provém essa paz que se estabelece ao se reconhecer à tendência inconsciente, se ela não é mais verdadeira que o que a cercava no conflito?

A resposta é simples, a técnica utilizada não pode ocultar seu próprio objeto, os mecanismos de defesa fazem parte de uma dinâmica, onde o sujeito é impelido a falar. Faz-se necessário separar o campo do ego dos processos inconscientes e assim escutar aquele que fala. Sabemos que esta fala traz a verdade e que não pode ser o ego o portador dessa, mas sim o sujeito do inconsciente.

---

<sup>162</sup> Lacan, Jacques. A coisa freudiana. In: Escritos. p. 406

Para Lacan, foi assim que Freud definiu na 31ª de suas novas conferências: “Wo Es war soll ich Werden”. Na frase não usou nenhum artigo objetivante, o que demonstra não se tratar das instâncias Id (das Es) e Ego (das Ich), mas sim, do ich (eu/moi) constituído por uma série de identificações alienantes e do Es (eu/je) o verdadeiro sujeito do inconsciente.

Lá do lugar de ser, eu (ich) devia tornar-me, ou seja, vir à luz. Na tradução de Lacan “Ali onde isso era, é meu dever que eu venha a ser”. É possível notar aqui a prevalência da estruturação significante. A partir do momento em que o mundo simbólico está fundado e operando na vida de um sujeito, o eu deixa de ser apenas uma função e passa ele próprio a servir de símbolo. Símbolo de uma condição estrutural da constituição do mundo objetal no homem. Como diz Lacan “falta de ser através do que o ser existe”<sup>163</sup>. Se isso fala no Outro, é porque ali o sujeito encontra seu lugar significante. “É preciso que no sistema condicionado pela imagem do eu, o sistema simbólico intervenha para que uma troca possa estabelecer-se, algo que não seja, não o conhecimento, porém o reconhecimento.”<sup>164</sup>

Se admitirmos que o sujeito ao entrar no mundo simbólico, passa a ter seu destino regido por uma lei, que não obedece ao princípio do prazer, mas que vai além desse, temos de fazer uma análise que não visa a melhorar a vida de um sujeito, mas sim descobrir a “frase” inscrita no seu inconsciente que determina todas as suas ações. Somente dessa forma, o sujeito terá condições de criar um significante novo e contar outra história.

---

<sup>163</sup> Lacan, Jacques, Sem.II., p.282

<sup>164</sup> Id. ibid., p.72

É por isso que toda intervenção inspirada numa reconstituição pré-fabricada fracassa. Não podemos buscar atingir a normalização do sujeito, isto seria uma sugestão e não propriamente uma análise. A análise concebida por Lacan, a partir de Freud, é uma análise que opera no campo da linguagem e que não visa a camuflar a hiância estrutural do sujeito. O homem não pode se pretender completo, visto que o jogo de deslocamento e condensação a que está fadado no exercício de suas funções, marca sua relação de sujeito com o significante.

A verdade na boca de Freud se impõe. “Sou para vós, portanto o enigma daquela que se esquiva tão logo aparece”.<sup>165</sup> A verdade faz uma promessa. “Mas, para que me encontreis onde estou, vou ensinar-vos por que sinal me reconhecer. Homens escutai, eu vos dou o segredo! Eu (moi) a verdade, (je) falo”.<sup>166</sup>

Falo no discurso do erro, no tropeço, nos atos falhos (na realidade, deveria ser os bem sucedidos), nos sonhos, nos chistes e nos sintomas. A verdade não é uma função da consciência ou do ego. A verdade fala através das coisas, que por sua vez, são signos da fala.

Voltemos, pois, ao que a verdade disse de si mesma. “A verdade disse: “Eu falo”. Para reconhecermos esse [eu] no que ele fala, talvez não seja ao [eu] que devemos lançar-nos, mas antes deter-nos nas arestas do falar. “Não há fala senão de linguagem”, lembra-nos que a linguagem é uma ordem constituída por leis, das quais poderíamos aprender ao menos o que excluem.”<sup>167</sup>

---

<sup>165</sup> Lacan, Jacques. A coisa freudiana. In: Escritos. p.410

<sup>166</sup> Lacan, Jacques. Sem.II., p.410.

<sup>167</sup> Id. *ibid.*, p.414. As aspas são do próprio autor.



Se vamos trabalhar com a linguagem é melhor tomá-la ao pé da letra. Essa é a explicação de Freud para a interpretação dos sonhos. Para ele o conteúdo manifesto e o conteúdo latente são duas versões do mesmo conteúdo, em “idiomas” diferentes. O conteúdo manifesto é apresentado como uma tradução do conteúdo latente. Essa tradução apresenta signos e regras de construção que podem ser decifrados como um hieróglifo, “para cuja solução teremos de traduzir cada um de seus signos à linguagem das idéias latentes. Incorreriámos em erro se quiséssemos ler tais signos, dando-lhes o valor de imagens pictóricas e não de caracteres de uma escrita hieroglífica... É preciso substituir cada imagem por uma sílaba ou uma palavra suscetível de ser representada por ela. A justaposição das palavras que assim reuniremos, não mais deixará de ter sentido, mas sim poderá constituir uma belíssima sentença. Pois bem: o sonho é exatamente um desses hieróglifos”.<sup>168</sup>

O sintoma também é um fenômeno de linguagem, é um significante e pode ser decifrado numa seqüência de significação que revela a onipresença da função significante para o ser humano. “O sintoma psicanalisável, seja ele normal ou patológico, distingue-se não apenas do índice diagnóstico, mas de qualquer forma apreensível da pura expressividade, por se sustentar numa estrutura que é idêntica à estrutura da linguagem.”<sup>169</sup> Se o sintoma pode ser lido, é por ele mesmo pertencer a linguagem, “ele não é uma significação, mas a relação desta com uma estrutura significante que o determina.”<sup>170</sup>

“O que a concepção lingüística que deve formar o trabalhador em sua iniciação básica lhe ensinará, é a esperar que o sintoma comprove sua função de

---

<sup>168</sup> Freud, Sigmund. A interpretação dos sonhos. Cap.VI – A elaboração Onírica. P.516.

<sup>169</sup> Lacan, Jacques. A psicanálise e seu ensino. In Escritos. p.445.

<sup>170</sup> Id. *ibid.*, p. 446.

significante, isto é, aquilo pelo qual ele se distingue do indício natural que esse mesmo termo comumente designa na medicina. E, para satisfazer a essa exigência metódica, ele se comprometerá a reconhecer-lhe o emprego convencional nas significações suscitadas pelo diálogo analítico (diálogo cuja estrutura tentaremos formular.) Mas essas mesmas significações, ele as tomará como só podendo ser apreendidas com certeza em seu contexto, ou seja, na seqüência constituída para cada uma, pela significação que remete a ela e por aquela a que ela remete no discurso analítico.

Esses princípios básicos entram facilmente em aplicação na técnica e esclarecendo-a, dissipam muitas das ambigüidades que, por se manterem até nos conceitos fundamentais da transferência e da resistência, tornam desastroso o uso que se faz deles na prática.”<sup>171</sup>

Concluindo, “Isso fala”, fala sempre onde não é esperado, trazendo uma surpresa. Nós enquanto analistas não podemos deixar de nos surpreender. É preciso estar sempre atento para escutar o sujeito em suas aparições.”Assim, muito longe de convir manter o sujeito num estado de observação, é preciso que se saiba que, ao engajá-lo nisso, entra-se no círculo de um mal-entendido que nada conseguirá romper na análise, como tampouco o fará na crítica. Qualquer intervenção nesse sentido, portanto, só poderia justificar-se por uma finalidade dialética, isto é, para demonstrar seu valor de impasse.”<sup>172</sup>

A análise das resistências, só vem a reforçar a postura objetivante do sujeito. Mas, como citado anteriormente, o sujeito tanto como o observado,

---

<sup>171</sup> Lacan, Jacques. Op. cit. p.419

<sup>172</sup> Id. ibid., p.420

quanto o observador é regido por uma lei, a do inconsciente. Daí decorre, que não “podemos ao mesmo tempo proceder pessoalmente a essa objetivação do sujeito e falar com ele como convém.”<sup>173</sup> Não é do sujeito que temos de falar com ele, ele mesmo fala dele. A coisa fala, “coisa esta que, diga ele o que disser, lhe permanecerá para sempre inacessível se, por ser uma fala que se dirige a vocês, ela não puder evocar em vocês sua resposta, e se, apesar de terem ouvido sua mensagem sob essa forma invertida, vocês não puderem, ao devolvê-la a ele, dar-lhe a dupla satisfação de havê-la reconhecido e de fazê-lo reconhecer sua verdade.”<sup>174</sup>

A crítica de Lacan torna-se ainda mais dura, quando ele nos mostra a que ponto pode chegar o desconhecimento dos analistas a respeito do seu próprio campo de atuação. Ao se colocar como “eu correto” e fornecer imagens para a recomposição do mundo imaginário do sujeito, exclue-se a mola da experiência analítica, isto é, o fato de o sujeito falar de si mesmo, o que em última análise, significa a inscrição da experiência analítica numa ordem simbólica e, portanto numa relação ternária.

Na análise do ego, o psicanalista faz uma aliança com a “parte sadio do eu”, parte esta estabelecida sob a ótica do próprio analista, já que se supõe sadio e torna-se parâmetro das coisas. As discordâncias e a realidade também são definidas pelo analista e ao sujeito (analisando) não resta outro caminho a não ser ver como os olhos do próprio analista veriam. É o analista que determina a parte boa e a ruim. Não é de se estranhar o fato de o final de análise, nesses casos, ser

---

<sup>173</sup> Id. *ibid.*, p.420

<sup>174</sup> Id. *ibid.*, p.421

obtido mediante a identificação com o eu do analista. O tempo todo busca-se a inteligência, a excelência, a adaptação e a perfeição do indivíduo.

Mas o sujeito não se confunde com o indivíduo, com o organismo que se adapta, com a inteligência. É outra coisa, ele fala de um outro lugar, que nada tem a ver com o eixo das funções do indivíduo. “O sujeito é excêntrico. O sujeito está descentrado com relação ao indivíduo”.<sup>175</sup>

É o eu do sujeito que vem para uma análise e nos traz suas limitações, suas defesas, seu caráter, mas temos de fazê-lo avançar, não podemos ficar somente no nível do eu, pois isso poderia nos levar a interpretar a relação analítica segundo o protótipo da relação dual entre o eu do paciente e o eu do analista. Por essa via é bem provável que o analista entre numa rivalidade, de eu a eu com o analisando. A análise só progride se a interpretação for no sentido da estruturação simbólica do sujeito, situada para além da estrutura atual de seu eu. “O contexto da análise não é outra coisa – reconhecer que função assume o sujeito na ordem das relações simbólicas que cobre todo o campo das relações humanas, e cuja célula inicial é o Complexo de Édipo, onde se decide a assunção do sexo”.<sup>176</sup>

### **3.2.1 O papel do analista.**

Primeiramente vamos falar da situação analítica, uma situação onde duas pessoas se encontram, fazem um pacto, negociam, um assume o papel de “escutador” e o outro de “falante”. Parece simples, mas não são poucos os problemas que surgem nessa situação. Transferência e resistência são os

---

<sup>175</sup> Lacan, Jacques. Introdução in Sem. II – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. p.16

<sup>176</sup> Lacan, Jacques. Análise do discurso e análise do eu In . Sem.I- Os escritos técnicos de Freud. p.83

fenômenos fundamentais aí envolvidos. A resistência está relacionada à linguagem – é tudo que freia, altera, retarda a fala do sujeito. Para Lacan a primeira resistência é a do próprio discurso, “à medida que antes de mais nada ele é um discurso de opinião, e que qualquer objetivação psicológica se revelará solidária a esse discurso”.<sup>177</sup> Se a resistência é do analista, é porque esse não soube ser um bom escutador, ou seja, ele não soube ouvir a que parte do discurso está confiado o termo significativo e aí fazer uma pontuação oportuna, dando sentido ao discurso do sujeito.

Quanto à transferência podemos dizer que é o lugar ocupado pelo analista na atualização dos desejos inconscientes. Também, pode ser-lhe atribuída um valor de palavra, à medida que “é função do simbólico, do pacto que liga os sujeitos uns aos outros numa ação. A ação humana por excelência está fundada originalmente na existência do mundo do símbolo, a saber, nas leis e nos contratos”<sup>178</sup>. Na função de analista, esse faz gerar a situação entre ele e o sujeito. A relação da transferência age em torno da relação simbólica, ela situa-se inteira na relação simbólica, embora comporte incidências e projeções das articulações imaginárias.

A experiência da palavra “é constituída, na análise, por regras muito paradoxais, porque é de um diálogo que se trata, mas de um diálogo tão monólogo quanto possível. Ela se desenvolve segundo uma regra do jogo e inteiramente na ordem simbólica”.<sup>179</sup> A mola da situação analítica é o uso que cada um dos

---

<sup>177</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.420

<sup>178</sup> Lacan, Jacques. A ordem simbólica. In Sem. I – Os escritos técnicos de Freud. P. 262

<sup>179</sup> Id. ibid., p.263

participantes faz da palavra. Para conseguir o progresso de uma análise, é necessário que o analista intervenha no registro do simbólico.

“O progresso de uma análise não diz respeito ao aumento do campo do ego da sua franja de desconhecido, é uma verdadeira inversão, um deslocamento, como um minueto executado entre o ego e o id”.<sup>180</sup> Nesse processo o analisando vai perdendo suas identificações imaginárias para que o ser venha a se constituir.

Como citado anteriormente, para se conduzir uma análise é necessário que se saia da relação eu do analista com o eu do sujeito e se entre numa relação ternária – analista, sujeito e a ordem simbólica que estrutura a própria situação. Embora sejam dois sujeitos presentes, cada um é provido de dois objetos – o eu e o outro, formando, portanto, um quarteto. A ação do analista acaba por introduzir nesse quarteto “o sinal primordial de exclusão que conota o ou – ou então – da presença ou da ausência, que destaca formalmente a morte incluída na *Bildung* narcísica... Isso quer dizer que o analista intervém concretamente na dialética da análise se fazendo de morto, cadaverizando sua posição, como dizem os chineses, seja por seu silêncio, ali onde ele é o Outro, Autre com A maiúsculo, seja anulando sua própria resistência, ali onde é a outra, autre com a minúsculo. Em ambos os casos e sob as respectivas incidências do simbólico e do imaginário, ele presentifica a morte”.<sup>181</sup>

É importante que ele distinga sua ação nesses dois registros para saber por que intervir, como agir e em que momento. Só assim, perceberá a “diferença radical ente o Outro a quem sua fala deve endereçar-se e esse segundo outro, que é o que ele vê e do qual e através do qual o primeiro lhe fala no discurso que

---

<sup>180</sup> Id. *ibid.*, p.265

<sup>181</sup> Lacan, Jacques. *op. cit.*, p.431

profere diante dele. Pois é desse modo que ele poderá ser aquele a quem esse discurso se dirige”.<sup>182</sup> O eu (je) fala com aquele que ouve, muito mais do que as palavras que o eu (moi) pronuncia. Aí o inconsciente se manifesta.

Na transferência temos uma situação onde o desejo de reconhecimento mantém a própria situação.

“Não é em razão de um mistério, que seria o da indestrutibilidade de alguns desejos infantis, que essas leis do inconsciente determinam os sintomas analisáveis. A modelagem imaginária do sujeito por seus desejos, mais ou menos fixados ou regredidos na relação que mantêm com o objeto, é insuficiente e parcial para fornecer sua chave. A insistência repetitiva desses desejos na transferência e sua permanente rememoração num significante do qual o recalque se apoderou, isto é, onde o recalcado retorna, encontram sua razão necessária e suficiente se admitirmos que o desejo de reconhecimento domina, nessas determinações, o desejo que há por reconhecer, conservando-o como tal até que ele seja reconhecido.”<sup>183</sup>

Quando estamos no campo do inconsciente, estamos na instância das leis em que se fundamentam a aliança e o parentesco, mas sabemos que a entrada no mundo simbólico se dá a partir da solução do complexo de Édipo, disso decorre, que os motivos do inconsciente se limitam ao desejo sexual, enquanto que a preservação do indivíduo pertence ao campo do ego. “Em outros termos isso explica que o outro grande desejo genérico, o da fome, não seja representado, como sempre afirmou Freud, naquilo que o inconsciente conserva para fazer com

---

<sup>182</sup> Id. *ibid.*, p.431

<sup>183</sup> Lacan, Jacques. *Op. Cit.* p.433

que seja reconhecido.”<sup>184</sup> A partir do significante, as necessidades do homem passam a sofrer desvios, mesmo sujeitas às demandas, elas retornam ao sujeito alienadas. É do lugar do Outro que sua mensagem é emitida.

Qual o caminho a ser escolhido por aqueles que se dizem psicanalistas? Lacan questiona, “recalcar a própria verdade que traz em seu exercício?... Haveremos de desviar nosso estudo do que acontece com a lei?... Haveremos nós de desviá-lo das molas que na malha rompida da cadeia simbólica, fazem emergir do imaginário a figura obscena e feroz em que se há de ver a verdadeira significação do superego?”<sup>185</sup>

E ele nos responde, “cremos que é na confissão dessa fala, da qual a transferência é a atualização enigmática, que a análise deve resgatar seu centro e sua gravidade”<sup>186</sup>

Ao falar da formação dos futuros analistas, o estudo da linguagem ganha lugar de destaque. As formações do inconsciente apresentam a estrutura da linguagem e devem ser entendidas como um texto, por isso a história da língua e das instituições, a literatura e a arte são imprescindíveis na formação do analista. Freud utilizava todo esse conhecimento, mas os seus seguidores acabaram por negligenciá-los.

A análise deve preocupar-se com o restabelecimento de uma “cadeia simbólica cujas três dimensões: de história de uma vida vivida como história, de sujeição às leis da linguagem, as únicas passíveis de sobredeterminação, e de articulação intersubjetiva pela qual a verdade entra no real, indicam as direções

---

<sup>184</sup> Id. *ibid.*, p.434

<sup>185</sup> Id. *Ibid.*, p. 435

<sup>186</sup> Lacan, Jacques. *op. cit.*, p.435



em que o autor tenciona traçar as vias da formação do analista.”<sup>187</sup> Ela deve mostrar os efeitos da estruturação do sujeito pelo significante, onde a incompletude – falta-a-ter do ser não pode ser negada.

Portanto a psicanálise proposta por Lacan tem a linguagem como meio, por excelência, de atingir o inconsciente. Não é preciso ir buscar além das verbalizações do sujeito. O analista não precisa traduzir, achar outro sentido, mas sim escutar, pois o discurso é o próprio inconsciente.

Essa concepção da psicanálise só foi possível, por ser o inconsciente, para Lacan, estruturado como a linguagem.

Não é possível se concentrar na análise das defesas, das resistências, sem perceber que elas fazem parte do campo do inconsciente. Ao considerarmos a transferência como uma das formações do inconsciente, é preciso entender que tanto as defesas, como as resistências participam nesse processo, mas não podem ser consideradas como objeto da análise.

Como comentamos anteriormente, *Isso fala*. Fala nos sonhos, nos tropeços, nos atos falhos, nos sintomas e na própria relação de transferência. O que vem demonstrar a estrutura simbólica desses fenômenos.

A análise das resistências coloca a transferência numa relação dual – eu do analista – eu do sujeito, propiciando a alienação narcísica. A análise para Lacan coloca a transferência numa estrutura simbólica. É somente no lugar do Outro e não no lugar de “eu do analista” que o analista pode desempenhar seu papel legítimo no inconsciente do sujeito. “É a esse Outro para além do outro que o analista dá lugar pela neutralidade com que se faz não ser *ne uter*, nem um nem

---

<sup>187</sup> Lacan, Jacques. A psicanálise e seu ensino. In *Escritos*. p. 439

outro dos dois que aí estão ; e, se ele se cala, é para lhe dar a palavra.”<sup>188</sup> Isso permite ao sujeito receber sua própria mensagem de forma invertida.

### **3.3 A instância de letra e o inconsciente desde Freud.**

A importância deste texto recai na tentativa de Lacan em reformular a Psicanálise nos moldes estruturalistas, principalmente dando à lingüística um papel de destaque. Sua tese, *O inconsciente é estruturado como a linguagem*, é novamente defendida nesse texto que parece ser a prova definitiva de seu pensamento da época.

Lacan fez essa exposição em 9 de maio de 1957 no anfiteatro Descartes, na Sorbone para um público formado basicamente por estudantes de letras. Lacan ressaltou que este texto ficaria a meio caminho entre o escrito e a fala. Ao se dirigir à Federação dos estudantes de letras, Lacan acreditou poder falar da psicanálise mais naturalmente, já que, seguindo o pensamento de Freud, é de grande ajuda ter um bom conhecimento de literatura para fazer psicanálise.

Aqui ele vai propor a discussão a respeito do papel da letra no inconsciente e da sua função na estrutura do inconsciente. A experiência psicanalítica descobre no inconsciente a estrutura da linguagem, o que o torna algo diferente da sede dos instintos.

Em primeiro lugar é preciso discutir o termo letra definido como “a estrutura essencialmente localizada do significante”<sup>189</sup>; “suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem.”<sup>190</sup> O discurso concreto,

---

<sup>188</sup> Lacan, Jacques. A psicanálise e seu ensino. p.440

<sup>189</sup> Lacan, Jacques. A instância da letra e o inconsciente desde Freud. In Escritos. p. 505

<sup>190</sup> Id. *ibid.*, p.498

entendido com a fala individual de um sujeito e a linguagem como a estrutura universal que preexiste ao momento no qual cada sujeito, num determinado ponto do seu desenvolvimento mental, faz sua entrada.

Na definição do dicionário<sup>191</sup> encontramos letra como cada um dos sinais gráficos elementares com que se representam os vocábulos na língua escrita.

Ainda podemos entender por letra o elemento constitutivo do inconsciente, já que seus efeitos podem ser entendidos na consciência, sem que o espírito tenha a menor possibilidade de aí se intrometer, é ela que produz todos os seus efeitos de verdade. Para Lacan foi a partir dessa revelação que Freud pôde chegar à descoberta do inconsciente no homem. Como observamos, os termos letra, significante e estrutura estão extremamente ligados. O termo estrutura é definido por grupo de elementos formando um conjunto covariante, ressaltamos que um conjunto não é uma totalidade. A estrutura se dá pela relação entre os elementos, sempre um em referência do outro. O mesmo ocorre com o significante, que só pode representar algo se estiver numa relação com outro significante. Para Lacan “a noção de estrutura é por si própria uma manifestação do significante”<sup>192</sup> Para entender esta estrutura Lacan recorre à Ferdinand de Saussure, tomando emprestado seus métodos da lingüística científica. Saussure tinha como tese fundamental que a linguagem é formada de signos, compostos pelo significante (imagem) acústica e pelo significado (conceito mental) e que o significante e o significado estão relacionados arbitrariamente.

Saussure no seu curso de lingüística geral designa por signo ou entidade de duas faces.

---

<sup>191</sup> Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda, Novo dicionário da Língua Portuguesa.

<sup>192</sup> Lacan Jacques. Sem. III. – As psicoses p. 210

O signo lingüístico é uma relação entre:

$$\text{Signo} = \uparrow \frac{\text{imagem acústica}}{\text{conceito}} \downarrow$$

Saussure propõe:

$$\text{Signo} = \frac{\uparrow \text{significante}}{\text{significado}} \downarrow$$

“O signo não une a coisa a um nome, mas um conceito e uma imagem acústica, isto é, a representação da palavra fora de toda a realização pela fala. A imagem acústica não é o som, mas a impressão psíquica do som”<sup>193</sup>.

O próprio Saussure vai introduzir a noção de valor, onde demonstra que um signo tem um valor que não se limita à sua significação restrita, a relação não se dá somente entre o significante e o significado, mas também entre o signo e o sistema do qual faz parte. “Somente o sistema todo da linguagem vai lhe dar sua especificidade pela oposição aos outros signos”.

Concluindo cada elemento do signo total – significante, significado e o próprio signo total é um valor num sistema de interdependência. Para determinar o valor de uma palavra é preciso saber se esta pode ser trocada por uma idéia (disse semelhante) e quais são suas relações com outras palavras do código e da frase. Isto mostra que valor é diferente de significação.

O algoritmo S/s apresentado por Lacan, mas que segundo ele deveria ser atribuído a Saussure, vem demonstrar que entre o significante e o significado existe uma barreira resistente à significação, que o signo é arbitrário já que não existe uma correspondência biunívoca entre a palavra e a coisa (algo que a lógica positivista achava ser impossível) e mais ainda, que nenhuma significação se sustenta a não ser pela remissão a uma outra significação. É uma ilusão acreditar

---

<sup>193</sup> Lemaine, Anika. Jacques Lacan uma introdução. p.49

que o “significante atende à função de representar o significado, ou melhor dizendo: de que o significante tem de responder por sua existência a título de uma significação qualquer”.<sup>194</sup>

Para exemplificar Lacan apresenta um exemplo bastante interessante: em uma estação de trem, dois irmãos, uma menina e um menino avistam duas portas de banheiro, uma traz na placa – mulheres e outra a inscrição – homens sentados um em frente ao outro, um lê mulheres e diz: “...chegamos em mulheres”, mas a irmã prontamente responde: “Imbecil, nós estamos em homens.” Percebemos que as palavras homens e mulheres perderam totalmente o sentido esperado pelo seu grupo social, o de indicar o lugar adequado para que homens e mulheres pudessem realizar uma de suas funções vitais, a da excreção. Para essas crianças Homens e Mulheres são duas pátrias, cada um defende a sua a todo custo, nenhum deles pode ceder da primazia de uma pátria sem atentar contra a glória da outra.

Esses dois significantes referem-se inicialmente ao mesmo significado (banheiro). O que difere esses dois significantes não é o conteúdo do significado, mas sim a cadeia de significante que aponta para diferença entre os dois sexos, implicada neles.

Lacan mostrou que apesar de não haver uma correspondência entre o significante e o significado, pode-se afirmar que o significante entra, de fato, no significado. Para demonstrar seu pensamento, Lacan vai nos apresentar um estudo exato das ligações próprias do significante e da amplitude da função destas ligações no gênese do significado.

Começaremos por indagar: qual é a estrutura do significante?

---

<sup>194</sup> Lacan, Jacques – A Instância da Letra. p.501

É uma estrutura composta por elementos diferenciais que são combinados de acordo com uma lei de aproximação. Essa estrutura se revela na própria articulação do significante e suas unidades devem estar submetidas à dupla condição: reduzirem-se a elementos diferenciais últimos, chamados fonemas. Neles “não se deve buscar nenhuma constância fonética na variabilidade modulatória em que se aplica esse termo, e sim o sistema sincrônico dos pareamentos diferenciais necessários ao discernimento dos vocábulos numa dada língua. Por onde se vê que um elemento essencial na própria fala estava predestinado a fluir nos caracteres móveis que, qual Didots ou Garamonds a se imprimirem em caixa baixa, presentificam validamente aquilo a que chamamos letra”.<sup>195</sup>

E como segunda propriedade do significante temos que estes devem se compor segundo as leis de uma ordem fechada (leis da gramática ou mais propriamente da lexicologia). A combinação de um elemento com outro, a partir de uma determinada forma e sempre obedecendo a leis, é o que Lacan denominou cadeia de significante e numa aproximação define “anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis.”<sup>196</sup>

“São essas as condições estruturais que determinam – como gramática – a ordem das invasões constitutivas do significante, até a unidade imediatamente superior na frase, e – como léxico – a ordem dos englobamentos constitutivos do significante, até a locução verbal.”<sup>197</sup>

---

<sup>195</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p. 504–505

<sup>196</sup> Id. ibid., p.505

<sup>197</sup> Id. ibid., p.505

Essas condições de apreensão do uso da língua nos permitem perceber que a significação se dá a partir da correlação do significante com o significado. Outra possibilidade do significante se converter em sentido se dá pelo fato de que “o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como adiante dele sua dimensão”.<sup>198</sup> O que acaba por impor a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante.

Ainda em relação a capacidade do significante em produzir sentido temos: “é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas nenhum dos elementos da cadeia, consiste na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento”<sup>199</sup>

Esta é uma visão linear, que funciona no eixo horizontal, mas além deste, existe o eixo vertical, onde cada uma de suas unidades sofre os efeitos de uma pontuação. Os significantes se relacionam uns aos outros tanto horizontal como verticalmente. “Não há cadeia significante, com efeito, que não sustente, como que apenso na pontuação de cada uma de suas unidades, tudo o que se articula de contextos atestados na vertical, por assim dizer, desse ponto”.<sup>200</sup>

A experiência analítica demonstra “a dominância da letra na transformação dramática que o diálogo pode operar no sujeito”.<sup>201</sup>

Depois de trazer alguns aspectos da estrutura do significante, precisamos responder o que a estrutura da cadeia do significante revela?

Ela revela a possibilidade que temos de nos servir da língua para expressar algo completamente diferente do que ela diz. Essa é a característica da fala do

---

<sup>198</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.505

<sup>199</sup> Id. ibid., p.506

<sup>200</sup> Id. ibid., p.507

<sup>201</sup> Id. ibid., p.506

sujeito, um sujeito que fala nas entrelinhas, apesar de toda a censura que sofre. Se um significante estiver censurado temos o recurso de substituí-lo por outro (o substituto sempre vai estar ligado ao substituído de alguma forma) e ainda assim apontar para a verdade. Os principais meios nos quais os grupos de significante se combinam são: a metáfora e a metonímia.

A metonímia é a primeira vertente do campo efetivo que o significante constitui, para que nele tenha lugar o sentido. Para nos dar um exemplo Lacan usa o significante - árvore, primeiramente mostrando um de seus anagramas possíveis - barre, depois trabalhando as associações, agora num contexto simbólico – carvalho, plátano, força, majestade, cruz, árvore circulatória, árvore vital do cérebro. Ainda num outro exemplo temos “trinta velas”, a palavra barco foi ocultada, mas mesmo assim parece que sua presença foi multiplicada, pois trinta velas parecem sugerir trinta barcos. “Onde se vê que a ligação do navio com a vela não está em outro lugar senão no significante, e que é no de *palavra em palavra* dessa conexão que se apóia a metonímia.”<sup>202</sup>

O outro meio é a metáfora que pode ser definida com uma palavra por outra, um significante que substitui outro “assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia”<sup>203</sup> ... “a metáfora se coloca no ponto exato em que o sentido se produz no não senso, isto é na passagem sobre a qual Freud descobriu que, transposta às avessas, dá lugar à palavra que é, em francês, “a palavra” por excelência, a palavra que não tem outro patrocínio senão o

---

<sup>202</sup> Lacan, Jacques. op. cit p. 509. Os grifos são do próprio autor.

<sup>203</sup> Id. *ibid.*, p.510



significante da espírituosidade, e onde se vislumbra que é seu próprio destino, que o homem desafia através da derrisão do significante. ”<sup>204</sup>

### 3.3.1 A letra no inconsciente.

Nesta seção Lacan irá nos trazer a parte mais importante do texto, a função da letra no inconsciente. Para fundamentar essa questão recorre a Freud mais especificamente à “*Ciência dos Sonhos*, trata-se apenas, em todas as páginas daquilo que chamamos a letra do discurso, em sua textura, seus empregos e sua imanência da matéria em causa. Pois este texto abre com sua obra a via régia para o inconsciente”<sup>205</sup>.

Freud percebeu que o sonho tinha uma apresentação própria e para Lacan “o sonho é um rébus”<sup>206</sup>, que deve ser entendido ao pé da letra, ou seja, tem a mesma estrutura literante em que se articula e se analisa o significante no discurso “como as figuras não naturais do barco sobre o telhado ou do homem de cabeça de vírgula, expressamente evocadas por Freud, as imagens do sonho só devem ser retidas por seu valor de significante, isto é, pelo que permitem soletrar do “provérbio” proposto pelo rébus do sonho. Essa estrutura de linguagem que possibilita a operação da leitura está no princípio da significância do sonho, da Traumdeutung”<sup>207</sup>

A imagem tem um valor de significante e nada tem a ver com sua significação, no sonho tudo funciona como uma letra, até mesmo um ideograma. Por isso a interpretação do sonho é muito mais um deciframento, do que uma

---

<sup>204</sup> Id. *ibid.*, p.512. Os grifos são do próprio autor.

<sup>205</sup> Lacan, Jacques . *Op. cit.*, p. 513

<sup>206</sup> Lacan, Jacques. *Op. cit.*, p. 513

<sup>207</sup> Id. *ibid.* p.514. As aspas são do próprio autor.

decodificação. Lacan insiste que interpretar um sonho é estar no campo da linguagem.

Para Lacan o trabalho do sonho segue as leis pelas quais um significante se relaciona ao outro, nele podemos encontrar a transposição (Entstellung) – condição geral do sonho e pode ser entendida como o deslizamento do significado sob o significante. Na transposição encontramos duas vertentes da incidência do significante no significado a condensação e o deslocamento.

A condensação (Verdichtung) é “a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora e cujo nome por condensar em si mesmo a Dichtung, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia, a ponto de envolver a função propriamente tradicional desta”.<sup>208</sup>

O deslocamento (Verschilbung) pode ser entendido como o transporte da significação que a metonímia demonstra. Segundo o próprio Freud, seria o meio mais adequado utilizado pelo inconsciente para burlar a censura.

No texto Sobre os Sonhos,<sup>209</sup> Freud conclui que os sonhos são substitutos de uma série de pensamentos muito significativos e carregados de afeto, a qual vai ser descoberta no final da interpretação. Outra característica é que os sonhos são muito mais breves que os pensamentos que lhes deram origem. Percebemos aqui a atuação da condensação no trabalho dos sonhos. Continuando, no Capítulo III Freud descreve os três tipos de sonhos: os coerentes e compreensíveis, os coerentes, mas relativamente sem sentido e os incoerentes e sem sentido. No caso dos adultos na sua maioria, os sonhos referem-se ao terceiro caso, é onde a censura mais atua e por isso, para sua interpretação, é preciso substituir o

---

<sup>208</sup> Id. Ibid. p. 515

<sup>209</sup> Freud, Sigmund. Los sueños. Obras Completas. p.221-252

conteúdo manifesto pelo conteúdo ideológico latente. O caráter incompreensível e confuso do sono e a dificuldade de comunicar suas idéias, demonstram uma íntima e regular conexão.

Na condensação, vários eventos contribuem com algo na formação do conteúdo, eles devem ter um ou vários elementos comuns a todos os componentes. A regra é esta, se eu tiver uma situação expressa por A ou B deve ser substituída, para interpretação, por uma agregação A e B, tomando, para interpretação, cada um dos membros da aparente alternativa como ponto de partida, independente de uma série de ocorrências.

A elaboração do sonho cria elementos comuns para tornar possível a representação no conteúdo manifesto e percebemos que todos os elementos têm um x em comum.

Concluindo, em relação à condensação podemos afirmar que cada elemento do sonho está superdeterminado, ele é a representação, no conteúdo manifesto, de todo este rico material e que uma idéia (do conteúdo latente) é representada por vários elementos do conteúdo manifesto.

Freud afirma que só a condensação e a dramatização não dão conta para se conseguir atingir o conteúdo latente, então surge um outro fator, o deslocamento definido como a transmutação dos valores psíquicos.

Aquilo que no sonho se apresenta como essencial, tem papel muito secundário depois de sua interpretação. O que é mais importante, não está representado no conteúdo manifesto, ou se estiver é só por uma longínqua alusão. Normalmente o elemento mais impreciso é o mais direto representante da idéia latente principal.

A função do deslocamento é tornar obscuro e confuso o sonho. Em alguns sonhos não há um só elemento das idéias latentes que tenha conservado seu próprio valor psíquico, sendo muitas vezes substituídas por elementos secundários.

Freud também observou que as palavras são tratadas nos sonhos como se fossem coisas, sofrendo uniões, deslocamentos, substituições e condensações, sendo muitas vezes utilizado o duplo sentido dessas para burlar a censura.

Essas idéias de Freud serviram como uma luva para Lacan exemplificar seu pensamento na época. Lacan insiste em que o sonho é uma escrita e embora apresente-se como uma cena, uma dramatização, é possível adivinhar um enunciado conhecido ou mesmo uma variação dele para o sonho, que siga as leis do significante. O sonho é um fenômeno de linguagem, tanto que se utiliza das figuras de linguagem como a metáfora e a metonímia na sua formação. É como um texto sagrado e por isso devemos prestar atenção nele próprio e não na psicologia do autor.

“O sonho se parece com um jogo de salão em que se deve, estando na berlinda, levar os espectadores a adivinharem um enunciado conhecido, ou uma variação dele, unicamente por meio de uma encenação. O fato do sonho dispor da fala não modifica nada, visto que, para o inconsciente, ela é apenas um elemento de encenação como os demais. É justamente como o jogo e também o sonho esbarrar na falta de material taxêmico para representar as articulações lógicas da causalidade, da contradição, da hipótese etc., que eles darão prova de ser, um e outro, uma questão de escrita e não de pantomima. Os processos sutis que o sonho revela, emprega para, mesmo assim, representar essas articulações lógicas, de

maneira muito menos artificial do que aquela pela qual o jogo de salão costuma contorná-las, são objeto, em Freud, de um estudo especial, onde mais uma vez se confirma que o trabalho do sonho segue as leis do significante”.<sup>210</sup>

Para Lacan a volta aos textos de Freud, mais especificamente ao *Traumdeutung* permite nos observar a coerência absoluta da sua técnica (associação livre) com a sua descoberta (inconsciente) e afirma que com esse texto Freud pretendeu nos dar as leis do inconsciente em sua extensão mais geral, mostrando que todas as nossas ações são manifestações inconscientes, já que a motivação inconsciente se manifesta tanto em efeitos psíquicos conscientes, quanto nos inconscientes. “A experiência psicanalítica não é outra coisa senão estabelecer que o inconsciente não deixa fora de seu campo nenhuma de nossas ações. Sua presença na ordem psicológica, ou em outras palavras, nas funções de relação do indivíduo, merece um esclarecimento, contudo: ela de modo algum é coextensiva a essa ordem, pois sabemos que, se a motivação inconsciente se manifesta tanto em efeitos psíquicos inconscientes, inversamente, é um lembrete elementar assinalar que um grande número de efeitos psíquicos que o termo inconsciente designa legitimamente, a título de excluir o caráter da consciência, nem por isso deixa de título de excluir o caráter da consciência, nem por isso deixa de ter alguma relação, por sua natureza, com o inconsciente no sentido freudiano”<sup>211</sup>.

Lacan insiste na intrínseca relação do inconsciente com as leis do significante, embora desde o início os seguidores de Freud pareçam desconhecer o papel constitutivo no inconsciente, segundo as mais precisas modalidades formais.

---

<sup>210</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.515

<sup>211</sup> Lacan, Jacques. Op. cit., p.518.

Isto ocorreu por duas razões, a primeira é que a publicação do *Traundeutung* se deu muito antes da formalização da lingüística, que viria a se constituir um instrumento para a psicanálise ao emprestar-lhe seus métodos científicos, a segunda é o fascínio dos psicanalistas pelas significações destacadas no inconsciente, mas é exatamente por retirarem seu atrativo mais secreto da dialética que lhes parecia imanente que as tornou tão fascinantes. Ao não atentarmos para o texto, estaremos buscando a direção para análise nas formas imaginárias.

A partir deste ponto do texto, Lacan vai propor uma tópica para o inconsciente. A fórmula original de Saussure significante/significado foi transposta para o algoritmo S/s, que transcreve a relação do significante, através da metáfora e da metonímia.

A fórmula vai sendo transformada para mostrar a relação do significante com o significado, temos então:  $f(s) I/s$ .

Com a co-presença, no significado, dos elementos da cadeia de significantes nos eixos horizontal e vertical, temos então uma fórmula para cada uma das estruturas fundamentais. A da metonímia:  $f(S.....S')$   $S = S (-)s$ , indica “que é a conexão do significante com significante que permite a elisão mediante a qual o significante instala a falta do ser na relação de objeto”.<sup>212</sup> A da metáfora:  $f(S'/ S)$   $S = S (+)s$  indica “que é na substituição do significante que se produz um efeito de significação que é de poesia ou criação, ou em outras palavras, do advento da significação em questão”.<sup>213</sup> Na fórmula da metonímia temos  $S (-)s$  e na metáfora  $S (+)s$ . o sinal (-) marca a resistência da significação que se constitui nas relações do significante com o significado. O sinal (+) manifesta a

---

<sup>212</sup> Lacan, Jacques. Op. cit p.519

<sup>213</sup> Id. ibid. p.519

transposição da barra para a emergência da significação. Esta transposição exprime condição da passagem do significante para o significado.

Concluindo o S e o s do algoritmo saussuriano não estão no mesmo plano e o “homem se enganaria ao se crer situado no eixo comum a ambos, que não está em parte alguma”.<sup>214</sup>

Da discussão da relação do significante para outro significante, decorre outra que diz respeito ao lugar do sujeito. Como aproximar inconsciente, estrutura e sujeito?

“O lugar que ocupa como sujeito do significante, em relação ao que ocupa como sujeito do significado, será ele concêntrico ou excêntrico?”<sup>215</sup>

Lacan tenta explicar se o sujeito situa-se no pólo metonímico e decide-se a ser tão somente aquilo que é, não se pode negar que é, naquele ato mesmo e se desloca-se para eixo metafórico da busca do significante, e ao se devotar tornar-se o que é, e vir a sê-lo, não se pode negar, que mesmo ao se perder nisso, é aí que está. Então, conclui: “penso onde não sou, logo sou onde não penso.”<sup>216</sup> Onde pensa e se manifesta está o sujeito do inconsciente, onde está enquanto ego, está o sujeito que opera no consciente. “eu não sou lá onde sou juguete do meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar.”<sup>217</sup> O sujeito ocupa lugares diferentes, um no centro do discurso consciente e outro no centro do discurso inconsciente, este sim, governado pelos mecanismos significantes e que faz o discurso do Outro.

---

<sup>214</sup> Id. *ibid.*, p.521

<sup>215</sup> Lacan, Jacques. *Op. cit.*, p.520

<sup>216</sup> Id. *ibid.*, p.521

<sup>217</sup> Id. *ibid.*, p.521

Lacan insiste, para se interpretar o inconsciente precisamos recorrer à lingüística, pois o inconsciente, nas suas formações, utiliza-se das figuras de linguagem, principalmente a metáfora e a metonímia. “São as figuras de linguagem que estão em ato na retórica do discurso efetivamente proferido pelo analisado”.<sup>218</sup>

Tanto as figuras de estilo (a perífrase, o hipérbato, a elipse, a suspensão, a antecipação, a retração, a denegação, a digressão e a ironia) como os tropos (a catacrese, a litotes, a antonomásia e a hipotipose) revelam que o inconsciente insiste, embora o sujeito resista.

Os psicanalistas não precisam parecer uma enciclopédia “como foi Freud, mas precisam saber da relação do homem com o significante, pois o inconsciente não é o primordial nem o instintivo e, de elementar, conhece apenas os elementos do significante”.<sup>219</sup>

Já vimos como a lei do significante funciona no inconsciente, numa de suas formações – o sonho. Agora vamos ver como ele funciona no nível da patologia – no sintoma.

Temos um evento traumático, uma situação indizível, esta situação se estrutura como em um mito (mito individual do neurótico) e apresenta a mesma estrutura da linguagem. Um elemento significativo é substituído pelo significante do trauma sexual, estabelecendo uma relação com o objeto que passa pela via do desejo, mas o desejo é sempre de desejo de algo perdido<sup>220</sup>.

---

<sup>218</sup>.Id. *ibid.*, p. 525

<sup>219</sup> Lacan, Jacques. *Op. cit.*, p.526

<sup>220</sup> Id. *ibid.*, p.522



Com isso Lacan demonstra que a psicanálise trabalha sob as leis do significante, ficar no eixo imaginário, voltado para as resistências é perder a possibilidade de “escutar” a mensagem do inconsciente. O inconsciente fala, insiste, mas é preciso escutá-lo.

Lacan diz que Freud nos deixou três textos canônicos sobre o inconsciente. Neles podemos observar como o significante funciona no inconsciente, revelando sua estrutura. Esses são: A Interpretação dos Sonhos, A Psicopatologia da Vida Cotidiana e Os Chistes, eles demonstram a estrutura de linguagem dos fenômenos analíticos, que apresentam sempre a duplicidade essencial do significante e do significado.

Alain Didier-Weill<sup>221</sup> faz um interessante comentário a respeito dos significantes invocados em cada um dos textos citados acima. No sonho o sujeito traz uma resposta, que evoca um significante de alto valor psíquico (a verdadeira fonte do sonho, o instigador do sonho, uma representação fortemente investida, um fato psiquicamente significativo). No sonho da monografia botânica é o significante da dívida, que lhe foi trazido por seu amigo Koenigstein. Freud nos dá assim a noção da existência, no discurso do sujeito, de um significante enigmático que, chega a se manifestar no real ao sujeito, tem o espantoso poder de siderá-lo, de deixá-lo sem voz, na impossibilidade de responder na hora. Ele nos apresenta assim o sonho como a resposta retardada, produzida só depois, que não pôde ser enunciada no momento, como se fosse necessária ao sujeito a dimensão do tempo, de seu tic-tac, quando ele não foi capaz de responder na bucha.

---

<sup>221</sup> Didier-Weill, Allain. Condições de transmissibilidade da letra em instância na psicanálise. In Inconsciente freudiano e a transmissão da psicanálise. p.32

Na psicopatologia da vida cotidiana é um significante desagradável, causa do recalque que é invocado e no Chiste é um significante siderante que é invocado, anterior ao riso quando o sujeito reencontra sua presença de espírito.

A partir desses textos Lacan pode estabelecer ou confirmar a existência do inconsciente tendo a mesma estrutura da linguagem. Utiliza a teoria saussuriana, mas acaba por desenvolver uma teoria própria que se estende além dos domínios da lingüística. Lacan se apercebeu desse ultrapassamento. Saussure descreve o signo na relação do significante com o significado. Lacan enfatiza o papel do significante e de como ele entra de fato no significado, ele o produz e pode ser considerado o “agente”. O significante para Lacan também é uma representação, mas uma representação que só aparece na relação de um significante com outro significante. O que ele significa remete ao sujeito, que ele próprio constitui, pois o sujeito não é pré-existente ao significante. Alguma coisa é significada para o sujeito, isto é, o que lhe é significado é que ele deve se assujeitar à lei do significante, que diz, deves desejar e, para isso, aceitar a castração.

Se para Freud o conteúdo do inconsciente era constituído por representações de coisas e os modos essenciais do funcionamento dos processos inconscientes, a condensação e o deslocamento, para Lacan são os significantes que formam o conteúdo do inconsciente e os modos à metáfora e a metonímia. É assim que Lacan faz uma interpretação da teoria do inconsciente nos termos da lingüística.

À distância entre Freud e o estruturalismo é visível, mas Lacan conseguiu fundir esses dois referenciais, ora descaracterizando um, ora o outro. Inicialmente a tradução de Freud é feita nos moldes estruturalista e os seus conceitos sofrem

distorções para se encaixarem em uma teoria mais geral que estava sendo criada por Lacan. Depois dos anos 60 os conceitos de Freud vão ser novamente trabalhados, a teoria do simbólico não pôde explicar certos fenômenos. Lacan vai novamente voltar aos conceitos principais de Freud. (Sem. XI) onde apresentará uma teoria muito mais elaborada, mais lacaniana e já bem distanciada do estruturalismo.

## CONCLUSÃO

O objetivo do trabalho foi entender, a frase de Lacan: *O inconsciente é estruturado como a linguagem*. Para isso era preciso conhecer os principais conceitos do estruturalismo, assim como os da lingüística.

Buscamos algumas definições a respeito do estruturalismo e selecionamos as principais idéias: a de conjunto – os elementos se unem num conjunto que deve ser visto, diferentemente, da soma de duas partes; a de relação entre esses elementos e a de modelo explicativo da lógica de organização dos mesmos.

Os estruturalistas tiveram muita preocupação em buscar um modelo capaz de explicar o maior número possível de aspectos de um fenômeno, de uma maneira mais simples, ou seja, mas econômica.

Em relação à lingüística, a contribuição veio da fonologia, esta serviu de modelo por considerar os termos em suas relações internas, por introduzir a noção de estrutura e por também buscar a construção de leis gerais. O grau de formalização que atingiu foi tal, que ela passou a servir de referência para outras disciplinas das ciências humanas, no propósito de ascenderem à categoria de ciências rigorosas.

O movimento estruturalista foi exatamente esse momento, onde as ciências humanas procuraram encontrar sua formalização. As relações sociais passaram a apresentar um modelo de construção, que além de revelar a organização, mostrava que este apresentava uma lógica interna subjacente ao real. A sociedade humana passava a ser vista de uma forma a evidenciar o código, a regra, e a estrutura. Fazia-se necessário criar um novo método para abordar as sociedades e o homem. O inconsciente, as sociedades primitivas e tudo que havia sido recalcado na

história ocidental, encontrou lugar no movimento que buscava a gramática do pensamento humano.

Na antropologia foi Lévi-Strauss quem incorporou as idéias estruturalistas ao tratar as relações de parentesco como elementos de significação. Para ele, o inconsciente é a condição a priori da cultura, onde devemos buscar a chave explicativa do fenômeno humano. A vida dos homens é organizada por um sistema inconsciente de operações mentais. A cultura passa a ser equiparada a um conjunto de sistemas simbólicos, as relações de parentescos obedecem muito mais às leis simbólicas às biológicas. O tabu do incesto é a única lei universal e normativa entre os homens. Na definição de Lévi-Strauss o inconsciente aparece como conjunto de estruturas, conjunto de leis, função simbólica, qualidade específica do ser humano.

Lacan vai ser grandemente influenciado por Lévi-Strauss nesse período. Com a equiparação da cultura a um conjunto de sistemas simbólicos e com a noção de inconsciente, Lévi-Strauss forneceu a Lacan condições de formular uma teoria de constituição do sujeito baseada não só na biologia, mas também no social. Lacan retira dos textos de Lévi-Strauss idéias como a importância da função simbólica nas expressões culturais, a estrutura significante que permeia as relações de casamento e parentesco e a estrutura dos mitos.

A psicanálise seria, dentre as ciências humanas, a mais adequada para reconhecer a realidade própria do sujeito humano, que é determinada pelo inconsciente.

Lacan foi estruturalista ao utilizar a noção de estrutura, inclusive em relação ao sujeito, ao adotar o inconsciente como estrutura oculta do

funcionamento humano, ao recorrer à lingüística para atingir objetividade e ao dar papel de destaque à linguagem, colocando as formações do inconsciente como fenômenos de linguagem.

Outro aspecto discutido refere-se à cura. Tanto na cura xamanística quanto na psicanalítica é a eficácia simbólica que opera a transformação no estado clínico do doente. A cura não se dá pela simples rememoração dos fatos vividos, mas muito provavelmente pelo fato de que, no momento em que as situações rememoradas se apresentam, o sujeito as experimenta imediatamente, sob a forma de um mito vivido. Na cura xamanística, o mito é coletivo, na psicanálise o mito é individual. Nas duas encontramos basicamente a mesma estrutura: a abreação que se dá através da linguagem e a confirmação coletiva do tratamento.

Com isso, Lacan vai propor fazer uma análise formal do mito individual que é a neurose e trazer alguma luz às formações que encontramos, tão freqüentemente, no vivido dos sujeitos neuróticos, dentro da experiência analítica.

O Mito de Édipo, trabalhado por Lévi-Strauss, é escolhido por Lacan como o complexo fundamental da constituição do sujeito, pois nele se entrecruzam três dimensões: é um mito social, familiar e individual. Lacan lê o Complexo de Édipo como um mito e substitui o sistema triangular por um quartenário, introduzindo o quarto elemento, que é a morte e acaba por evidenciar a ordem simbólica na constituição do sujeito.

O significante ao se inserir numa cadeia passa a insistir e determinar a posição que cada um vai ocupar. O deslocamento do significante determina o sujeito em todos os seus atos, seus objetos e seu destino a partir de uma sintaxe.

O período estruturalista de Lacan é o momento onde ele começa a propor sua teoria e conseqüentemente sua clínica. Faz uma crítica severa à psicanálise do ego e aos analistas da época pelos desvios praticados. Para ele a fala é o meio da abordagem psicanalítica e não o comportamento. É através da fala que a verdade aparece. *Isso fala*, no discurso do erro, nos sonhos, nos chistes, no sintoma e na transferência. É preciso estar sempre atento para escutar o sujeito em suas aparições.

A situação analítica está na ordem simbólica e o analista deve intervir no registro simbólico. Nenhuma de nossas ações escapa ao domínio do inconsciente.

A concepção formal de inconsciente, a aproximação do inconsciente com a linguagem, passando pela ordem simbólica e pela primazia significativa é que permitiram a Lacan postular que *o inconsciente é estruturado como a linguagem*.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1 – Trabalhos de Jacques Lacan

- LACAN, Jacques. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro: Editora Forense – Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_, **O mito individual do neurótico**. Lisboa: Cooperativa Editora e Livreira. CRL., 1987.
- \_\_\_\_\_, *O Seminário sobre “a carta roubada”* In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- \_\_\_\_\_, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- \_\_\_\_\_, *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- \_\_\_\_\_, *A significação do Falo*. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- \_\_\_\_\_, *A coisa freudiana*. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- \_\_\_\_\_, *O Seminário. Livro 1: Os escritos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1983.
- \_\_\_\_\_, *O Seminário. Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1985.
- \_\_\_\_\_, *O Seminário. Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1985.

### 2 – Outros autores

- BARTHES, Roland, **Le degré zero de l'écriture**. Paris: Points-Seuil, 1972 (1953).
- BASTIDES, R (coordenador), **Usos e sentidos do termo “estrutura”**. São Paulo: Editora Helder, 1971.
- DIDER, Weill, Alain. **Inconsciente freudiano e a transmissão da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998.
- DOSSE, François. **História do Estruturalismo**. São Paulo: Editora Ensaio, 1993. 2 vols.
- DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e Lingüística**. São Paulo: Editora Cultura Ltda., 1970.
- FREUD, Sigmund. *La elaboracion onírica. La Interpretación de los suenos*. Obras Completas. Madrid. Biblioteca Nueva. 1973. p. 516 – 6555.
- \_\_\_\_\_, *Los sueños*. Madrid. Biblioteca Nueva. 1973. p. 721 – 752.
- JURANVILLE, Alain. **Lacan e Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- LAPLANCHE, J.R. e Pontalis, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo, Livraria Martins Fontes Ltda., 6ª edição.
- LEPARGNEUS, Hubert. **Introdução ao estruturalismo**. São Paulo, Editora Cultural Ltda., 1970.
- LEPSCHY, Giulio C. **A lingüística estrutural**. São Paulo: Perspectiva, Editora, Editora da USP., 1971.



- LEMAIRE, Anika. **Jacques Lacan – uma introdução**. Rio de Janeiro, Editora Campos Ltda., 1979.
- LÉPINE, Claude. **O inconsciente na antropologia de Lévi-Strauss**. São Paulo: Ártica, 1979.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss*. In: **Sociologie et anthropologie**. Paris: Puf, 1968. p. IX-LII
- \_\_\_\_\_, *O feiticeiro e sua magia*. In: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1975.
- \_\_\_\_\_, *A eficácia Simbólica*. In: **Antropologia Estrutural**. São Paulo.
- \_\_\_\_\_, *A estrutura dos mitos*. In: **Antropologia Estrutural**. São Paulo.
- \_\_\_\_\_, *A noção da estrutura em Etnologia*. In: **Estruturalismo** - revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, p. 65-77.
- MACEY, David. Lacan in contexts. London: Verso, 1988. Vol. 15/16.
- MAUSS, Marcel. *Rapports reel et pratiques de la psychologie et de la sociologie*. In: **Sociologie et anthropologie**. Paris: PUF, 1968. P. 145 – 279.
- MILLER, Jacques – Alain. **Percursos e Lacan – Uma introdução**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora Ltda., Segunda edição, 1970.
- MULLER, John P. and Richardson, William J., **Lacan and language** – A reader's Guide to Écrits. New York: International Universities press. Inc. 2 Printing, 1985.
- OLGIVIE, Bertrand. **Lacan – a formação do conceito de sujeito**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1988.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994.
- SAFOUAN, Moustapha. **Estruturalismo e psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1970.